

**Nossa Identificação
com Cristo ...**

David Kuykendall

Nossa Identificação com Cristo

*Um estudo de como viver pela graça,
mediante a fé*

Tradução de Roque Monteiro de Andrade

Juerp

Todos os direitos reservados. Copyright Ó 1983 da JUERP para a língua portuguesa. Direitos cedidos mediante contrato por David Kuykendall, Calvary Baptist Church of Oak Cliff, Dallas, Texas. Copyright Ó 1980 by David Kuykendall.

248.5

Kuy.Nos Kuykendall, David

Nossa identificacao com Cristo; um estudo de coma viver pela graca, mediante a fé. Tradução de Roque Monteiro de Andrade. Rio de Janeiro, Junta de Educacao Religiosa e Publicacoes, 1983.

163p.

Titulo original em inglês: *Our Oneness with Christ*

1. Vida Cristã — Crescimento. 2. Vida Cristi — Santificação. I. Titulo.

CDD—248.5

Capa: Concepção do
original em inglês
Execução do SDA

3.000/1983

NO. de Código para Pedidos: 23.113

Junta de Educação Religiosa e Publicações da

Convenção Batista Brasileira Caixa Postal 320, CEP: 20001

Rua Silva Yale, 781 — Cavalcânti — CEP:21370 Rio de Janeiro,

RJ, Brasil

Impresso em gráficas próprias

Dedicated to

Aos membros da Igreja Batista do Calvário de Oak Cliff, em Dallas, Texas, que receberam pacientemente e corresponderam ao espírito da mensagem relacionada com a identificação do crente com Cristo, durante os cinco anos quando servi ali como Pastor, e cujas orações e palavras encorajadoras resultaram em tornarem-me o esforço de escrever este livro uma realização de amor.

Agradecimentos

Minha experiência, com este livro, me deixará sempre em condições de apreciar profundamente as pessoas que procuram prestar ajuda a quem esteja preparando alguma publicação. Devo, portanto, uma palavra franca, de gratidão, a Aileen Nay, Jessie Mae Chancey, Carol Faubion, Nancy Appling, Nancy Barnett e LaNelle Bledsoe, pelos necessários serviços de datilografia. Além disso, sinto-me na obrigação de proferir um entusiástico “muito obrigado” ao Dr. Raynal Barber, Sr. Will Barber, Sr. Ron Ellis e Dr. Gene Reinolds, pela leitura que fizeram dos manuscritos e por terem-me oferecido a sugestão para que admitisse não só úteis, mas até mesmo necessárias mudanças.

Sinto-me especialmente reconhecido à minha esposa, Janie, que leu o manuscrito e procurou ajudar-me com sugestões preciosas. O mais importante consistiu no fato de que ela, ao longo de nove anos, vem procurando encorajar-me, e associou-se comigo nesta comunicação da mensagem relativa à nossa identificação com Cristo e, de modo sobremaneira relevante, tem insistido em demonstrar, no decurso desses referidos nove anos, pela sua própria maneira de viver, o que em verdade significa um autêntico comportamento correspondente à identificação do crente com Cristo.

Uma palavra de apreciação é também devida à Tyndale House Publishers, de Wheaton, Illinois, pela sua permissão para que se pudesse fazer citação da *The Living Bible*.

David Kuykendall

Apresentação

Esta deleitável e muito oportuna obra, escrita por David Kuykendall, não é apenas outro livro versando sobre o tema da “identificação do crente com Cristo”. Porque, com efeito, é obra que procura penetrar em áreas mais recentes e pouco conhecidas, do pensamento e da compreensão, concernentes a este grandioso tema.

O Sr. Kuykendall conseguiu mesmo fazer uma contribuição especial a propósito dos estudos relativos ao viver triunfante do crente. Em alguns aspectos, pode-se afirmar que o pensamento que ele esboça é mais do que novidade e originalidade, pois chega a ser algo *singular*. Por exemplo, no capítulo sob o título “Adão, Figura de Cristo”, o autor apresenta-nos o problema básico do pecado como exclusividade de uma “atitude de conhecimento total requerida pelos instantes quando se impõe uma tomada de decisão”. Só o conteúdo desse capítulo seria suficiente para justificar o esforço da leitura do livro. A obtenção de um cabal entendimento de nosso problema básico do pecado constitui chave insubstituível para que se chegue a fruir de uma existência cristã vitoriosa! *Nossa Identificação*

com Cristo é livro que nos apresenta essa chave de maneira vívida, clara e concisa.

O caráter prático dos ensinamentos contidos no livro lhe ressalta a importância para o interesse espiritual do leitor. Ninguém aí se sente perdido, em face de jargões doutrinários ou complexidades teológicas. Porque, nossa “identificação” com Cristo—não obstante tratar-se de verdade profunda—apresentase, no curso do livro, em linguagem simples.

Nossa Identificação com Cristo é como uma resposta muito bem-vinda, da pena do Sr. Kuykendall, que, dessa forma, atende a reiterados apelos, que lhe foram dirigidos por seu povo, no sentido de que procurasse comunicar esta mensagem em escala suficientemente ampla.

R. Gene Reynolds

Sumário

INTRODUÇÃO 10

***Primeira Parte* — TESTEMUNHO PESSOAL 14**

1. Testemunho Pessoal 15

***Segunda Parte* — FUNDAMENTOS DOCTRINARIOS 23**

2. Adão, Figura de Cristo 24

3. O Batismo na Identificação com Cristo 32

4. A Suposição de Encontrar-se Alguém Identificado com Cristo 39

5. Que Papel Representa a “Vontade” do Crente? 45

6. Cristo Vivendo no Crente — Cristo Considerado Como Nossa Vida 50

7. A Conduta de Acordo com o Espírito 54

***Terceira Parte* — AS MUDANÇAS QUE PODEMOS
ESPERAR 60**

8. As Transformações Operadas Pela Libertação
do Poder do Pecado 62

9. Transformados Pelo Andar no Espírito 71

10. Transformados por uma Vida Entronizada 85

***Quarta Parte* — CONSIDERAÇÕES
PRÁTICAS 96**

11. Deveinos Procurar a Verdadeira Luz Que Vem
do Senhor 98

12. Questões Frequentemente Suscitadas 105

13. Algumas Advertências Necessárias 113

14. Sugestões Para Leitura 122

15. O Crescimento na Experiência da União
com Cristo 130

CONCLUSÃO 138

Uma Palavra Final do Autor 150

Introdução

O apóstolo Paulo teve ocasião de escrever assim: “Entretanto, se vocês se entregarem ao Senhor, vocês e Cristo se unem como uma só pessoa” (I Cor. 6:17 — NTV). Procuramos desenvolver o conceito da “união com Cristo” ao longo desta obra. Em todo o curso do livro vamos empregar os termos “união com Cristo” e “identificação com Cristo”, sem diferenciações. Porque o conceito de que Cristo e o crente se constituem UM é ensinado em todo o transcurso do Novo Testamento. Diz-se de Cristo que ele se encontra “em” o crente, e diz-se do crente que ele se encontra “em” Cristo. Há respeitáveis estudiosos da Bíblia afirmando que as asseverações do Novo Testamento, nesta linguagem, “em Cristo”, “em Quem”, “Nele” e “no Amado”, com freqüência significam “em união com Cristo”. Há muitos crentes entendendo que Cristo

esteja “neles”, não obstante o fato de que tão somente um pequeno número deixa transparecer a persuasão de que estão “em” Cristo.

O conceito da identificação com Cristo é de teor teológico, mas inclui algo mais do que isso. Porque se trata de uma verdade capaz de operar mudanças na maneira de viver de alguém. O presente ensaio pretende demonstrar que, caso nós, os crentes, procuremos viver à luz do conceito de nossa união com Cristo, haverá de verificar-se que todas as áreas de nossa existência terão de ser tocadas, e transformadas para melhor. Lemos, em Romanos 1:17, que o evangelho revelanos a justiça de Deus “de fé em fé”. Isso significa dizer-se que temos de viver cada instante consoante a mesma fé, mediante a qual é dado, ao ser humano, adentrar-se no Reino de Deus.

A experiência da entrada no Reino de Deus constituiu-se, para nós, oportunidade quando pudemos depositar absoluta confiança em Deus, pelo fato de bem sabermos que nada poderíamos fazer além do gesto da aceitação. A salvação que obtivemos, então, constituiu-se ato exclusivo da graça divina, em resposta à fé que nele depositamos. Cada instante de nossa existência há de ser vivido dessa mesma maneira. Vamos demonstrar como uma apropriação de tudo quanto passa a pertencer ao crente, por sua união com Cristo, vem a ser, deveras, o meio *exclusivo* pelo qual ele pode viver incessantemente pela graça, mediante a fé.

O ponto de nossa insistência consiste na observação de que o problema de nossa pecaminosidade reside na presunção da autoconfiança. Mais basicamente, a pecaminosidade reside na autoconfiança preponderante nos instantes quando se tenha de optar por relevantes decisões. Ou, para dizer-se em outras palavras, a pecaminosidade reside na “soberba” que provém de qualquer presunção de sabedoria humana. Em II Coríntios 1:8,

9, o apóstolo Paulo procura ensinar como nossa incapacidade de depositarmos fé absoluta em Deus provém da teimosia em depositarmos a fé em nós mesmos. Procuraremos ressaltar a verdade de que podemos libertar-nos do vezo de cremos em nós mesmos quando nos persuadimos de nossa união com Cristo. E tal libertação, relativamente a qualquer autoconfiança, há de capacitar-nos para que estejamos continuamente cheios do Espírito. Pois, na Epístola aos Gálatas, Paulo procurou estabelecer correlação entre a vida pela fé e a vida consoante o Espírito.

Procuraremos demonstrar que se operam mudanças em nossa conduta sempre que conseguimos livrar-nos do vezo da autoconfiança e somos cheios do Espírito. Também vamos realçar a verdade de que não se operam mudanças através do entendimento de que estamos “nas regiões celestes em Cristo” (Ef. 1:3), exatamente por causa de nossa união com ele.

O Novo Testamento emprega uma variedade de termos para trazer, à mente dos leitores, a realidade de nosso relacionamento com o Senhor. Por exemplo, justificação, santificação, reconciliação, adoção, novo nascimento, perdão. Parece-nos estranho que a cristandade demonstre mais perspicácia para a obtenção do sentido de cada um desses termos descritivos do que para a obtenção do sentido da união do crente com Cristo. De certo modo, tal fato chega a ser lamentável, pela consideração de que é exatamente pela melhor persuasão de nossa união com Cristo que nos advém o necessário condicionamento para que se verifiquem mudanças relevantes em nossa maneira de viver.

Vamos desenvolver o tema proposto em quatro partes ou seções, seguindo-se, então, uma conclusão. Cada uma das partes será precedida por enunciados breves. A primeira parte traz meu testemunho pessoal de como despertei para o fato, e, em

consequência, passei a procurar palmilhar uma conduta capaz de refletir a união do crente com Cristo. A descrição inclui referências a poucas das mudanças resultantes da experiência. A segunda parte procura tratar da teologia envolvida na discussão do tema. A terceira parte descreve muitas das mudanças que nos é lícito aguardar num sincero empenho por viver sob a persuasão da identificação do crente com Cristo. A quarta parte inclui cinco capítulos, nos quais se encontram sugestões práticas para todos quantos almejem viver de modo coerente com a união do crente com Cristo.

O leitor terá de aperceber-se da ocorrência de muita repetição, ao longo do livro. Isso é de propósito. Porque, na maioria dos casos, os crentes passam a experimentar a identificação com Cristo tão-somente depois de várias exposições sobre o assunto. No meu próprio caso pessoal, tenho de dizer que os três livros através dos quais foi do agrado do Senhor revelar-me a verdade da união do crente com Cristo tinham estado nas prateleiras já por sete anos, e eu os tinha lido. Quando o leitor chegar a conclusão, haverá de compreender por que se faz tão necessária a repetição, quando se encontra alguém expondo o tema da união do crente com Cristo. Confio na paciência do leitor, que entenderá, decerto, que, em meu esforço repetitivo, finalmente alcancei o que pretendia.

Nas mãos de alguém cuja existência presente lhe proporcione real conforto, este livro nenhuma novidade parecerá trazer-lhe. Nas mãos, porém, daqueles que tenham chegado à exaustão, a leitura deste livro poderá tornar-se fator de novas perspectivas para a fruição de um dia mais radioso, de vida mais prazenteira.

Primeira Parte

Testemunho Pessoal

Aqui não se vai tentar nenhuma apresentação de testemunho cabal a propósito da experiência da identificação do crente com Cristo. Porque o que se pretende é, propriamente, fazer uma introdução a mensagem concernente a “nossa identificação com Cristo”, mediante uma comunicação da maneira como o Senhor revelou, a um de seus filhos, a verdade de sua própria união com Cristo, procurou conduzi-lo a uma vida coerente com essa união e determinou que houvesse nele real mudança.

1

Testemunho Pessoal

Aceitei Jesus Cristo como Salvador pessoal com a idade de doze anos, mas não pude desenvolver-me em minha experiência de salvação, com o Senhor, em todo o decurso dos primeiros seis anos. Tal desenvolvimento teve seu ponto de partida imediatamente depois de uma experiência de plena submissão ao Salvador, poucos meses após a conclusão de meu curso secundário. Nos meses subseqüentes àquele acontecimento, meu novo relacionamento com o Senhor foi de molde a conduzir-me a uma espécie de comportamento que agora sou capaz de reconhecer como sendo verdadeiramente “andar em Espírito”.

Naquela ocasião, não tive a noção exata do que se estava passando em mim. Na verdade, eu não tinha ainda nenhum conhecimento de *Quem*, efetivamente, seria o Espírito Santo.

Durante aquela primeira fase de experiência em “andar no Espírito”—período que teria durado algumas semanas ou mesmo meses—minha vida passou a caracterizar-se por um profundo anseio pela salvação dos perdidos, bem como por um estranho amor e ternura, que passei a sentir para com as pessoas em geral. Agora estou persuadido de que aquelas poucas semanas teriam sido o resultado de uma atuação soberana de Deus em minha vida. E que ele queria que eu chegasse à compreensão do que a vida cristã pode ser de fato. E o Senhor, certamente, assim procede em relação a todos os seus filhos.

Quando se me tornou claro, meses depois, que aquele amor e compaixão não estavam mais caracterizando minha maneira de viver, comecei a pedir ao Senhor que me enchesse novamente da persuasão de seu amor para comigo. Notei que a experiência me ocorria por períodos breves, não sendo permanente. Por meses seguidos pus-me a orar a Deus, suplicando-lhe que me concedesse a capacidade de amar, como a havia experimentado anteriormente. Os meses transformavam-se em anos. Chegou-me, então, a oportunidade quando pude ler como D. L. Moody e Charles G. Finney obtiveram a experiência da plenitude do amor de Deus e do Espírito de Deus. Então passei a suplicar a Deus, no sentido de obter que também eu alcançasse experiência semelhante à deles. Mas tal não me acontecia. Entretanto, o ardente desejo de amar, acendido em meu coração, nunca mais me abandonou.

Associando-se a experiência de ansiedade que me indicava a existência de um amor que eu ainda não possuía, encontrava-se a experiência da ansiedade, provocada pela verificação íntima da existência, em mim, de certas atitudes que jamais deveriam

ser admitidas. A incapacidade que eu sentia de exercer qualquer controle em meu temperamento constituía-se verdadeiro peso em meu coração. Eu tinha inveja de outras pessoas. Havia motivos de terror que quase me faziam inerte. Certa timidez injustificável constituía-se incessante embaraço para a cumprimento fiel de meu ministério. Eu insistia em orar muito a propósito da presença, em mim, de tais pecados, mas continuava verificando que nenhuma vitória me ocorria, exatamente como a capacidade de amar de modo incessante também não me voltava à experiência.

Todos os referidos pecados permaneceram comigo, em todo o curso de meus primeiros anos de casado, nos anos dedicados aos estudos, no período quando estávamos criando os filhos e mesmo no desempenho das tarefas pertinentes ao pastorado, exercido em várias igrejas. Então, já prestes ao momento quando o Senhor haveria de abrir-me os olhos para o entendimento da experiência da identificação do crente com Cristo, veio a ocorrer um problema, relacionado com certo ressentimento que eu nutria dentro de mim. Isso apenas haveria de intensificar o peso que eu sentia em meu íntimo e meu sentimento de culpa. Também, coincidindo com tais experiências, ocorreu-me a convicção de que eu não desfrutava a alegria da salvação conforme lemos na Bíblia.

Em 1971, quando eu chegava a meus quarenta e um anos de idade, as angústias advindas dessas experiências tornaram-se insuportáveis em meu coração. Agora entendo que aquelas angústias provinham-me pela atuação divina. Foi então que comecei a suplicar a Deus, de modo desesperado, que me concedesse aquela espécie de vida que eu havia experimentado quando ainda adolescente. Com efeito, cheguei ao extremo de suplicar, ao Senhor, que me matasse, caso não quisesse transformar toda a minha maneira de ser. Permaneci orando desse modo cerca de duas semanas. Durante os referidos dias

de profundo desespero, tive ocasião de ler outra vez as narrativas escritas a propósito das experiências de Finney e de Moody, e insistia em obter a mesmo tipo de experiência que lhes havia ocorrido. Nada me acontecia, porém.

Eu insistia em ler a Bíblia, em busca de “luz”. Procurava auxílio pela leitura de outros livros. Certo dia, estava a manusear um livro, escrito por Ruth Paxson, que traz a título *Life on the Highest Plain* (Vida no Mais Alto Plano), quando meus olhos depararam com certa frase. Ali se ressalta que o fulcro sobre o qual gira a experiência da vitória na vida cristã se encontra em Romanos 6. Ora, eu conhecia muito bem Romanos 6, mas a leitura desse capítulo das Escrituras nunca me proporcionou vida vitoriosa. Entretanto, pelo menos me sentia na posse de alguma orientação. Passei a estudar Romanos 6 de todas as maneiras viáveis a mim. Nenhuma nova luz me iluminou, até quando me foi dado ler um livro intitulado *The Normal Christian Life* (A Vida Cristã Normal), da autoria de Watchman Nee. Anos antes eu havia lido esse livro. Relendo-o, fiquei impressionado com a testemunho dado pela autor. Ele havia tomado a decisão de interromper sua atividade na pregação até quando lhe fosse dada que compreendesse a significado da crucificação do “velho homem”.

A crucificação do “velho homem”, então, passou a ter significado para mim. Na continuação de sua narrativa, Nee teve ocasião de referir-se ao dia quando ele chegou a compreensão de como o “velho homem” é crucificado. A resposta a isso encontra-se em Romanos 6:3. O “velho homem” fora crucificado pelo fato de o crente já ter sido batizado na união com Cristo. Eis que a esperança estava surgindo em meu íntimo.

Lembrei-me, então, que possuía um livro no qual se incluía certo capítulo, intitulado “Unido com Cristo”. O referido livro

trazia a título *Balancing the Christian Life* (Equilibrando a Vida Cristã), da autoria de Charles C. Ryrie. Apresseime a ler novamente esse capítulo. Nada achei que fosse de auxílio, até que cheguei às duas últimas páginas do mesmo. Li, nessas páginas, que, visto como a crente fora batizado mediante sua união com a Senhor Jesus, a história da vida do Senhor passou a ser a própria história do referido crente. Não obstante ser verdade que tal descoberta nenhuma mudança determinava em minha maneira de ser, é fato que ela contribuiu para a esperança que havia começado a possuir-me.

Voltando a ler a livro *The Normal Christian Life*, descobri que o autor dava, ali, muita ênfase ao que se encontra escrito em Romanos 6:11. Diz-se, neste versículo, que cumpre ao crente tomar em consideração sua morte para o pecado e sua vida para Deus. O autor chama a atenção dos leitores para o significado do termo, que é relevante para a contabilidade comercial, e refere-se a anotações.

Entendi, em face disso, que me cumpriria “tomar nota”: Estou morto para o pecado e vivo para Deus, mediante o Senhor Jesus Cristo. Nee observa ali, em seu livro, que “considerai-vos”, na linguagem do texto, implica ato de fé. E como se alguém estivesse a ouvir Senhor a dizer: “Crê que estás morto para o pecado e vivo para Deus.”

Sempre admiti a teologia que me impressionava com a persuasão de que não posso deixar de pecar. Entretanto, passava a persuadir-me de que as Escrituras me ensinam que não estou comprimido a viver pecando. Por várias horas, passei, então, a orar com palavras inteiramente desconhecidas anteriormente. Minha oração consistia em frases assim: “Pai, dou-te graças pela bênção de não estar obrigado a ficar enraivecido, nem com ciúmes, nem sob medo de nada, de modo que tens absoluta liberdade de viver em mim.” Essa nova intuição e essa nova

maneira de orar vieram a transformar meu ser. E verdade que surgiram muitas situações capazes de tornarem-me enraivecido, mas não fiquei possuído de ódios. Persuadi-me, deveras, de que todas as tendências que me levavam aos aborrecimentos escoaram-se de minha existência de modo cabal e instantâneo. Não tenho condições de dizer se meu vezo invejoso, minha injustificável timidez e meus ressentimentos se dissiparam tão subitamente e de modo dramático, mas posso afirmar que experimentei mudanças em relação a tudo isso. E ainda continua a experimentar tais diferenças.

Em contrapartida, de modo lento, o amor para com os perdidos e a ternura no trato para com eles começaram novamente a exercer influência em minha maneira de viver. Uma intensa alegria veio a possuir-me, de modo incomparável. Porque as mudanças em mim operadas eram realidades óbvias, a ponto de outras pessoas o perceberem.

Os dias subseqüentes me traziam tremendas excitações, à medida que a Senhor ia confirmando mais e mais minha persuasão de que ele se encontrava como fator de mudanças em meu viver. Comecei, então, a pensar: “Finalmente descobri o que o Senhor quer dizer quando nos assevera que veio a este mundo para que tenhamos vida abundante.” Com efeito, um significativo processo de mudança operou-se em mim quando o Senhor começou a revelar-me a existência de pecados em minha vida, dos quais eu antes não estava apercebido.

Uma vez na posse dessa revelação, entendi o que tinha a fazer. Porque compreendi, então, que tais pecados tinham sido crucificados em Cristo. Por outro lado, ele passou a abrir-me o entendimento para uma compreensão mais entusiástica das Escrituras.

Poucas semanas depois de a Senhor ter-me concedido a iluminação espiritual necessária para a experiência de uma nova

maneira de viver, ocorreu que também os olhos de minha esposa, Janie, se abrissem para a apreensão da mesma verdade libertadora. No caso dela, o despertamento lhe ocorreu através da leitura de certo opúsculo, que tratava da necessidade de obter-se nova maneira de raciocinar espiritual mente. Foi-me algo maravilhoso passar a tê-la como companheira, para palmilharmos esses novos caminhos.

Enquanto estavam ocorrendo, assim, mudanças satisfatórias em nossa maneira de viver, o mesmo não estava acontecendo relativamente ao ministério. Encontrávamo-nos sob preocupações, ante a falta de frutos na realização do ministério. Então, passei a suplicar a Deus que me permitisse renunciar ao pastorado de minha igreja. Fiquei possuído da persuasão de que, caso me transferisse para uma igreja menor do que a que estava sob meus cuidados, talvez me fosse dado exercer pastorado mais frutífero. Os anseios relativamente à consecução de um pastorado mais frutífero passaram a dominar-me, exatamente como havia acontecido relativamente às mudanças em minha experiência espiritual.

Certa noite—já dezoito meses depois daquela descoberta concernente à união do crente com Cristo—procurei dirigir a Deus uma súplica, nos seguintes termos: “Pai, vou mesmo deixar esta igreja. Estou disposto a abrir mão de tudo. Como chefe de família, pai, filho, amigo e pessoa relacionada no meio em que tenho vivido. Eu a tudo renuncio. Se tens algum plano, estou à tua disposição. Quanto a mim, nada tenho em vista, ainda. Não ouse tomar iniciativas.”

Dentro de poucas semanas, verifiquei que a Senhor passou a conceder-me frutos em meu ministério, tanto quanto a havia feito relativamente a outras experiências. Tornou-se-me absolutamente claro que ele sempre desejou que eu chegasse ao ponto de dizer-lhe: “Rendo-me a ti, Senhor. Mostra-me o

que queres. Estou pronto a fazer a tua vontade.” Porque, com toda a certeza, ele tem os planos correspondentes a cada um dos instantes em nossa existência. Deus requer nossa melhor predisposição para a consecução de seus desígnios, que são, evidentemente, perfeitos.

O doutrinamento apenas aludido, no decurso desse testemunho pessoal, será desenvolvido de modo mais minucioso ao longo deste livro. As transformações operadas por Deus em minha vida e referidas neste testemunho pessoal hão de parecer até mesmo irrelevantes, ao serem comparadas com a mais perfeita transformação que a crente poderá experimentar, se consentir em iniciar-se na verdadeira vida de comunhão com Cristo. Muitas mudanças espirituais vão ser consideradas no curso deste ensaio. A maneira como essa iniciação se verifica, na existência de alguém, é invariável na experiência dos indivíduos. Porque sempre terá de ocorrer um instante de despertar espiritual, haver uma atitude franca de submissão da parte do crente e o considerar-se alguém identificado com Cristo.

Segunda Parte

Fundamentos Doutrinários

Os capítulos que constam nesta parte do livro procurarão demonstrar, aos leitores, os fundamentos doutrinários para que o crente possa empenhar-se em viver à base da união com Cristo. Neles se verifica a existência de certa progressão. Porque cada capítulo mantém conexão com o anterior. O leitor não deverá lê-los admitindo outra ordem, senão a que o livro lhe enseja.

Adão, Figura de Cristo

O apóstolo Paulo teve ocasião de referir-se à pessoa de Adão como “figura” de Cristo (Rom. 5.14). Para nos inteirarmos devidamente do conceito relativo a união do crente com Cristo, temos de procurar entender a pessoa de Adão como sendo figura de Cristo. Trata-se de chamar-se a atenção para o fato de que há algo de semelhança entre Adão e Cristo.

A “diferença” entre Adão e Cristo é coisa evidente a todos. Adão introduziu o pecado no mundo, enquanto se sabe que Jesus viveu absolutamente sem pecado e consumou a salvação dos crentes. Não obstante isso, há semelhança entre os dois.

Ambos se constituem cabeças da raça humana. Uma vez constituindo-se cabeças da raça, cada um deles teve de transmitir, aos membros, certos elementos, que se correlacionam com a respectiva cabeça.

Romanos 5:12 é um texto que ressalta o fato de que Adão transmitiu, à raça humana, o pecado e a morte. Romanos 5:19 é um texto que procura dissertar mais amplamente sobre a entrada do pecado na experiência da raça humana. Declarase, no texto, que, quando Adão pecou contra Deus, “muitos tornaram-se pecadores”. Não é difícil perceber-se a lição desse conceito bíblico. Por exemplo, quando foi que os seres humanos ficaram dotados de dois olhos e duas vias auditivas? Certamente foi no momento quando Adão foi criado por Deus. E, quando foi que os seres humanos ficaram dotados de dez dedos nas mãos e dez dedos nos pés? Não há dúvida, aconteceu isso quando Adão foi criado por Deus. Então, exatamente dessa forma, quando Adão se tornou pecador, diante de Deus, todos os seres humanos também passaram a ser pecadores, diante de Deus. E quando Adão incidiu na morte espiritual, também os seres humanos todos, dele procedentes, ficaram submetidos à mesma experiência. Sabe-se que Adão não experimentou a morte física no momento quando comeu do fruto proibido. Essa experiência ele veio a sofrer posteriormente. Entretanto, no instante quando ele comeu do fruto, ocorreu-lhe a morte espiritual. Pelo fato de ter comido do fruto, Adão foi expulso do jardim do Eden e afastado da árvore da vida, vindo, portanto, a experimentar a morte física posteriormente. E nesse sentido que se pode dizer que Adão morreu fisicamente no instante quando comeu do fruto, e, quanto a nós, também pode-se dizer que morreremos fisicamente desde quando ele comeu do fruto proibido por Deus.

Em Romanos 5:12-14, o apóstolo Paulo refere-se ao fato de que todos os que viveram desde Adão até Moisés

experimentaram a morte física. Não obstante saber-se da inexistência, então, de qualquer lei—considerando-se que o pecado não é atribuído a ninguém quando não exista lei—o fato notório é que morreram fisicamente. O que interessa observar-se é que Adão constituiu-se cabeça da raça humana, de modo que o que aconteceu com ele teve de transmitir-se aos seus pósteros. Ora, somos descendentes de Adão, e é inevitável que experimentemos a morte física, a menos que o Senhor volte a este mundo antes que vençamos a trajetória da existência de cada um de nós.

Recebemos de Adão, portanto, um fator espiritual (consistindo na evidência de que somos pecadores) e um fator corporal (consistindo na evidência de que somos mortais). E observe-se—nunca se poderá superestimar a relevância dessa realidade—que o referido fator espiritual (nossa pecaminosidade) encontra-se presente em nossa maneira de viver. Quanto ao fator fisiológico (nossa mortalidade), é experiência para um futuro próximo ou remoto.

Será que deparamos com clara indicação da natureza adquirida por Adão, ao tornar-se pecador? Deparamos, sim. O Novo Testamento emprega as expressões “velho homem” e “carne” para descrever o problema do pecado, transmitido à raça humana desde Adão. Há também uma expressão pela qual o Velho Testamento procura caracterizar o problema da pecaminosidade humana. Encontra-se em Genesis, Capítulos 2 e 3. Um exame particular de alguns dos versículos exarados nos referidos capítulos servirá de esclarecimento:

Genesis 2:9 — “E o Senhor fez brotar da terra toda qualidade de árvores agradáveis à vista e boas para comida, bem como a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal.”

Genesis 2:16,17 — “Ordenou o Senhor Deus ao homem,

dizendo: De toda árvore do jardim podes comer livremente; mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dessa não comerás, porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás.”

Genesis 3:1 — “E esta (a serpente) disse a mulher: E assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?”

Genesis 3:2,3 — “Respondeu a mulher a serpente: Do fruto das árvores do jardim podemos comer; mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais.”

Genesis 3:4,5 — “Disse a serpente a mulher: Certamente não morreréis. Porque Deus sabe que, no dia em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal.”

Genesis 3:6 — “Então, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu, e deu a seu marido, e ele também comeu.”

Genesis 3:11 — “Deus perguntou-lhe mais: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?”

Genesis 3:12 — “Ao que respondeu o homem: A mulher que me deste por companheira deu-me da árvore, e eu comi.”

Genesis 3:22, 23 — “Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tem tornado como um de nós, conhecendo o bem e o mal. Ora, não suceda que estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente. O Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Eden.”

Atente-se para o fato de que o homem foi expulso do jardim do Eden pelo motivo de se ter apossado do conhecimento do

bem e do mal. O estudo das passagens bíblicas citadas demonstra, de modo concludente, que o fato de o homem haver comido do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal foi o que determinou que ficasse contaminado pelo conhecimento do bem e do mal. Tenha-se na lembrança que Romanos 5:19 contém o ensino de que Adão tornou-se pecador quando comeu do fruto proibido. O problema da pecaminosidade humana, portanto, consiste no conhecimento do bem e do mal.

Que será que significa, propriamente, e o que quer dizer o conhecimento do bem e do mal? Minha opinião é que tal conhecimento implica atitude de presunçosa onisciência concernente ao que seja bom ou mau para o próprio indivíduo ou para outrem. Ao longo da exposição que vamos fazer, nos referimos a essa presunção de onisciência usando o termo “sabetudo”, que exprime atitude arrogante ou soberba, assumida pela sabedoria humana. Imediatamente, ao ocorrer-lhe que tinha de optar por uma deliberação, percebe-se que Adão procurou comportar-se como verdadeiro portador de excelentes respostas. E tal maneira de pensar ele transmitiu à raça humana. O capítulo primeiro da Epístola aos Romanos parece apoiar essa exposição concernente ao problema da pecaminosidade humana. Ve-se, na última parte do capítulo, uma longa lista de pecados que fazem os seres humanos serem culpados. Entretanto, depara-se com um versículo fundamental, ao entendimento do problema, quando o Apóstolo ressalta que os homens, “nas suas especulações, se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se estultos” (Rom. 1:21, 22). E que a atitude de presunçosa onisciência, no que concerne a responsabilidade de uma decisão em face de Deus, foi o que abriu as comportas da alma humana para ser inundada por muitas outras formas de pecado.

Outras passagens das Escrituras há que procuram deixar claro, aos leitores, como o problema da pecaminosidade humana

não é outro senão um “problema racional”. Por exemplo, na descrição que nos faz a propósito das pessoas ainda perdidas espiritualmente, como se pode ler em Efésios 4:17, o Apóstolo começa declarando que os perdidos andam “na vaidade da sua mente”. Em Romanos 12:2, o mesmo Apóstolo procura ressaltar a necessidade de os crentes transformarem-se pela renovação de sua mente. Um notável versículo, exarado no livro de Provérbios, nos diz: “Porque, como ele pensa consigo mesmo, assim é” (Prov. 23:7). E, com efeito, sabe-se que a palavra “arrepender-se” se origina de dois termos gregos, cuja significação é: “mudar-se a maneira de pensar”.

Assim sendo, percebe-se que, seja qual for o significado atribuível às expressões “velho homem” e “carne”, o problema fundamental da pecaminosidade humana vem a ser um problema racional. A pecaminosidade implica uma maneira de pensar-se. E, essa maneira de pensar-se consiste em atitude de presunçosa onisciência, assumida pelo ser humano em qualquer instante quando lhe ocorra a responsabilidade de decidir-se em face de Deus. Talvez se possa dizer que o problema do pecado jaz no subconsciente. Mas a verdade é que todas as pessoas, neste mundo, admitem encontrar-se em condições de discernir entre o que seja bom e o que seja mau. E o caso é que tal atitude de “sabe-tudo”, residente em cada pessoa, nunca se contenta com nina atuação estritamente individual. E atitude que insiste em envolver outras pessoas. Chega ao extremo até de falar em nome de reis e de presidentes das maiores nações da terra. Arvora-se a falar em nome da totalidade da Igreja. Pretende tomar decisões que comprometem todos. Ousa deliberar a propósito de todos os demais seres humanos.

Que vem a ser, então, o “velho homem” e o que se quer dizer por “carne”? O “velho homem” é tudo quanto nos vem caracterizando desde Adão, sempre que nos mantemos a distância do Senhor Jesus Cristo. Ou, empregando-se outras

palavras, o “velho homem” consiste numa atitude de quem “sabe-tudo”, bem como no que tal atitude vem produzindo nos seres humanos em geral. Quanto ao conceito de “carne”, consiste basicamente na antoconfiança do orgulho humano. Não se deve entender que sejam expressões sinônimas, mesmo porque a expressão “velho homem” é de escopo mais amplo. A orgulhosa antoconfiança, que é a “carne”, inclui-se no conceito mais amplo do “velho homem”. Todavia, quer se esteja empregando a expressão “velho homem”, quer a expressão “carne”, para o que se concerne ao problema da pecaminosidade humana, o fato é sempre que basicamente se quer ressaltar a soberba arrogante, a atitude do “sabe-tudo”, assumida pela impenitência. Trata-se da presunção de onisciência de quantos tenham de tomar decisões em face do que é bom e do que é mau.

Há outro fator a considerar, a propósito do lugar de cabeça da raça humana, assumido por Adão, e que se reveste de real relevância. Genesis 3:7 registra o fato de que, depois de terem Adão e Eva comido do fruto proibido, “foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus”. Que afirmação surpreendente! Não quer ela fazer-nos entender que eles estivessem às cegas antes de terem comido do fruto. O versículo 6 torna muito clara a certeza de que eles tinham a capacidade de ver.

A nudez de Adão e Eva jamais se constituíra problema aos olhos de Deus. Do contrário, o Criador lhes teria providenciado a necessária roupa. Percebe-se que, quando o orgulho passou a exercer influência sobre o ser humano, a atenção deste imediatamente se viu voltada para o próprio corpo. E que aquela presunçosa onisciência requeria a existência de uma certa matéria-prima sobre que exercer-se. Tal material prima pôde ser encontrada, então, nos sentidos e nas faculdades cerebrais do ser humano. Assim, a presunçosa onisciência da pecaminosidade procura tomar decisões concernentes ao que seja bom ou mau, partindo da consideração da existência dos

referidos elementos que lhe são como real matéria-prima.

Sente-se a necessidade da existência de um método pelo qual se possa consumir uma decisão, e tal se vem a deparar no corpo. A preponderante atenção requisitada pelo corpo resulta da atitude do “sabe-tudo” ou da atitude que caracteriza o conhecimento do bem e do mal. Os vigentes receios concernentes ao surgimento de enfermidades e à iminência da morte nada mais são do que o orgulho humano pondo-se a reclamar a manutenção do bem-estar do veículo do conhecimento e da ação. E inteiramente justificável que se admita que—pelo fato de o corpo ocupar lugar tão relevante na desenvoltura da natureza pecaminosa, como se nota no orgulho arrogante e na presunção de tudo saber-se—a expressão “carne”, em o Novo Testamento, seja mais empregada para a enunciação do problema da pecaminosidade humana.

O autor nutre a impressão de que a discussão desenvolvida neste capítulo tenha sido propícia para tornar claro o problema relacionado com a união vital existente entre Adão e todos quantos tenham nascido no seio da raça humana (fazendo-se exceção da pessoa do Senhor Jesus Cristo). Além disso, está evidente que essa discussão procurou demonstrar-nos como foi que Adão pôde fazer com que a raça humana ficasse impregnada dessa atitude do “sabe-tudo” e da experiência da morte. Uma apreensão razoável do que se procurou comunicar ao longo dessa discussão se faz necessária, para que se obtenha melhor entendimento das discussões a seguir, as quais se prenderão a experiência da união do crente com o Senhor Jesus Cristo.

Tenha-se na lembrança que Adão é figura de Cristo. Nascemos em Adão. Somos batizados em Cristo. E, é a compreensão de nossa união com Cristo que haverá de conduzir-nos à fruição de uma experiência de vida transformada pelo Espírito de Deus.

3

O Batismo na Identificação com Cristo

Discutimos, no capítulo anterior, que Adão se constitui “figura” de Cristo, considerando-se o fato de que ambos são cabeça da raça humana. Uma vez cabeça da raça, cada um deles tem a faculdade de transmitir à raça certas características, que decorrem dessa realidade. Todos os seres humanos derivaram da existência de Adão. Portanto, somos portadores de uma natureza pecaminosa, e caminhamos para a morte física. Os crentes foram batizados “em” Jesus Cristo (Rom. 6:3). O presente capítulo procurará discutir o significado do que venha

a ser e do que representa a experiência de estar-se batizado em Cristo na vida de salvo.

O batismo do crente “em” Jesus Cristo (Rom. 6:3) é experiência que se efetua mediante o Espírito Santo, concomitantemente com a conversão do pecador (I Cor. 12:13). Sabe-se que nosso Senhor incumbiu seus discípulos de batizarem os convertidos “em” o “nome” (ou pessoa) do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mat. 28:19, 20). Obviamente, essa incumbência relaciona-se com o batismo em água. Ora, o batismo em água não encerra nenhum poder salvador. Não obstante, constitui-se representação simbólica do batismo “em” Cristo, que o Espírito Santo efetua relativamente a cada crente. Com efeito, o batismo em água retrata-nos a noção de estar a crente em comunhão com o Pai, a Filho e o Espírito Santo.

Consoante, se lê, em Romanos 6:3, que a crente não é tão-somente batizado “em” Cristo, mas também batizado “em” sua morte (morte de Cristo). Essa experiência espiritual vê-se representada simbolicamente quando o novo convertido ao evangelho é imerso em água. Sabe-se que o sepultamento é algo relacionado com pessoas já falecidas. A experiência pela qual o crente se encontra “em” Cristo resulta-Ihe em morte espiritual, exatamente como o fato de estar-se “em” Adão significa a condição de mortalidade em que se encontra a totalidade do gênero humano. No contexto de Romanos 6:2-11, a morte transmitida ao crente por Cristo Jesus explicase de duas maneiras. Os versículos 2 e 11 nos dizem que estamos mortos para o pecado. Porque estamos batizados “em” Cristo (v. 3). Quando Cristo morreu, morreu quanta ao pecado (v. 10). Portanto, a crente encontra-se morto para o pecado (v. 2 e 11). O estado de achar-se alguém morto para o pecado consiste em encontrar-se tal pessoa separada do pecado. O crente há de sempre considerar-se como já morto para o (separado do) pecado.

Um segundo aspecto dessa experiência pela qual o salvo se encontra batizado “em” a morte de Jesus Cristo deve ser considerado. E o aspecto que faz com que a morte “experencial” do salvo, relativamente ao pecado, seja uma possibilidade. Por exemplo, em Romanos 6:6, o Apóstolo ressalta que o “velho homem” já foi crucificado com Cristo. Ora, o “velho homem” é tudo quanto somos efetivamente em nosso estado natural de existência. Ou, em outras palavras, o “velho homem” é tudo quanto vem resultando da manutenção de uma atitude presunçosa de “sabe-tudo” por parte dos seres humanos.

No capítulo anterior, procuramos comunicar a persuasão de que “carne” e “conhecimentos do bem e do mal” são expressões que se incluem no conceito que se exprime por “velho homem”. Portanto, cremos também que crucificação do velho homem implica crucificação da carne, bem como do conhecimento do bem e do mal.

A conclusão vem a ser que tudo quanto o ser humano tornou-se em seu estado natural, no que diz respeito ao crente, foi crucificado com Cristo. Aquilo que o indivíduo é, por ter nascido descendente de Adão, há de ficar crucificado, mediante a imersão do salvo na Pessoa de Cristo, pelo poder do Espírito Santo. Essa efetiva relevância do entendimento da crucificação do crente com Cristo se tornará ainda melhor esclarecida ao longo deste livro.

Já se fez referência ao fato de que a imersão em água retratamos o simbolismo do sepultamento de alguém. Romanos 6:3 afirma que o crente teria sido batizado por identificar-se com o sepultamento de Cristo. O conceito que insiste que o velho homem foi crucificado e sepultado com Cristo é algo que se apresenta como profundo mistério à compreensão do raciocínio natural, mas é doutrina claramente ensinada nas Escrituras.

A mensagem mais plena implícita na realização do batismo

do crente em água não fica evidente só pela imersão. Ele se vê, em seguida à imersão, também levantado da água. Tal ato reveste-se de riquíssima significação. Vê-se que a crente fica batizado na ressurreição de Cristo: Romanos 6:4 ressalta-nos que, “como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida”. Essa insistência bíblica, na verdade, da identificação do crente com Cristo, em sua ressurreição, continua no versículo 5, onde se lê: “Porque, se temos sido unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente também o seremos na semelhança de sua ressurreição.”

Não faltam os que preferem concluir pela admissão de que os versículos acima citados fazem primacial referência à ressurreição que ocorrerá por ocasião do segundo advento do Senhor. Não obstante poder-se admitir que isso transparece mesmo do texto, o fato é que outros passos bíblicos tornamnos muito evidente que já uma ressurreição espiritual tem sido experimentada relativamente aos que se tenham constituído filhos de Deus. Colossenses 3:1 começa com estas palavras: “Se, pois, fostes ressuscitados juntamente com Cristo...” E esse é apenas um dos inumeráveis versículos que nos revelam a verdade de que a crente já ressurgiu com Cristo. A significação precípua, portanto, de Romanos 6:4, 5 consiste na afirmação de que a crente tem a experiência de uma participação atual e presente na vida do Cristo ressuscitado dentre os mortos.

E deveras interessante como o passagem exarada em Colossenses 3:1-4 procura ampliar a conceito da ressurreição, para incluir também o conceito da entronização do crente com Cristo. O versículo diz-nos: “Se, pois, fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está, assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra; porque morrestes, e vossa vida está escondida com Cristo em Deus.”

Na Epístola de Paulo aos Efésios, a conceita relativo à ressurreição com Cristo vem a ser mais abrangente ainda, pois inclui a experiência pela qual a crente se sente viva em Cristo. Efésios 2:5, 6 declara-nos que, “estando nós ainda mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e com ele nos fez sentar nas regiões celestes em Cristo Jesus”. O ponto importante desta discussão consiste na persuasão de que, quando Paulo se refere a ressurreição do crente com Cristo, em Romanos 6:4, 5, o que ele tem em mente vem a ser exatamente o que se encontra registrado em Efésios. Isto é, a experiência da ressurreição do crente com Cristo significa sua vivificação (ou tornar-se vivo) e entronização com Cristo.

Na discussão concernente ao batismo do crente na morte de Cristo, demonstrou-se que há dois aspectos a serem considerados quanto à união com Cristo em sua morte. O texto bíblico nos revela como o velho homeon foi crucificado com Cristo de tal sorte que o crente encontra-se morto para o pecado. Da mesma forma, há dois aspectos, a serem considerados, da união do crente com Cristo na ressurreição. Pelo fato de ter sido batizado em Cristo, a crente já ressurgiu com ele e vive para Deus. Essa é uma experiência real, na existência do salvo, pelo fato de que Jesus ressurgiu dentre os mortos e encontra-se redivivo para com Deus (Rom. 6:3-10).

O batismo em Cristo, portanto, significa que temos sido batizados na história do Senhor Jesus em cinco áreas da experiência de salvação. Estamos crucificados, sepultados, vivificados, ressuscitados dentre os mortos e entronizados com Cristo. Exatamente como temos de compreender que esses aspectos da experiência consumaram-se na Pessoa de Cristo de modo físico, havemos de admiti-los como consumados, quanto a nós, espiritualmente.

Cumpre-nos nutrir (considerar) a persuasão de que a velho homem já está crucificado e sepultado, de modo que nos encontramos mortos para o pecado. Temos de considerar-nos como espiritualmente já vivificados, ressurgidos dentre os mortos, entronizados com Cristo e vivos para Deus. Exatamente como temos de admitir que a vida animou o corpo de Cristo lá no interior do túmulo, temos, também, de admitir que a vida de Deus já passou a animar nosso espírito. Assim como temos de admitir que o Senhor ressurgiu dentre os mortos depois que a vida pôde animar-lhe o corpo, também temos de admitir que já ressurgimos dentre os mortos. (O Novo Testamento insiste em registrar que Cristo ressurgiu dentre os mortos [plural] e não da morte. Semelhantemente, nós ressurgimos dentre os espiritualmente mortos.) E, como Cristo foi entronizado nos lugares celestiais, também nós já desfrutamos espiritualmente essa experiência.

Adão contaminou a raça humana espiritualmente, transmitindo-lhe uma natureza pecaminosa, que é realidade presente relativamente a todos os seres humanos. Também Adão contaminou a raça humana corporalmente, comunicando-lhe a mortalidade física, que é algo eventual relativamente aos seres humanos em geral. O mesmo se pode dizer com relação aos que foram batizados em Cristo. Pelo fato da identificação do crente com Cristo é que, na presente existência, já estamos crucificados, sepultados, vivificados, ressuscitados e entrainzados com Cristo.

Há a considerar-se ainda um aspecto física, pertinente a nós, pelo fato de nossa imersão em Cristo, e que é experiência para dias futuros. No admirável capítulo que escreveu a propósito da ressurreição, I Coríntios 15, o apóstolo Paulo diz-nos a seguinte: “Pois, como em Adão todos morrem, do mesmo modo em Cristo todos serão vivificados” (I Cor. 15:22). Trata-se, aqui, de uma alusão à ressurreição do corpo. A declaração do Apóstolo continua nos versículos 47 a 49: “O primeiro

homem, sendo da terra, é terreno; o segundo homem é do céu. Qual o terreno, tais os terrenos; e, qual o celestial, tais também os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do terreno, traremos também a imagem do celestial.” Haveremos de ressurgir corporalmente no futuro, exatamente como isso aconteceu com a Senhor, pelo fato de nossa união com ele. Nossa ressurreição haverá de incluir, sem dúvida, nossa vivificação e entranização com Cristo.

As experiências espirituais, que são verdadeiras atualmente em cada um de nós, pelo fato de nossa identificação com Cristo, vêm a ser de importância enorme. Porque são experiências que predisõem para a fruição da vida abundante, contanto que se esteja mesmo aberto a essa influência e se esteja nutrindo real anseio pela glorificação de Deus neste mundo.

A Suposição de Encontrar-se Alguém Identificado com Cristo

Na discussão do capítulo anterior, procuramos despertar a atenção do leitor para a experiência do batismo do crente “em” Cristo Jesus. Procuramos ressaltar que, ao receber-se o Cristo como Senhor e Salvador, percebe-se como certos elementos se tornam verdadeiros, no caso dos crentes, exatamente como os mesmos elementos são verdadeiros no caso de Cristo. Por exemplo, como a natureza pecaminosa e a morte física transmitiram-se a todos quantos nascem “em” Adão, também do Senhor Jesus se transmitem certos elementos, aos que sejam batizados “em” Cristo. De Jesus, portanto, o crente experimenta

a transmissão da morte espiritual, do sepultamento, da vivificação, da ressurreição e da entronização. Esses elementos constituem-se já em posse na experiência do salvo por Jesus. Também o Salvador transmite, aos crentes, a vivificação corporal, ressurreição e entronização. Mas essas são experiências reservadas ao futuro de cada um.

O presente capítulo vai discutir o problema da morte espiritual do crente, seu sepultamento, vivificação, ressurreição e entronização. Ao reconhecermos que tais experiências se fazem verdadeiras em nós, pelo fato de nossa identificação com Cristo, teremos alcançado um ponto de apoio muito relevante para a consideração da vida transformada que almejamos. Acontece que a obtenção de conhecimento, por si só, já significa a ocorrência de alguma mudança. Outros fatores psicológicos são necessários. Por exemplo, algo importantíssimo se depara no conceito expresso pelo termo considerar-se”. Em Romanos 6:11, “considerai-vos” em mandamento apostólico: “Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus.” Traduz-se aí muito bem a preposição “em”, pois ela contém a noção de “união com Cristo”. Significa dizer-se que, pelo fato de nos encontrarmos identificados com Cristo, temos de considerar-nos como mortos para o pecado e vivos para Deus, pelo fato de o Senhor Jesus (conforme se diz no versículo acima) encontrar-se morto para o pecado e vivo para Deus.

A expressão traduzida “considerai-vos” é de teor contábil. Significa o dever de “tomar-se nota”, ou, em outras palavras, “fazer-se contabilidade”. Na linguagem do Novo Testamento grego, a palavra tem o significado de “assim proceder-se incessantemente”. Tem também a forma de mandamento. Uma tradução livre seria: “Estou ordenando a vocês que procurem continuamente fazer o lançamento na memória da importante verdade de que vocês já estão mortos para o pecado e vivos para Deus.”

Encontrar-se alguém morto para algo implica estar à distância daquilo. E, encontrar-se alguém vivo para algo implica estar em comunhão com aquilo. Então, requer-se que estejamos sempre tomando em consideração que estamos mortos para o pecado e em comunhão com Deus. Pelo fato de nos encontrarmos identificados com Cristo é que o Pai Celestial atenta para nós como já separados do pecado e, portanto, unidos e em comunhão com ele. Em conseqüência, cumpre-nos que atentemos para nós mesmos, considerandonos pelo mesmo prisma pelo qual Deus encontra-se atentando para nós.

Insistindo nessa verdade, de maneira bem mais prática, digamos que temos de “tomar a devida nota” quanto ao fato de que não havemos de continuar vivendo na prática do pecado, visto que já desfrutamos as bençãos da identificação com o próprio Deus. E quantos desvios desse claro ensino bíblico não poucos crentes vêm cometendo! Por exemplo, não é incomum ouvir-se que alguns andam concluindo que aquela vida deprimida, retratada em Romanos 7, constitui-se uma fatalidade para nós, e que, portanto, não adiantará a ninguém lutar para algo melhor. Entretanto, tal não é a situação do crente. Porque recebemos o mandamento que nos impõe a mais profunda persuasão de que estamos mortos para o pecado. Não seja o caso de alguém entender que estejamos aqui ensinando algum perfeccionismo impecável, de modo que se conclua que o crente não pecará jamais. O que estamos procurando ressaltar é o ensino bíblico de que, pelo fato de nossa identificação com o Senhor Jesus Cristo, a prática do pecado não mais haverá de constituir-se inevitabilidade em nós.

O conceito bíblico relativo á crucificação do “velho homem”, aludido em Romanos 6:6, proporciona uma outra razão para que o crente se considere, de maneira atenta, como já morto para o (ou separado do) pecado. Estamos absolutamente persuadidos de que o “velho homem” é, na

verdade, tudo quanto uma pessoa pode ser, antes que estabeleça comunhão com o Senhor Jesus Cristo. A fé que o salvo deposita em Jesus aceita essa preciosa verdade de que o “velho homem” já foi crucificado.

Ha pessoas que entendem que o “velho homem” já foi crucificado e, portanto, não mais se deverá pensar nele como fator ainda presente na vida cristã. Entretanto, sabe-se que tal maneira de entender não subsiste em face dos ensinamentos do Novo Testamento. Efésios 4:22 ressalta como o crente é exortado no sentido de despojar-se do “velho homem”. E, uma vez que se tem de despojar-se do “velho homem”, segue-se que o “velho homem” continua como fator a ser devidamente tomado em conta. A verdade é que ele continua sendo fator relevante na existência, embora se tenha de reconhecer que assim não deveria ser com relação ao crente consciente de que o “velho homem” já foi crucificado. Estou advertido quanto à existência de certa interpretação do texto em Efésios 4:22, que procura remover a idéia de que nele se depara com um mandamento apostólico, mas não concordo com tal interpretação.

Restringindo-nos à consideração de fatos específicos, podemos voltar a atenção para alguns pecados. Vamos apreciar o problema da ira, por exemplo. Pela fé, aceite-se o fato de que a ira que prevalece em nosso íntimo provém do “velho homem”, que já foi crucificado com o Senhor Jesus Cristo, de tal sorte que o crente deve sentir-se como morto para qualquer explosão de ira. A atitude de quem assim admite é derivada das convicções da fé que deposita no Salvador. Trata-se de uma ingênua aceitação do ensino bíblico, não obstante a verificação que se pode fazer da existência de sentimentos de ira no seu íntimo. Além disso, há de se crer não só na asseveração de que já estamos crucificados com Cristo, mas também que o “velho homem” foi sepultado com Cristo.

A consideração tão-somente de nossa morte para o pecado não satisfaz. Temos de tomar em consideração nossa vida em Deus. Sim, temos de atentar para o mandamento apostólico de que nos cumpre estar sempre notificando a nós mesmos que “vivemos para Deus”, pelo fato de nossa identificação com o Senhor Jesus Cristo. Ousamos nutrir essa fé por termos sido batizados “em” o Senhor Jesus Cristo, que já morreu para o pecado e vive para Deus.

Exatamente como a convicção de estarmos já mortos para o pecado se faz experiência efetiva, mediante a admissão da verdade e ela associada de que o “velho homem” já foi crucificado e sepultado, também a convicção de estarmos vivos para Deus é experiência que se faz efetiva mediante a verdade associada de que já ressurgimos com Cristo. No capítulo anterior, deixou-se claro que, no entender de Paulo, a ressurreição com Cristo implica a vivificação, ressurreição e entronização com Cristo. Por conseguinte, a convicção de que nos encontramos vivos para Deus implica a convicção de que estamos vivificados em Cristo, ressurgimos em Cristo e estamos entronizados com Cristo. Essas são verdades que acarretam muita perplexidade em mentes que não tenham sido ainda conduzidas a consideração de tais ensinamentos contidos nas páginas do Novo Testamento. Entretanto, são verdades que concorrem para a fruição de uma vida abundante do crente em Cristo, bem como para a maneira de viver que Deus almeja que experimente.

No capítulo dois, procuramos demonstrar que alguém nascer no seio da raça humana significa nascer “em” Adão, portanto, significa tornar-se o indivíduo portador de uma natureza pecaminosa, de modo que a morte física se faz propagada, por efeito desse nascimento. No capítulo três, procuramos demonstrar que ser batizado “em” Cristo Jesus significa experimentar sua morte, sepultamento, vivificação, ressurreição e entronização em sentido espiritual. São esses cinco aspectos

da experiência cristã ocorrências verdadeiras já neste tempo presente. São elementos que têm sido como patrimônios, na experiência do crente, desde o instante quando alcançou a felicidade de aceitar Jesus Cristo como seu Salvador pessoal.

Este capítulo tem procurado ressaltar que nos cumpre continuamente “tomar em consideração” o fato de que, em Jesus Cristo, esses elementos, da experiência de salvação, constituem-se verdades atuais:

Estamos mortos para o pecado pelo fato de que Cristo morreu para o pecado e porque o “velho homem” foi crucificado e sepultado com Cristo. Vivemos para Deus pelo fato de que Cristo vive para Deus e porque já fomos vivificados, já ressurgimos e estamos entronizados com Cristo.

Tudo isso é absolutamente verdadeiro, em virtude da união do crente com Cristo.

Que Papel Representa A “Vontade” do Crente?

E possível que os leitores mais dotados de espírito prático estejam dizendo consigo mesmos que a vida cristã se faz a todos mais intuitiva do que se descobre nos termos pelos quais ela está sendo discutida. Com efeito, estão certos. Porque a vitória que se alcança através do viver cristão vem a ser bem mais do que a persuasão que se tenha quanto ao que o crente possui pelo fato de pertencer a Cristo, ou pela convicção que lhe ocorra de que as verdades aqui expostas se constituem bênçãos atuais em nossa vida salva. Cumpre que haja uma deliberação da vontade do crente.

O que se nos impõe que desejemos encontra-se expresso em Romanos 6:12, 13. O primeiro desses dois versículos nos revela que nos cumpre tomar uma decisão a propósito do pecado. Em versículos anteriores, Paulo procura ressaltar, aos leitores, que temos de estar sempre persuadidos de que estamos mortos para o pecado, pelo fato de que o “velho homem” foi crucificado e sepultado. Uma deliberação deve ser tomada, pelo crente, que se harmonize com a morte para o pecado e com sua identificação com Cristo. Temos de fazer opções que jamais consintam com o predomínio do pecado em nossos corpos mortais.

E provável que a maioria dos leitores deste livro já tenha feito tentativas no sentido de tomar decisões de modo a impedir que o pecado “reine” em seu íntimo. A mais necessária convicção a ocorrer-nos consistirá em estarmos persuadidos de que, estando em Cristo, não temos de submeter-nos fatalmente ao pecado. Tem sempre havido, porém, quem nenhuma dúvida tenha quanto à identificação com Cristo, no que se relaciona com a morte para o pecado, sem, entretanto, ter alcançado ainda a bênção de ter tomado uma decisão pertinente em face do pecado. Em tal caso, a pessoa encontrar-se-á já persuadida da experiência da morte para o pecado, na sucessão dos dias de sua existência, mas ainda não está desfrutando a alegria de uma vitória sobre o pecado. Cumpre, portanto, que tome decisões, em franca oposição a qualquer tendência pecaminosa.

Concebe-se que haja pessoas que, por uma ou outra razão, nutram o mais sincero desejo de alcançar vitória sobre “alguns” atos pecaminosos que praticam, e que, entretanto, não almejam alcançar nenhuma vitória sobre *todas* as manifestações de sua natureza pecaminosa. Por exemplo, uma pessoa pode desejar sinceramente alcançar vitória sobre seus sentimentos de ira, tendo em vista as inconveniências da ira na família, mas não nutre nenhum desejo de deixar a ação de enganar o próximo,

pelo fato de que isso implicaria ver reduzidos os seus lucros. Assim procedendo, tal pessoa jamais alcançará vitória relativamente aos sentimentos de ira, que tanto mal lhe fazem. Por outro lado, uma pessoa pode acalentar o desejo de alcançar vitória sobre o pecado, por motivos absolutamente egoístas, que não visam glorificar a Deus. Também nesses casos pode-se dizer que tal pessoa jamais alcançará real triunfo sobre a pecaminosidade em sua natureza. O que nos cumpre é desejar, profundamente, alcançar a vitória sobre todo pecado, porque há coisas em nossa vida que prejudicam a Causa de Cristo neste mundo. E temos de manter na lembrança a verdade de que o pecado básico da natureza humana, do qual outras formas pecaminosas procedem, consiste na autoconfiança em face da presunção do conhecimento do bem e do mal.

Cumpre-nos também expressar nossa opção concernente ao senhorio de Cristo em nossa maneira de viver. Romanos 6:3 exorta-nos assim: “Nem tampouco apresenteis vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como redivos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça.” A parte final de Romanos 6:11 afirma que o crente deve considerar-se como vivendo para Deus. Cumpre-lhe oferecer-se como uma vida disponível à vontade do Senhor. Não lhe resta outra opção. Essa sua predisposição há de ser ato pertinente de sua vontade regenerada. Alguém poderá insistir em considerar-se vivo para Deus, sem que, não obstante, qualquer mudança se faça evidente em sua maneira de viver. Isso acontece sempre que o crente deixa de optar pela soberania absoluta de Jesus em sua conduta.

Jesus Cristo morreu para o pecado e vive para Deus. Nós fomos batizados no Senhor Jesus, e, portanto, estamos mortos para o pecado e vivos para Deus. E assim que nos cumpre pensar de nós mesmos. Então, temos de procurar exercer nosso arbítrio em absoluta harmonia com a fé que depositamos no Salvador.

Impõe-se-nos que procuremos preferir sempre o comportamento que denote estarmos mortos para o pecado e vivos para Deus.

Observe-se que nos cumpre submetermo-nos a Deus como pessoas que se encontram redivivas dentre os mortos. Será que o leitor está percebendo a diferença que advém da presença, aqui, da expressão bíblica “redivivos dentre os mortos”? Não se trata da fórmula tradicional enunciada por “rededicação”. Quantas vezes temos testemunhado que pessoas se apresentam fazendo votos de uma sincera rededicação de suas vidas e que em nada resultam! De fato, os votos de rededicação que redundam em nada fazem-se muito freqüentes entre os crentes. Há explicações para a ocorrência desses inumeráveis votos de rededicação que parecem espúrios. E que, em tais casos, as pessoas não se submetem definitivamente ao Senhor, como alguém que reviveu dentre os mortos. Quando a pessoa não estiver ainda na posse do conhecimento da crucificação do velho homem poderá ocorrer que se predisponha a mais uma vez formular votos no sentido de fazer o melhor que possa para o Salvador Jesus. Entretanto, isso não representa nada mais do que uma rededicação da “carne”. E o caso é que, uma rededicação proferida à base de predisposições da carne vem a ser algo bem retratado ao longo de Romanos 7. Não há dúvidas de que isso haverá sempre de desfechar num grito de desespero assim: “Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?” Com efeito, nenhuma rededicação com base na autoconfiança humana poderá conduzir, quem quer que seja, à fruição da vida abundante que se encontra ensinada ao longo do Novo Testamento.

Quando nos submetemos plenamente a Deus como “redivivos dentre os mortos”, estamos fazendo com que nossa vida (sem qualquer atitude de quem tudo conhece) fique a disposição do Senhor. Então, estamos expressando nossa opção no sentido de permitir que o Senhor nos possua e possa viver

em nós e através de nós. Assim sendo, percebe-se que nossa “vontade” é algo muito importante. Deve ser legitimamente exercida. Para que o crente possa viver de modo abundante espiritualmente, cumpra-lhe escolher de modo a não ceder diante da pecaminosidade de sua natureza e pretender estar sempre disponível para a consecução da vontade do Senhor. Temos de permitir que Cristo viva através de nossa maneira de viver.

Esse pensamento de que o crente tem de fazer com que sua vida se faça disponível para o cumprimento da vontade do Senhor, de modo que ele possa viver através do crente, parece coisa estranha a alguns estudiosos. Essa maneira de viver do crente tem sido acusada de passividade. Tenho tido ocasião de ouvir declarações assim: “Você parece advogar um comportamento que implica renunciar o próprio raciocínio, relegando-o ao desprezo.” Este não é o caso. Quando Cristo vive através de nós, não somos “passivos”. Somos “responsivos”. Há nisso uma diferença. Num capítulo mais adiante, discutiremos a diferença entre alguém comportar-se de modo passivo ou de modo responsivo.

A conclusão de tudo quanto se discutiu ao longo deste capítulo consiste em ressaltar que cada crente tem de procurar exercêr seu arbítrio de modo a jamais optar pela pecaminosidade de sua natureza humana, e consentir sempre que o Senhor Jesus Cristo possa dispor de sua vida como instrumento submisso à sua vontade, sem nenhuma interferência da “carne”, em seu vezo de insinuar-se nas decisões da vontade incauta.

**Cristo Vivendo
no Crente
—Cristo Considerado
Como Nossa Vida**

Conforme registrado em Apocalipse 3:20, o Senhor ressurrecto afirma: “Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.” Não poucas pessoas têm alcançado a felicidade de entrar no Reino de Deus respondendo a essa promessa do Senhor Jesus. Outras têm havido no mundo que jamais oraram especificamente, pedindo que Cristo entrasse em suas vidas, mas o Salvador bem penetrou nos anseios de seus corações e consentiu em adentrar-se-lhes, não obstante a ausência de um pedido formal constante em suas orações.

E deveras algo surpreendente chegarmos à compreensão de que Cristo, com efeito, vive em nós. Esse fato de sua presença no crente faz-se absolutamente claro no ensino das Escrituras. E ensino que não pode deixar de ser percebido, mesmo pelos que só raramente se põem a ler o Novo Testamento. E lícito asseverar-se que as três Pessoas da Trindade habitam no crente. Registra-se, em João 14:23, o seguinte: “Se alguém me amar, guardará minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos a ele, e faremos nele morada.” Assim se verifica como o Pai e o Filho são aí referidos como habitando no crente.

Muitas são as referências bíblicas ao fato de que o Espírito Santo habita no crente. Em Romanos 8:9 consta: “Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.” E o versículo seguinte a esse alude a Cristo como habitando no crente. Dois dos mais conhecidos versículos exarados no Novo Testamento são Gálatas 2:20—no qual Paulo diz francamente que Cristo estava vivendo nele, e Colossenses 1:27—no qual o mesmo apóstolo procura chamar a atenção de seus leitores para o fato de “Cristo em vós, a esperança da glória”. Efetivamente, todo o Novo Testamento contém inúmeras passagens que refletem a convicção de que Cristo está “em” o crente.

Quando Cristo entra na vida do crente, ele se apossa da “maneira de viver” do crente. Em seu maior número, os crentes estão inteirados de que Cristo vive neles. Entretanto, não são muitos os crentes que demonstram encontrar-se sob a persuasão de que Cristo está “em” suas vidas para constituir-se a *vida genuína* deles. Em Colossenses 3:4, o apóstolo Paulo faz referência a “Cristo, que é nossa vida”. Essas duas palavrinhas, “que é”, não se encontram no original grego; por conseguinte, uma tradução literal do texto seria assim: “Cristo, nossa vida.”

A maioria dos crentes pensa em Jesus apenas como “Salvador” deles. E tão-somente um número relativamente

pequeno dentre os crentes que se encontra sob a convicção de que o Senhor Jesus Ihes é “Salvador” e “Senhor”. Acontece, porém, que o desejo de Jesus é ser “Salvador”, o “Senhor” e a “Vida” do crente. Que será que significa, na experiência do crente, ter Cristo como a “Vida”? Certamente há de entender-se que, quando isso acontece, Cristo se expressa através da personalidade individual de cada filho de Deus neste mundo.

Nenhum propósito há, da parte do Senhor, de anular a individualidade do crente. Na verdade, pode-se asseverar que é tão-somente na medida em que Cristo viva através do crente que a individualidade deste chegará à sua plenitude de expressão. O caso é que o Senhor Jesus Cristo deseja expressar-se através das “peculiaridades individuais” que caracterizam cada um dos filhos de Deus neste mundo. Na medida em que Jesus consiga viver em e através de cada crente, as opções, os pensamentos e as emoções pertinentes ao Salvador terminarão por tornar-se um patrimônio da existência do crente através de quem o Filho de Deus esteja vivendo.

A luz de toda a discussão já mantida, ao longo dos capítulos anteriores, o leitor haverá de concluir que estou persuadido de que na experiência de nossa identificação com Cristo é que se depara com o meio exclusivo pelo qual o Salvador poderá viver em e através da vida dos crentes por ele salvos. Nosso Senhor se sentirá em condições de viver através das peculiaridades distintivas de cada personalidade salva tão-somente na medida em que se consinta em viver à luz do conceito bíblico da identificação do crente com Cristo. Uma vez que se obtenha uma persuasão adequada da identificação do crente com Cristo, uma adequada persuasão do significado dessa identificação e um adequado exercício do arbítrio humano em harmonia com tal experiência de identificação do crente com Cristo, se verificará como Cristo Jesus disporá de condições propícias para que possa viver em e através dos salvos.

A experiência do crente de ter o próprio Cristo como a “Vida” vem a ser a mesma coisa que andar pelo Espírito, que é o que vamos discutir no próximo capítulo.

A Conduta de Acordo com o Espírito

O apóstolo Paulo teve ocasião de asseverar, em Gálatas 2:20, que não mais ele estava vivendo, mas, sim, Cristo era quem estava vivendo nele. Ao longo da citada epístola, procura o apóstolo exortar seus leitores no sentido de que “andassem no Espírito”. As idéias assim expressas vêm a significar a mesma coisa. O andar-se no Espírito implica insistir-se pela obtenção da plenitude do Espírito, exatamente como se viu que se encontra ordenado em Efésios 5:18 (a insinuação da necessidade de que essa experiência se faça uma “constante” na experiência do salvo encontra-se explícita na forma da palavra grega do texto).

Um versículo fundamental para que se obtenha o melhor entendimento de como andar-se no Espírito encontra-se em Gálatas 5:17. Ressalta-se, nesse versículo, que prevalece, na vida do crente, uma batalha travada entre a “carne” e o Espírito Santo”. Eles se opõem mutuamente. Consoante se lê na parte final do versículo, o resultado dessa batalha íntima vem a ser que o crente não se acha em condições de fazer o que desejaria fazer. Tal oposição mútua implica que nem os desejos carnis nem os desejos do Espírito podem cumprir-se. Conclui-se, então, que, para que alguém possa andar no Espírito, alguma coisa tem de ser feita no sentido da remoção das contradições da natureza carnal.

A insistência em orar-se a Deus e as várias oportunidades quando ocore ao crente arrepender-se de suas faltas nunca resultam na experiência de andar-se no Espírito, a menos que se consinta na remoção da obstinada oposição oferecida pela carne contra o Espírito Santo. Bem poderá ser que se verifiquem sentimentos esporádicos, relacionados com esse ideal, mas não se chegará a nenhum sentimento de incessante experiência da tão almejada conduta espiritual. Os meios disponíveis ao crente para que consiga uma remoção da resistência assiim oferecida pela natureza carnal encontram-se em Gálatas 5:24. Declara-se aí que o crente já crucificou a carne quando de sua aceitação de Cristo como seu Salvador e Senhor: “E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências.”

De que maneira teríamos crucificado a carne, ao recebermos Cristo em nossas vidas? Obtém-se a resposta adequada a isso consentindo-se em que Romanos 6:2-6 funcione como contexto interpretativo da passagem exarada em Gálatas. Como ficou bem discutido anteriormente, a referida passagem, que se encontra em Romanos, contém o ensino de que os que foram batizados em Jesus Cristo (pelo Espírito Santo, no ato de receber

Jesus no coração como Senhor e Salvador) têm condições de saber que o velho homem (que é noção inclusive da natureza carnal do ser humano) já foi crucificado com Cristo. Portanto, a resposta solicitada pela inquirição acima vem a ser que o crente crucificou a carne mediante a aceitação de Cristo, pelo fato de que então foi batizado na identificação de sua vida com Cristo.

Exatamente como Romanos 6:2-6 proporciona-nos a melhor explicação para o fato de como o crente crucificou a carne, ao receber Cristo em seu coração, Romanos 6:2-13 proporciona-nos explicação de como o crente pode ficar livre da oposição que a carne oferece contra a ação do Espírito Santo em sua vida. E, atentando para a relevante lição do texto bíblico, inteira-se o crente de como lhe será possível manter-se continuamente sob a experiência da plenitude do Espírito Santo. No quarto e quinto capítulos, procuramos dissertar sobre Romanos 6:2-13. Aqui vamos fazer apenas um ligeiro sumário do que então se discutiu.

No quarto capítulo, procuramos demonstrar como se nos impõe considerarmo-nos mortos para o pecado e vivos para Deus. Assim nos é dado que experimentemos, pelo fato de nossa união com Cristo, que nos torna mortos para o pecado e vivos para Deus. Também, por causa de nossa união com Cristo, nosso homem velho foi crucificado e sepultado, de modo que nos encontramos ressuscitados com Cristo.

No quinto capítulo, procuramos deixar claro que nós, em conexão com a persuasão de estarmos mortos para o pecado e vivos para Deus, encontramos-nos na obrigação de optar no sentido de jamais permitirmos que o pecado exerça seu império em nossas vidas. Pois nos cumpre sempre consentir que o Senhor Jesus se mantenha na posse e controle definitivos de nossa maneira de ser. E a maneira mais adequada de persuadirmo-nos de nossa união com Cristo, de considerarmo-nos mortos para o

pecado e de exercermos o mais conveniente arbítrio, que nos livre de todo o poder da pecaminosidade de nossa natureza carnal. Trata-se, portanto, de uma libertação concernente à presença, em nós, do “velho homem”. Trata-se de libertação quanto aos reclamos da natureza carnal.

Para que nenhum crente fique admitindo que esse problema da libertação que se pode obter sobre a natureza carnal é de menor relevância, cumpre-lhe tomar em consideração o seguinte: Houve um determinado instante de nossa existência quando nos foi dado que ficássemos inteirados de que a morte de Cristo constituíra-se realidade adequada para nossa libertação da culpa e da conseqüente penalidade acarretada pelo pecado. Foi o instante quando nos arrependemos de nossos pecados e resolvemos aceitar Jesus Cristo como Salvador e Senhor de nossa vida. A libertação concernente ao poder do pecado (velho homem, carne) há de verificar-se da mesma forma. Há de experimentar-se, para tanto, uma persuasão, uma tomada de posição e um franco exercício de nosso arbítrio. Em suma, passamos a desfrutar a consciência de nossa libertação do poder do pecado da mesma forma como nos foi dado que alcançássemos a libertação da penalidade a que a pecaminosidade humana faz jus.

A medida que conseguirmos nos libertar do poder da natureza carnal, se intensificará o nosso andar no Espírito. Gálatas 5:16, que nos declara que não temos, necessariamente, de cumprir as concupiscências da carne, caso consintamos em andar no Espírito, nada mais faz do que fortalecer-nos a convicção de que andar no Espírito resultará sempre em tornar-se o poder da “carne” algo inerte. Nosso Senhor teve ocasião de dizer, em João 15:26, que o Espírito Santo haveria de dar testemunho a respeito dele. Em João 16:14, 15 registra-se que Cristo Jesus nos asseverou que o Espírito Santo haveria de glorificá-lo e proporcionar-nos ensinamentos a respeito do Salvador.

Uma vez que consintamos em andar no Espírito, obteremos que o Espírito nos revele a libertação a nos proporcionada por Cristo, e tal convicção nos conduzirá a continuas experiências de libertação espiritual de qualquer poder característico da natureza carnal humana.

Insistimos em dizer que a maneira única pela qual se alcança andar no Espírito consiste em experimentar-se uma contínua libertação relativamente ao poder da natureza carnal dentro de nós. Já tivemos ocasião de aludir a Gálatas 5:17. No texto exarado em João 4:14, lemos o registro de que nosso Senhor procurou dizer, à mulher ali junto ao poço, que o Espírito Santo haveria de fazer-se nela uma fonte de água, capaz de manar para a vida eterna. Removamos qualquer barreira levantada pelos sentimentos carnis em nossa natureza, e verificaremos como o Espírito Santo vai mesmo preencher todos os aspectos de nossa existência.

Num dos versículos bíblicos mais difíceis à compreensão de muitos, em Tiago, encontramos estas palavras: “Ou pensais que em vão diz a escritura: O Espírito que ele fez habitar em nós anseia por nós até o ciúme?” (Tiago 4:5). Parece-nos que esse versículo procura dizer-nos que nosso Deus, que tem ciúmes e que vive no crente, anseia por possuir e preencher os propósitos da existência deste.

Já me ocorreu chamar a atenção para o fato de que há pessoas admitindo que o conceito de união do crente com Cristo nos levaria a uma “passividade”. Há de admitir-se, entretanto, que a experiência de andar-se no Espírito é de natureza a fazer-nos “responsivos” e nunca a fazer-nos portadores de mera “passividade” espiritual. Caso possamos andar de modo sincero no Espírito, no decurso de um só dia, não há dúvida de que tal dia se nos fará extraordinariamente venturoso, pela fruição de uma vida caracterizada pela mais profunda consciência de

responsividade. Será mesmo que se pode dizer que uma vida responsiva nos torna passivos? Será que temos de sentir-nos ofendidos em face de Deus pelo fato de sabermos que ele nos quer responsivos, e não imbuidos de presunção, para tomarmos iniciativas espirituais? Será que o Senhor se encontra a solicitar, às pessoas que são responsivas a ele, a não fazerem a vontade dele?

Passemos a considerar o texto de Isaias 55:8,9, onde o Senhor diz: “Porque, assim como o céu é mais alto do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e meus pensamentos são mais altos do que os vossos pensamentos.” Como é que se poderia entender que, estando nós atraídos para a fruição de tão elevada comunhão com Deus, haveríamos de sentir-nos como sob qualquer imperativo para que vivamos aquém das faculdades racionais que nos caracterizam? Será que alguém que fosse convidado a tomar assento como um dos componentes do gabinete presidencial, em qualquer país da terra, poderia sentir-se constrangido a dar de mão ao exercício de suas faculdades racionais? Será que nossa vida mental ficaria passiva por participarmos de uma reunião de gabinete governamental, na expectativa de recebermos qualquer tarefa específica? Então, como poderíamos crer que uma vida responsiva ao Espírito Santo, momento após momento, é passiva?

Anda no Espírito o crente que constantemente responde, em sua vida, à liderança do Espírito Santo no seu interior. O Espírito Santo torna-se efetivamente atuante em nossa maneira de viver, em termos mais consistentes, na medida em que sejamos libertados das barreiras levantadas pela natureza carnal, mediante mais condizente conhecimento da Palavra de Deus, mais condizente apreensão de nossa vida em Cristo e mais condizentes opções, ditadas por nossa fé para com o Salvador.

Terceira Parte

As Mudanças Que Podemos Esperar

Creio firmemente que a teologia desenvolvida nas discussões anteriores proporciona fundamentação adequada para que se chegue a fruir de vida abundante em Cristo. Tal teologia não se destina apenas a ser admitida como verdadeira. Melhor que isso, ela se destina a traduzir-se em conduta. Temos de agir em consonância com essa teologia. Temos de receber a graça divina em nosso coração. Assim há de verificar-se a ocorrência de admiráveis transformações em nossa vida. O Capítulo 8 mostrará as mudanças que devemos esperar que se operem através da experiência da libertação do poder do pecado,

ressaltando nossa libertação com referência ao “velho homem”, à “carne” e ao “conhecimento do bem e do mal”. O Capítulo 9 apresentará as transformações advindas ao crente que esteja no firme propósito de andar no Espírito. O Capítulo 10 tratará do assunto relacionado com as transformações pertinentes a experiência da entronização com Cristo no viver diário do crente.

As Transformações Operadas pela Libertação do Poder do Pecado

Através das páginas deste livro, três termos, ou expressões, foram empregados para uma descrição do problema do pecado humano. Dois, “ve lho homem” e “carne”, constam em o Novo Testamento. O terceiro termo, ou melhor, expressão, nos vem do Livro de Gênesis, e enuncia-se como “conhecimento do bem e do mal”. Define-se melhor o conceito de “carne” como atitude de “autoconfiança”. A expressão “conhecimento do bem e do mal” reflete a adoção de certa atitude presunçosa de onisciência concernente ao que seja bom ou seja mau, e pode-se enunciá-la

como atitude do “sabe-tudo”, assumida por alguém. Pelo fato de a expressão “velho homem” efetivamente significar tudo quanto o homem natural tem sido enquanto se mantém destituído do Senhor Jesus Cristo, quando a Bíblia nos diz que o “velho homem” foi crucificado com Cristo, há de entender-se que tanto a “autoconfiança” (carne) quanto aquela atitude subjacente de presunção de sabedoria humana (o conhecimento do bem e do mal) foram crucificadas com Cristo.

Segue-se, então, que nossa identificação com Cristo em sua crucificação há de significar a possibilidade de libertação relativamente ao “velho homem”, a “carne” e ao presunçoso “conhecimento do bem e do mal”. Quando, portanto, a Bíblia alude a formas pecaminosas advindas de qualquer desses três fatores, quer chamar-nos a atenção para a possibilidade de libertação, concernente a tais fontes do pecado humano. Vamos desenvolver as discussões inseridas neste capítulo com vistas a essas afirmações. Não se dispõe de muito espaço. Em conseqüência, vou apenas fazer referências às formas pecaminosas especificamente alistadas em o Novo Testamento atribuídas ao “velho homem” ou à carne”. Em sua maior parte, o capítulo procurará ressaltar, aos leitores, que nossa identificação com Cristo é de molde a proporcionarnos libertação concernente a formas pecaminosas e a problemas espirituais cujas origens podem encontrar-se numa atitude presunçosa de sabedoria que alguém assuma diante de Deus.

Libertação de Pecados Atribuídos ao Velho Homem e à Carne

Encontram-se duas relações de pecados em o Novo Testamento atribuídos ao “velho homem”. Registram-se em Efésios 4:22-32 e Colossenses 3:8,9. Nestas duas passagens são feitas referências aos seguintes pecados: mentira, ira

descontrolada, roubo, palavra torpe, amargura, cólera, gritaria, blasfêmia, malícia e maledicência.

O apóstolo Paulo também dá-nos uma lista, um tanto longa, das obras da “carne”. São elas: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias e coisas outras desse teor (Gal. 5:19-21).

Nenhum crente deve sentir-se compelido, por alguma força fatalista, a submeter-se a qualquer das formas pecaminosas constantes nos textos a que se fez referência acima. Porque, em ambos os casos, verifica-se que são manifestações, quer do “veIho homem” quer da “carne”, e sabe-se que tais elementos já foram crucificados com o Senhor Jesus Cristo. Quando o Espírito Santo nos batizou em Cristo, ele nos batizou na morte de Cristo. Assim sendo, encontmamo-nos mortos para o pecado.

Libertação de Outras Formas Pecaminosas, Cuja Origem Reside na Presunção do Conhecimento do Bem e do Mal

No decurso do Capítulo 2 deste livro, procurei apresentar razões para que se admita que “o conhecimento do bem e do mal” constitui-se o problema pecaminoso básico da humanidade e vem a ser a fonte de onde procedem as várias formas que o pecado assume. Definiu-se tal situação como certa atitude do “sabe-tudo” que alguém assume nos instantes quando tem de tomar decisões. Vê-se como as pessoas, em geral, presumem-se capacitadas para o discernimento do que seja bom e do que seja mau, tanto para si mesmas como para outros, incluindo nisso até mesmo o Senhor. Não obstante reconhecermos que essa atitude presunçosa de tudo saber se encontra mais patentemente em certos indivíduos do que em outros, é fato que ela nunca deixa de existir no íntimo de cada pessoa. Temos

de considerar esse fenômeno.

Nesta parte do capítulo vamos ressaltar alguns dos pecados e problemas que nos advêm dessa nossa atitude presunçosa, para, em seguida, deixarmos claro como há uma libertação que se nos faz disponível quando nos identificamos com Cristo. Temos que convir que vamos tratar, aqui, apenas dos pecados e dos problemas que mais nos chamam a atenção.

*A Libertação Concernente a uma Preocupação
Doentia com o Corpo*

Nosso corpo é o templo de Deus. Devemos, portanto, admitir que Deus se encontre preocupado com as condições de existência de nosso corpo. Entretanto, faz-se crescentemente claro que a maioria de nós demonstra-se morbidamente inquieta em relação aos cuidados exigidos pelo corpo. O mundo da medicina tem tido ocasião de chamar a atenção para fatores de apreensão como as doenças psicossomáticas e a hipocondria. Em capítulo anterior, procuramos demonstrar como uma exagerada atenção passou a ser dada ao corpo exatamente pela ocorrência do “conhecimento do bem e do mal”. Mediante a união com Cristo, há livramento do presunçoso “conhecimento do bem e do mal”, e, portanto, solução para o problema da enfática atenção doentia devotada ao corpo.

A Libertação Concernente ao Juízo Temerário

Certa pessoa teve ocasião de falar, a amigos, de um passeio casual que empreendera em torno do quarteirão onde se situava sua residência, juntamente com a esposa, com o propósito de observar como Ihes seria possível melhorar a casa, tornando-a mais atrativa. Vangloriava-se ele de não ter encontrado nenhuma casa, entre as avistadas, que nenhum reparo merecesse.

Depois de ele e esposa voltarem para casa, puderam tomar em consideração o fato de Ihes ter ocorrido que fizeram reparos

a propósito de todas as residências que viram. Será que essa atitude de crítica é algo raro? Sabemos que não. Em qualquer espírito de crítica se verifica a presença da atitude presunçosa de tudo saber-se. Entretanto, sabe-se que tal atitude prevalece no indivíduo tão-somente até que a pessoa se resolva a tomá-la a sério. O leitor já teve ocasião de observar o fato da pressa com que, por vezes, se formula um juízo concernente a situações novas, sem que se procure melhores elementos de informação? Já atentou para o vezo de ajuizar-se de alguma medida tomada, por exemplo, por autoridades constituídas, sem que se atente para os motivos que a determinaram? Certo orgulho arrogante se insinua viciosamente em nossa maneira de pensar. Ao sentirmo-nos libertados das tendências que nos conduzem a juízos temerários, verificamos como isso contribui para que alcancemos uma personalidade “semelhante à de Cristo”. Jesus teve ocasião de dizer, aos seus contemporâneos, estas palavras: “Vós julgais segundo a carne; eu a ninguém julgo. E, mesmo que eu julgue, o meu juízo é verdadeiro; porque não sou eu só, mas eu e o Pai que me enviou” (João 8:15,16). Jesus formulava opiniões a propósito do comportamento de pessoas a seu derredor, mas tais eram opiniões advindas do Pai. É lícito que procuremos formar conceitos relativos a outras pessoas, contanto que sejam condizentes com o pensamento do Senhor, e nunca procedentes da presunção de sabermos tudo.

Essa relevante libertação concernente a juízos apressados é propícia para que não se incida em atitude de preconceito para com pessoa alguma.

Pela nossa identificação com Cristo na crucificação, podemos libertar-nos de vícios decorrentes do juízo temerário.

A Libertação Concernente às Ansiedades

Verifica-se que a atitude presunçosa de tudo saber-se não se limita a preocupar-se com o presente. Ela insiste em devassar

também o futuro. Qualquer presunção de onisciência sente-se em condições de revelar conhecimento quanto ao futuro. O leitor já observou quanto tempo as pessoas, em geral, gastam em lucubrações concernentes ao futuro? Ocorre-nos muito pensamento a propósito do que poderá acontecer, sem que, com efeito, as circunstâncias impliquem na verificação da justeza do raciocínio que tivéssemos articulado. Então, isso faz com que se viva agitado por apreensões.

Alcançamos meal triunfo com relação às ansiedades sempre que procuramos reprimir as constantes decisões que tomamos por entendermos que o futuro será dessa ou daquela maneira. Porque, uma vez que consigamos levar a atitude presunçosa de suficiência de conhecimento a uma crucificação incessante, experimentaremos, como conseqüência, uma crescente vitória sobre as ansiedades.

A Libertação Quanto a Qualquer Fadiga Desnecessária

Na maioria dos casos, a exaustão ocorre pela presença de emoções negativas. Uma vez se tenha alcançado libertação relativamente a infundados motivos de ansiedade, bem como relativamente a preocupações doentias com e próprio corpo, será certo que se reduzirá consideravelmente a ocorrência de momentos de fadiga. Obtém-se redução no dispêndio de energias mentais por censeguir-se a anulação de qualquer espírito de censura temerária a propósito de quem quer que seja. Sabe-se que qualquer tomada de decisão implica em dispêndio de energia. Um comportamento ditado por constantes esforços por ajuizar-se da conduta de outrem é sempre de molde a sugar as reservas vitais de qualquer pessoa. Ao sentir-se o crente libertado das implicações do presunçoso “conhecimento do bem e do mal”, ocorrer-lhe-á também uma sensação de libertação quanto a deliberações tendenciosas. O crente passa, então, a viver como indivíduo responsável em face do arbítrio do Senhor, e conceites

quanto a si mesmo e quanto aos seus semelhantes. Não só se verifica ficar alguém exausto por insistir orientar-se presunçosamente do Espírito Santo. Com freqüência, demonstra-se evidente também que certas decisões tomadas por muitos “dedicados” servos de Deus resultam em esbanjamento de energias físicas e mentais.

Cada um dos fatores de exaustão acima referidos provém de presunçoso “conhecimento do bem e do mal”. Uma compreensão cabal da significação da cruz de Cristo, uma persuasão consentânea da identificação com Cristo e a firme determinação da vontade no sentido de preferir-se sempre rejeitar o pecado e obedecer a Cristo são experiências que não de consolidar todo o processo pelo qual se anulem os motivos irracionais de exaustão na maneira de viver do salvo.

A Libertação Concernente a Qualquer Legalismo Que Alguém Queira Impor-se

A maioria dos cristãos evangélicos se opõe ao legalismo. Entretanto, a verdade é que muitos de nós nutrimos algum caprichoso legalismo. Romanos 8:1-3 ensina-nos como a promulgação da lei teve em vista a enfermidade da natureza carnal humana. A carne (que implica em “autoconfiança” e consiste na atitude de saber tudo, que passou a generalizar-se entre os seres humanos) prefere sempre certa situação de existência na qual lhe seja permitido elaborar pensamentos, planos e conseqüências. E, a menos que nossa natureza carnal seja reprimida, será certo que ela procurará sempre estabelecer objetivos para suas atividades. Concebe-se que a natureza carnal não se empenhe na observância estrita dos Dez Mandamentos. Mas proporá o estabelecimento de coisas como orar-se por duas horas cada dia, fazer-se a leitura de dezessete capítulos bíblicos por dia ou procurar-se falar do evangelho com pelo menos três pessoas antes que sobrevenha cada noite. Não se pode deixar

de aplaudir as pessoas que se empenham em tais realizações espirituais, caso sejam estas de inspiração do próprio Espírito de Deus. Mas há de ficar-se advertido para o fato de que elas podem conduzir incautos ao legalismo.

Essa possibilidade de legalismo poderá resultar em autoescravidão do crente, que, dessa forma, passa a apresentar os sintomas de uma presunção danosa de procurar “fazer o melhor para Jesus”. Um desfecho disso em atitudes de desespero, complexo de culpa e desalento depressivo não estará longe de quem se mantenha descuidado. Porque, o que convém mesmo ao crente é o reconhecimento de que a vida cristã normal consiste autenticamente em que Cristo viva “em” e “através” do crente. Nada de presunções de que estejamos operando grandes coisas “em lugar” de Deus.

Ao procurarmos viver à luz da experiência de nossa identificação com Cristo, ficaremos libertados de qualquer capricho legalista que nos ocorra, bem como de todos os sintomas da presunção de “encetarmos a realização de nesso melhor para Jesus”. Como consequência natural, inteirar-nos-emos de nossa libertação concernente a quaisquer sentimentos de culpa e auto-rejeição que se insinuem em nosso íntimo. Por outro lado, finalmente poderemos começar a verificar a presença de uma genuína frutuosidade em nossa existência como crentes salvos, que devemos tributar toda a glória ao próprio Deus.

A Libertação Concernente à Ambição de Natureza Mundana

Todos nos sentimos estimulados por ambições. A maior parte das pessoas existentes no mundo sente-se estimulada por desejos ligados aos prazeres, à aquisição de riquezas e à fama. O falso conhecimento do bem e do mal atenta para os fatos da existência pelo prisma dos sentidos e chega à conclusão de que a vida, considerada no que tenha de melhor, há de encontrar-se

na fruição dos prazeres, na posse de muitos haveres ou nas ostentações da popularidade e também no exercício do poder. Infelizmente, tal maneira de raciocinar tem-se insinuado também nos que procuram viver de acordo com os ensinamentos cristãos.

Por exemplo, há casos de pastores muito criteriosos no exercício do ministério que, não obstante se preocuparem em que Deus seja glorificado através de seus esforços, nada mais conseguem fazer do que glorificar-se a si mesmos. Algum professor de Escola Bíblica Dominical poderá demonstrar-se ansioso no sentido de ser reconhecido. Nesse caso, fica tal pessoa submetida a apreensões e complexos como o de culpa. Verifica-se também que o ministério assim se vê prejudicado em relação aos legítimos interesses de uma classe bíblica. E, o fato é que o desejo é de tal ordem que não pode ser removido do indivíduo.

Problemas como os aludidos provêm da atitude presunçosa de quem acha que sabe tudo. Há deliberações que são tomadas sob estímulos de experiências que caracterizam preocupações para com o corpo. Uma apropriação adequada da libertação que nos advém de nossa identificação com Cristo é o caminho autêntico para escaparmos de tudo isso.

A discussão bem poderia continuar. Esperamos que, mediante essa introdução ao estudo de assunto, o leitor sintasse encorajado a efetuar mais demorados estudos, em outras áreas da existência, em que verifique que o pretensioso conhecimento do bem e do mal demonstra ser grande embaraço nos propósitos de manter a melhor conduta diante de Deus. O autor deste livro tem orado a Deus no sentido de que todos procuremos e deparemos com uma verdadeira libertação do pecado, seja ele derivado do presunçoso conhecimento do bem e do mal, seja algo que resulte da presença latente do velho homem ou da natureza carnal, que nos caracteriza, que de tudo isso fiquemos libertos pela experiência de uma vida consoante nossa identificação com Cristo.

9

Transformados Pelo Andar no Espírito

No capítulo anterior, demos atenção às experiências de mudança na vida cristã por obter-se libertação quanto ao poder do pecado. Consistiu, toda a discussão, em verificar-se um conjunto de mudanças negativas que se nos fazem peculiares, tendo-se em vista nossa identificação com Cristo. O presente capítulo considera uma lista de mudanças positivas, que também nos caracterizam devido à mesma experiência de identificação com Cristo. Assim hamos de proceder mediante a consideração do ministério que o Espírito, habitando no crente, é capaz de exercer. Uma vez libertos do poder da natureza carnal, ficaremos

plenos do Espírito Santo. Essa afirmação tem base em Gálatas 5:17 e João 4:14. Não é o caso de estarmos dizendo que nos será dada a experiência de uma total e ininterrupta libertação de tudo quanto a natureza carnal representa no crente. Insisto em advogar a idéia do desenvolvimento, isto é, a noção de que progressivamente haveremos de obter que continuamente alcancemos a libertação do poder da natureza carnal, de modo que, finalmente, estejamos plenos do Espírito e do que ele pode produzir em nós.

Uma vez que venhamos a ser mais e mais possuídos pelo Espírito, há de verificar-se que as características referidas no decurso deste capítulo haver-se-ão de manifestar cada vez mais em nossa vida. A abordagem do assunto é muito simples. O ensino do Novo Testamento, a propósito do Espírito Santo, será subordinado a quatro categorias, para efeito de discussão. Tornar-se-á claro que isso não se fará com sucesso cabal. É possível que se tenha de discutir algum aspecto do ministério do Espírito sob um dos títulos e outra pessoa entender que tal deveria subordinar-se a qualquer dos outros. Entendendo essa limitação, vamos apresentar o assunto sob as quatro categorias seguintes: mudanças pessoais, mudanças no relacionamento com outras pessoas, mudanças no relacionamento com o Senhor e mudanças relativas ao serviço cristão. Esta discussão será desenvolvida amplamente, com base em Gálatas 5:22, 23 e passagens exaradas em João 14, 15 e 16.

Mudanças Pessoais

Amor (Gál. 5:22)

Diz-nos o texto em Gálatas 5:22: “Mas o fruto do Espírito é: amor.” Vê-se que, quando o Espírito enche nossa vida, também o amor passa a caracterizá-la. O termo grego traduzido por “amor” em Gálatas é o mesmo usado para a descrição do

amor de Deus. O texto em I João 4:7 contém o ensino de que o amor procede de Deus. Portanto, a única fonte de amor é Deus. E sentimento que jamais poderá ser manufaturado à margem da consideração da sinceridade que prevaleça num coração. A leitura de I Coríntios 13 torna-nos claro O valor do amor. O sentimento do amor passa a caracterizar o crente sempre que lhe ocorra conscientizar-se da posição de salvo relativamente a Cristo e sempre que procure deliberar coerentemente contra as tendências pecaminosas, optando invariavelmente pelo senhorio de Cristo.

Gozo (Gál. 5:22)

Gozo é experiência rara. Para a grande maioria das pessoas, o gozo íntimo fica na dependência de que surjam circunstâncias favoráveis. Mas, quando ocorre ao crente a experiência da união com Cristo, o gozo íntimo passa a constituir-se patrimônio, que se lhe faz disponível, independente de circunstâncias. Efésios 5:19 contém a declaração de que, se estivermos cheios do Espírito Santo, haveremos de viver como a cantar, de modo incessante, experimentando uma doce melodia no coração. Com efeito, um coração que vive a cantar é um coração cheio de gozo.

Paz (Gál. 5:22)

Outra mudança pessoal proporcionada pela preferência de viver em identificação com Cristo vem a ser a presença da paz na intimidade de nosso ser. Passamos a fruir paz com Deus e com os semelhantes. Isso se prende também a paz interior, que deve caracterizar o salvo por Jesus. Vivendo-se em tempo de tribulação, de ansiedades, de desespero e mesmo de remorsos, não deixa de ser algo de excepcional significado saber-se que, na experiência da união com Cristo, se torna viável, ao crente, manter-se tranqüilo, fruindo paz com os semelhantes e com Deus.

Benignidade (Gál. 5:22)

O Espírito Santo nos torna benignos quando enche nossas vidas. Não é que tenhamos de esforçar-nos nem procurar fazer-nos dignos para que nos advenha essa qualidade. E que, quando nos relacionamos devidamente com o Senhor, recebemos de fato o dom da benignidade.

Bondade (Gál. 5:22)

Quase todos os pais procuram ensinar os filhos a exercitarem a bondade. Jesus Cristo, entretanto, afirma que não há ninguém “bom”. Porque, de acordo com Cristo, somente Deus é bom. Caso insistamos no ideal de sermos bons, temos de procurar as fontes da bondade não em nosso próprio íntimo. A bondade autenticamente considerada é qualidade que exclusivamente Deus possui. Todavia, é qualidade que ele procura comunicar aos crentes que consentem na plenitude do Espírito em sua vida.

Domínio Próprio (Gál. 5:23 NTV)

Pode causar estranheza tornarmos em consideração que o Espírito produz domínio próprio na vida cristã, visto que temos ressaltado que “a natureza carnal” se nos insinua como atitude de autoconfiança. A palavra grega aí traduzida por domínio próprio advém de duas outras, cuja significação é “em poder”. O Espírito Santo produz um poder interior no crente. Provavelmente o que o texto quer dizer é que uma pessoa possuída pelo Espírito Santo não consentirá em ser vítima de desordenados desejos carnis. Ela não está “fora de controle” e mantém-se livre para responder de boa vontade à orientação do Senhor, em sua maneira de viver.

Crescimento em Conhecimento Espiritual

O Espírito Santo, em várias passagens bíblicas, é chamado de Espírito da Verdade. O Senhor Jesus disse que o Espírito

Santo nos guiará ao conhecimento de toda a verdade (João 16:13) e que nos ensinará todas as coisas (João 14:26). Também o apóstolo Paulo ensina que o Espírito Santo nos revelará o que Deus preparou para os que o amam (I Cor. 2:9, 10). E que, quando o Espírito Santo se encontra enchendo nossas vidas, estamos como que abeberando-nos num oceano de luz espiritual.

Conhecimento de Acontecimentos Futuros (João 16:13)

Fez-se referência, no capítulo anterior, à presença, no ser humano, de um presunçoso conhecimento do bem e do mal, que pretende tomar decisões com base no que o futuro deixe transparecer. Esta passagem registra o ensino de que o Espírito Santo há de orientar-nos quanto ao futuro. Temos de manter-nos cautelosos quanto a isso. Há muito a considerar quanto ao futuro, que não será necessário a ninguém saber agora. Cumpre-nos não procurar saber o que o Senhor não nos quis revelar. Entretanto, será verdade permanente que o Espírito Santo haverá de revelar acontecimentos futuros, quando tal se constituir em necessidade para nós.

Capacidade de Mantermos na Memória as Verdades Espirituais (João 14:26)

O Senhor teve ocasião de dizer que o Espírito Santo nos haveria de trazer à lembrança tudo quanto ele ensinou. Muitos são os crentes que tem tido a felicidade de se lembrar de textos relevantes, ao testemunhar de sua fé. Tem sido, então, os textos muitíssimo necessários na aludida ocasião. Chegaram a parecer um milagre. E de fato o foram. Foi o Espírito Santo que fez com que fossem lembrados. Tais experiências são comuns, se andamos constantemente no Espírito.

Uma Infusão de Energia Espiritual (Rom. 8:11)

Este versículo traz-nos o ensino de que o Espírito Santo haverá de vivificar nossos corpos mortais. A referência primacial

deste texto, obviamente, concerne à ressurreição (ver I Cor. 15:22). Mas, transparece-nos aí também que o Espírito Santo “vivifica” nossos corpos já na existência atual. No capítulo anterior, chamamos a atenção para o fato de que uma libertação do crente a propósito de situações comprometedoras da capacitação humana coincide com a libertação que se experimente com respeito ao presunçoso “conhecimento do bem e do mal”. Essa tão admirável libertação pode ser considerada como uma experiência implícita em Romanos 8:11, atentando-se para a realidade de que o Espírito Santo nos testifica de Cristo Jesus, em quem alcançamos a libertação do “conhecimento do bem e do mal”. Também há ocasiões quando a promessa implícita no texto sob discussão parece cumprir-se mediante uma infusão de energias, experimentada por nossos corpos, visando a atividades na Causa de Deus. Quão sublime é essa motivação para que um crente se mantenha com o ideal da identificação com Cristo!

Ações de Graças Contínuas (Ef. 5:19)

Outro resultado da experiência de se estar continuamente cheio do Espírito é uma vida de constantes ações de graças por todas as coisas. Há filhos de Deus que lhe agradecem por todas e quaisquer circunstâncias. Há quem afirme que isso lhe proporciona transformações em seu viver. Algumas pessoas já me disseram que a ação de agradecer a Deus todas as circunstâncias capacitou-as para enfrentarem momentos difíceis. Encontrei, em meu pastorado, uma senhora crente que me disse que, ao começar a agradecer ao Senhor sua bacia fraturada, ocorreu imediatamente maravilhosa cura. Quando passamos a dar graças a Deus por tudo quanto nos acontece, revelamos fé na sua soberania sobre todas as circunstâncias. Tal espécie de fé honra o Senhor.

Infusão da Glória de Deus (II Cor. 3:18)

Este versículo contém uma das mais gloriosas declarações exaradas nas Escrituras. Lê-se assim: “Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.” O texto está inserido num contexto que procura descrever a glória do crente. E glória muito superior à de Moisés, sob a lei do antigo concerto. As palavras “de glória em glória” querem dizer-nos que mais e mais a glória do Senhor se faz revelada na vida do crente. O Espírito Santo opera assim poderosamente no íntimo do crente. Deus lhe concede a bênção de contemplar sua identificação com o Senhor Jesus, para que possa fruir mais e mais de sua glória.

Vida Abundante (Rom. 8:6)

Encontra-se, neste versículo, que “a inclinação do Espírito é vida e paz”. A tradução literal do grego é “a intenção do Espírito é vida e paz”. Como se observa, a palavra “vida”, na citada parte do versículo, se opõe à palavra “morte”, que consta na primeira parte dele. E a palavra “morte” tem aí o mesmo significado que em Romanos 7:24: “Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?” Uma existência incapaz de experimentar libertação do poder da natureza carnal humana é “morte”, no entender de Paulo. A palavra “vida”, portanto, em Romanos 8:6, significa “viverse realmente”. Trata-se da vida abundante referida pelo Senhor. Em Gálatas 6:8, o apóstolo afirma: “Mas quem semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna.” Creio que “no” deve ser entendido como equivalente a “por causa do”. Porque é quando procuramos semear por causa do Espírito que alcançamos a bênção da fruição de uma vida abundante. Assim verificamos que nossa identificação com Cristo torna possível essa sementeira “no” (ou “por causa do”) Espírito.

Meditação Mais Persistente a Respeito de Jesus (João 15:26 e 14:26)

Quando nosso Senhor falou sobre a vinda do Espírito Santo, declarou: “Esse dará testemunho de mim”, e: “Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso eu vos disse que ele, recebendo do que é meu, vo-lo anunciará” (João 16:14). Uma das evidências de nos encontrarmos cheios do Espírito consiste no prazer que passamos a sentir quando em profunda meditação sobre Jesus Cristo, nosso Senhor. O Espírito Santo não procura chamar a atenção humana para a sua própria pessoa. Quão sublime é ficarmos continuamente a considerar a pessoa de Jesus, bem como a significação dele para nós e para o mundo! Esta é outra admirável bênção que se torna nossa em consequência de nossa identificação com Cristo.

O Cumprimento da Lei (Rom. 8:1-3)

Neste texto se nos faz muito claro que não conseguiremos observar os preceitos da lei por nos empenharmos em fazê-lo. Pelo contrário, conseguiremos observá-los quanto mais nos conservarmos desapercebidos de tal esforço. A capacitação para que alguém cumpra a lei de Deus ocorrerá tão-somente na medida em que se aproprie do poder do Espírito Santo. Não devemos ler os Dez Mandamentos com o propósito explícito de fazermos uma tentativa no sentido de cumpri-los. Devemos lê-los animados pela intenção de descobrirmos se estamos ou não andando no Espírito. As exigências da lei encontram-se consubstanciadas nesta palavra: “Pois quem ama ao próximo tem cumprido a lei” (Rom. 13:8). Já tomamos em consideração o fato de que o fruto do Espírito é amor. Motivados pela consciência de nossa identificação com Cristo, haveremos de cumprir a lei, desde que procuremos andar no Espírito.

Mudanças em Nosso Relacionamento com o Próximo

A Bíblia contém mais recomendações concernentes ao nosso relacionamento com o próximo do que referentes ao nosso relacionamento com o Senhor. Na verdade, porém, sabe-se que os relacionamentos satisfatórios e bem-sucedidos com o próximo são o resultado de um bom relacionamento com o Senhor.

Longanimidade (Gál. 5:22)

O fruto do Espírito é longanimidade. Há duas palavras em o Novo Testamento grego para paciência. A que temos diante de nós tem a ver com o relacionamento humano. Provém de duas palavras: uma delas é “ira”, enquanto a outra significa “distante de”. Pondo-se essas duas noções conjuntamente, obtém-se o sentido de estar-se “distante da ira”. Verifica-se que as desavenças domésticas, conjugais, eclesiásticas e tantas outras razões de descontinuidade no relacionamento humano bem poderiam inexistir mediante uma infusão do sentimento traduzível nesse “distanciamento da ira”. Recebamos, pois, a virtude da longanimidade, por meio da obtenção de uma vida possuída pelo Espírito.

Submissão (Ef. 5:2 1)

O versículo acima concita os crentes a uma atitude de sujeição mútua. Diz: “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo.” A submissão para com outrem implica atitude de condescendência. O sentimento que se opõe à sujeição é o de domínio. O estudo do contexto no qual se insere a passagem bíblica aludida revela que o sentimento de sujeição mútua resulta de encontrar-se o crente pleno do Espírito Santo, conforme Efésios 5:18. Da observância desse requisito de sujeição mútua emergem as condições que mantêm os mais fortes vínculos para o melhor relacionamento humano.

Unidade Entre os Que Crêem (Ef. 4:3)

Este versículo fala da unidade do Espírito. O Espírito Santo cria condições para o prevailecimento da unidade entre os crentes. O próprio Senhor de nossas almas há de sentir-se em transportes de entusiasmo quando se permita ao Espírito tão relevante unidade de fé. Um estudo da oração proferida pelo Senhor, registrada em João 17, revela-nos como o seu coração ali clamava ao Pai Celestial pela unidade dos crentes. Sendo verdade que hemos de receber tudo quanto se faz peculiar à experiência do salvo, pelo fato de nossa identificação com Cristo, cumpre que nos sintamos atraídos, em amor, em direção aos outros crentes. Nosso Senhor, decerto, muito se alegrará com isso.

Mudanças no Relacionamento do Crente com Deus

Não há apenas mudanças em nosso próprio íntimo nem apenas no relacionamento com o nosso próximo quando consentimos em andar no Espírito. Verificam-se mudanças também em nosso relacionamento com o próprio Senhor.

Mansião (Gál. 5:22, 23)

Outro fruto do Espírito é a mansidão. Nosso Senhor disse que “os mansos herdarão a terra”. A mansidão constitui-se em virtude que muito contribui para melhorar o relacionamento com nossos semelhantes e torna também relevante o nosso relacionamento com Deus. A palavra associada a mansidão é o adjetivo “manso”, que se emprega para referir-se à cavalgadura que obedece de maneira dócil ao seu dono. Certa predisposição de obediência é noção implícita no significado de mansidão. Talvez até se possa dizer que é essa predisposição de obediência que mais se encontra na base da virtude da mansidão. Ora, quando nos encontramos plenos do Espírito, predispomo-nos, invariavelmente, à obediência ao Senhor. Nossa identificação com Cristo assegura-nos a aquisição do ânimo da mansidão espiritual.

Fé (Gál. 5:22)

O Espírito Santo produz a fé em nosso íntimo. Romanos 14:23 registra o ensino de que “tudo o que não provém da fé é pecado”. Hebreus 11:6 traz a advertência de que “sem fé é impossível agradar a Deus”. Romanos 1:17 assevera que “o justo viverá da fé”. É desejo do Senhor que todos os passos dados pelo crente sejam motivados por autênticos sentimentos de fé. O Espírito Santo é o doador da fé. Damos-te graças, ó Pai, pela experiência da identificação com Cristo e pela viabilidade que nos concedes de vivermos pela fé.

Fidelidade (Gál. 5:22)

A palavra que se traduz por “fé”, neste versículo, é traduzida por alguns eruditos do Novo Testamento, atualmente, como “fidelidade”. A fidelidade é uma virtude universalmente apreciada. Por outro lado, sabe-se quão desapontadora se faz uma tentativa de relacionamento quando os protagonistas não se façam merecedores de confiança. Qualquer pessoa que tenha sido vítima da infidelidade de outrem se demonstrará extremamente cuidadosa no estabelecimento de novos relacionamentos. Também se percebe que as pessoas infiéis em seus compromissos mostram-se portadoras de sentimentos culposos e desajustadas consigo mesmas. Devemos exultar com a consideração de que o Espírito Santo nos torna fidedignos. Ele não só é capaz de fazer-nos fidedignos no relacionamento com os nossos semelhantes, mas também nos torna fiéis para com o Senhor. Tal ato de graciosidade não se destina apenas aos dotados de grande santidade, mas a todos nós, porque todos os crentes estão unidos com Cristo.

Orientação (Rom. 8:16)

Já tivemos ocasião de salientar o fato de que, quando dispomos a viver em consonância com a convicção de nossa

identificação com Cristo, nos sentimos libertos daquela atitude de “saber tudo” e passamos a andar no Espírito. A declaração de Paulo, registrada em Romanos 8:14, de que os filhos de Deus são guiados pelo Espírito de Deus, está em consonância com o tema que diz respeito à identificação com Cristo. Não devemos desanimar se nos parece que conhecemos muito pouco a respeito do que seja estar-se sob a liderança do Espírito. Saiba-se que os pais não se sentem desapontados pelo fato de verem que os filhinhos de menos de um ano de idade ainda não sejam capazes de andar, e caíam. Da mesma forma, temos de admitir que o Senhor não está desapontado por ainda nos encontrarmos a fazer tentativas para andar no Espírito. Então, vamos fruir desse privilégio de vivermos progressivamente de modo a permitir ao Senhor que ele mesmo produza em nosso íntimo a necessária maturidade, para sermos, de fato, conduzidos pelo Espírito de Deus.

Mudanças na Operosidade do Crente

Como se verificou que o viver à luz da experiência da identificação com Cristo proporciona-nos mudanças em várias áreas de nossa existência, também há de verificar-se que ele proporciona mudanças em nossa operosidade na Causa de Deus. Uma vez verificando-se a ocorrência de mudanças, o crente ficará conscientizado de que sua vida tornou-se efetivamente operosa, produzindo frutos.

Uma Fonte de Vitalização Para Outrem (João 7:37, 38)

Numa das asseverações mais admiráveis em toda a Bíblia, nosso Senhor diz: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, como o diz a Escritura, do seu interior correrão rios de água viva” (João 7:37,38). No versículo 39, verifica-se que a alusão à água viva refere-se ao Espírito Santo. Nosso Senhor não nos diz aí que uma “corrente” venha a manar

dos recessos de um determinado crente. Nem mesmo diz que apenas um “rio” correrá, e, sim, “rios”. Rios de água viva hão de promanar do crente quando sentir sede espiritual, procurar a Pessoa do Salvador e beber dele. Será que necessitamos de um apelo ainda mais forte para sermos crentes cheios do Espírito? Repetidamente temos procurado deixar claro que é tão-somente à luz de nossa identificação com Cristo que podemos continuar a “beber” do Espírito Santo.

Mudança no Testemunho

Mesmo as pessoas ainda não suficientemente familiarizadas com estudos bíblicos podem verificar a relação existente entre o conceito de Espírito Santo e o dever de testemunhar. Um versículo-chave, na Bíblia, é Atos 1:8: “Mas recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samária, e até os confins da terra.” Outro poderosíssimo ensino escriturístico que realça o correlacionamento existente entre o Espírito Santo e o dever de testemunhar encontra-se em João 15:26, 27, onde o Senhor diz assim: “Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que do Pai procede, esse dará testemunho de mim; e também vós dareis testemunho de mim.” Com efeito, estando-se na plenitude do Espírito Santo, será impossível que se deixe de dar testemunho a respeito do Senhor Jesus Cristo.

Também nossa unidade com Cristo resulta numa nova maneira de testemunhar. O apóstolo Paulo teve ocasião de chamar a atenção dos gálatas para o fato de que o “Cristo crucificado” tinha sido apresentado diante dos olhos deles (Gál. 3:1). De que maneira podia a crucificação, que havia acontecido anos antes de Paulo chegar às regiões da Galácia, milhas distante, ser vista aos olhos dos gálatas?

A resposta se encontra nas muitas referências que o apóstolo

faz à crucificação de Cristo. Paulo assevera que tinha sido crucificado com Cristo, e que a sua carne também tinha sido crucificada, e que lá na cruz do Calvário ele tinha sido crucificado para o mundo e o mundo para ele. Pelo fato de Paulo ter sido crucificado com Cristo, os gálatas podiam ver Cristo nele. Eles podiam, portanto, ver que Cristo fora crucificado. Pelo fato de a sua carne ter sido crucificada, as obras da carne estavam ausentes na maneira de viver de Paulo, e o fruto do Espírito era visível nele. Os gálatas, portanto, viam Cristo crucificado em Paulo. Enfim, ao contemplar, na pessoa de Paulo, alguém tão separado do mundo, os gálatas viam nele o Cristo crucificado.

Esses poucos exemplos de mudança na operosidade da vida cristã não são exaustivos. Entretanto, são exemplos suficientes para que fique demonstrado como o Espírito Santo proporciona frutos e pertinentes transformações quando se lhe consente na posse da existência.

Que admirável experiência não seria uma conscientização adequada, pelos filhos de Deus, a propósito de tudo quanto se nos reserva pelo fato de pertencermos a Cristo!

10

Transformados por uma Vida Entronizada

Cristo está “em nós” e nós estamos “em Cristo”. Estamos, portanto, onde Cristo está e sabemos que Cristo está à destra do Pai nos altos céus. Efésios 2:6 diz que Deus “nos fez sentar nas regiões celestes em Cristo Jesus”.

No capítulo primeiro de Efésios, Paulo mostra que, uma vez que se encontra lá nos céus, Cristo está muito acima de todas as demais potências. Os crentes constituem o corpo de Cristo. Se Cristo, a cabeça, está nos céus, o corpo também está ali assentado com ele. A Epístola aos Colossenses contém uma

afirmação bem extensa sobre a vida entronizada com Cristo: “Se, pois, fostes ressuscitados com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está, assentado a destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra; porque morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Col. 3:1-3).

O autor da Epístola aos Hebreus apresenta a noção da entronização do crente, ao dizer: “E assim, queridos irmãos, por causa do sangue de Jesus, nós agora podemos ir diretamente até dentro do Santo dos Santos, onde Deus está. Este é o caminho novo, recém-aberto e vivificante que Cristo nos franqueou ao rasgar a cortina—o seu corpo humano—para dar-nos acesso à presença santa de Deus. E, visto que este nosso grande Supremo Sacerdote governa sobre a casa de Deus, entremos e vamos diretamente ao próprio Deus, com o coração sincero e confiando plenamente que ele nos receberá ...” (Heb. 10: 19-22, NTV).

A vida entronizada com Cristo vem a ser a maneira de viver-se em dois mundos ao mesmo tempo. Cristo está vivendo no crente aqui na terra, e o crente está vivendo em Cristo nos altos céus. Por exemplo, depois de o autor da Epístola aos Hebreus encorajar os crentes no sentido de que penetrassem no Santo dos Santos, ele escreveu-lhes: “Suplantemos uns aos outros em ser prestativos, em ser bondosos uns para com os outros, e em fazer o bem” (Heb. 10:24, NTV). Aí se vê como o escritor procurou proporcionar encorajamento para que os crentes possam viver como em dois mundos simultaneamente.

Nosso Senhor vive em dois mundos ao mesmo tempo. João 3:13 registra as palavras do Senhor dizendo: “Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu.” As palavras que se seguem a essa declaração—“o Filho do Homem que está no céu”—contidas em algumas versões, não se encontram no

original grego. Entretanto, isso não anula o fato de sua ascensão ao céu, mesmo no decurso da existência transcorrida por ele aqui na terra. As várias alusões aos momentos quando lhe foi dado “ver” e “ouvir” o que o Pai se encontrava a realizar implicam em uma vida entronizada no caso peculiar a nosso Senhor.

Cristo Jesus foi entronizado à destra do Pai imediatamente depois de sua crucificação, sepultamento, vivificação e ressurreição. Isso deixa transparecer que nossa história espiritual obedece à mesma seqüência. Temos primeiro de nos inteirar de nossa cocrucificação com Cristo, que é experiencialmente seguida por nossa coentronização com Cristo.

Caso não estejamos ainda sob a persuasão nítida de uma vida entronizada com Cristo, será certo apercebermo-nos dessa realidade pela persistência que demonstramos na apropriação de tudo quanto nossa identificação com Cristo contenha para nossa experiência de crentes esclarecidos, que tomam em consideração os fatos associados à salvação do pecador e que procuram exercitar a vontade de acordo com as determinações do próprio Deus. Desde que a realidade da entronização com Cristo se torna algo real na experiência do crente, ha de verificar-se a ocorrência de mudanças substanciais em sua maneira de viver. Passaremos a discutir a respeito de algumas dessas mudanças. O leitor vai observar que muitas transformações a serem experimentadas em decorrência dessa conscientização relativa à entronização do crente com Cristo já constaram no capítulo anterior.

Fé Crescente

Em exposição que fez a propósito da graça de Deus, o apóstolo Paulo afirmou: “E nos ressuscitou juntamente com ele, e com ele nos fez sentar nas regiões celestes em Cristo Jesus, para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza

da sua graça, pela sua bondade para conosco em Cristo Jesus” (Ef. 2:6, 7). No versículo que se segue, o apóstolo diz: “Porque, pela graça sois salvos, por meio da fé.” Está o leitor percebendo a ordem das palavras aí escritas? Trata-se de graça mediante a fé. E a fé exercida pelo ser humano que lhe resulta na obtenção da graça de Deus.

Eféios 2:7 ensina que nos séculos vindouros haveremos de receber a graça divina mediante a posição de entronização que tenhamos alcançado pela fé. Nessa posição entronizada, portanto, é que o crente há de receber o dom da fé. Podemos concluir, com toda a confiança, que, se consentirmos que o Senhor estabeleça em nós uma vida entronizada com ele, haveremos de tornar-nos portadores de uma fé crescente. Haveremos de viver mais e mais dos recursos espirituais advindos do próprio Deus, e não dos recursos característicos da individualidade humana.

Um Crescente Conhecimento de Cristo

Já fizemos referência ao texto exarado em Colossenses 3:1-4, que trata da revelação de Cristo. Não dispomos, aqui, de espaço suficiente para uma cabal exposição das razões por que admitimos que o aludido texto procura trazer à consideração dos leitores a noção de uma revelação atual de Cristo, não se relacionando de modo nenhum com a escatologia. Podemos obter um conhecimento de Cristo nos mesmos termos pelos quais Cristo se fez conhecido a Simão Pedro. O Senhor teve ocasião de dizer a Pedro: “Porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus” O Senhor disse-lhe que era um bem-aventurado por causa dessa revelação que havia recebido. A vida entronizada com Cristo é, consoante se lê em Colossenses, situação na qual se pode obter uma revelação. Por conseguinte, todos nós, os salvos, podemos fruir da bem-

aventurança que foi concedida a Simão Pedro.

Há uma correlação vital entre um crescente conhecimento de Cristo e uma fé crescente. A fé, acima de tudo, redundando deste conhecimento. Conclui-se disso, naturalmente, que um crescente conhecimento concernente à Pessoa do Senhor Jesus haverá de conduzir-nos a uma fé crescente.

O Crescimento Pela Orientação Vinda de Deus

O leitor deve mais uma vez consultar o texto em Colossenses 3:1-4, que alude à revelação de Cristo. A revelação de Cristo não deve ser tomada como sendo algo tão-somente de significado teológico. Cristo se faz conhecido no íntimo do crente para que lhe seja dada o entendimento do que o Salvador está fazendo e do que ele ainda deseja realizar na sua existência.

O primeiro versículo que se lê no livro de Atos dos Apóstolos registra o fato de que esse livro pretende ser como um relatório das atividades empreendidas por Jesus Cristo. As atividades dos cristãos daqueles tempos constituíram-se uma continuidade do ministério terreno de Cristo. “Ele” sempre se encontra empenhado na edificação de sua Igreja. Ele o faz através dos crentes. Faz-se, portanto, necessário que ele nos proporcione a devida orientação.

A Mudança na Operosidade Cristã

As transformações que hão de esperar-se em qualquer vida entronizada com Cristo relacionam-se com o escopo de sua operosidade. Algumas observações, entretanto, devem ser feitas a propósito da mudança que se requer na operosidade do salvo por Jesus. Falando do próprio ministério que lhe foi dado realizar, o apóstolo Paulo teve ensejo de dizer: “Mas é com sinceridade, e da parte de Deus e na presença do próprio Deus

que, em Cristo, falamos” (II Cor. 2:17). Assim se entende que o Apóstolo está dizendo que, quando se encontrava em atividade, lhe ocorria a persuasão de ter saído da presença de Deus, mas que, na realidade, se afastara da presença de Deus.

Nosso Senhor repetiu várias vezes que fazia tão-somente o que via o Pai realizando ou, também, o que ouvia do Pai. Talvez o conceito nutrido por Jesus possa tornar-se mais evidente se atentarmos para estas palavras: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (João 5:17).

Verifica-se, assim, que era a comunhão que mantinha com o Pai que se lhe constituía fonte de inspiração nas consecuições de seu ministério aqui na terra.

A Epístola aos Hebreus apresenta, de maneira a mais vívida, a conceituação da operosidade dos salvos neste mundo. Durante anos, o autor deste livro se manteve perplexo com o fato de que, não obstante demorar-se, a Epístola aos Hebreus, no tratamento dos privilégios que advêm aos salvos por Jesus de viverem no Santo dos Santos, abruptamente passa a fazer considerações concernentes à operosidade deles neste mundo. Todavia, há de entender-se que é exclusivamente quando o crente procura demorar-se na comunhão com Cristo nos lugares celestiais que ele se torna capacitado para o exercício das atividades cristãs, com os frutos que o Senhor deseja em cada salvo.

O Crescimento na Prestação de Culto a Deus

Não poucos filhos de Deus há que se demonstram zelosos na Causa do evangelho, mas não se fazem muito assíduos na freqüência durante as oportunidades de culto a Deus. Caso nos seja dada a possibilidade de recordarmos alguns momentos quando estivemos conscientemente na presença do Senhor em

genuína atitude de adoração, devemos comparar essa nossa experiência com quatro narrativas bíblicas, que se fazem preciosas à nossa atenção, nesse particular.

Uma das passagens bíblicas aludidas ressalta-nos o fato de o Senhor ter dirigido advertências a Marta a propósito das atitudes dela para com Maria. Ele, então, chamou a atenção de Marta para isso: “Uma coisa é necessária.” A “única” coisa que se faz absolutamente necessária ao crente é a fruição da presença de Jesus. Será que isso significa que sejamos indolentes? Decerto que não! Como tivemos ocasião de ressaltar, a operosidade na existência espiritual de um salvo há de promanar da prestação assídua do culto a Deus.

Em outra passagem bíblica, vemos o apóstolo Paulo declarar que qualquer coisa que se constituísse empecilho para que ele obtivesse o melhor conhecimento de Jesus Cristo lhe seria como “refugo” (Fil. 3:1-8). O termo empregado para a experiência do “conhecimento” de Cristo contém a significação que insinua conhecê-lo experimentalmente. Paulo expressava-se desejoso de familiarizar-se com Cristo mediante uma insistência em “ficar com Cristo”. Caso alguma coisa (mesmo que se tratasse de zelosa atividade em prol da Causa de Cristo) se interpusesse entre ele e o conhecimento experimental de Cristo, a teria considerado refugo.

Em ainda outra passagem, vemos o Senhor afirmar: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste” (João 17:3). O termo aí traduzido por “conheçam” expressa conhecimento vivencial. Portanto, a experiência de conhecer-se vivencialmente Deus, o Pai, e Deus, o Filho, evidencia-se como sendo, propriamente, a posse da vida abundante.

Na última das passagens aludidas, que requerem nossa especial atenção, o autor de Hebreus afirma que a capacitação

para enfrentar as dificuldades desta existência é encontrada em “fitando os olhos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé”. Eis aí um encorajamento proporcionado aos crentes para que continuem a fixar seus olhos na pessoa do Senhor Jesus. E assim verificamos que as quatro referências bíblicas a que nos referimos afirmam que uma comunhão constante com o Senhor é o caminho para alcançar a vida real, que nos advém de Deus.

A porta aberta para uma contínua experiência com o Senhor constitui a apropriação de nossa identificação com Jesus Cristo. Essa identificação com Cristo inclui a união do salvo com ele nos lugares celestiais. Situando-nos nesse ponto de apreciação desse assunto, o ato do culto a Deus se eleva ao seu mais alto nível.

Crescimento nas Orações Intercessórias

Oração intercessória significa culto, mas, devido à sua importância, exige discussões à parte. O assunto hem poderia ter sido apreciado em seções anteriores do livro. Mas há de convir-se que seu tratamento fica melhor nesta seção, referente à entronização do crente com Cristo.

E grande o poder quando oramos sob a persuasão de nossa entronização com Cristo. Nosso Senhor deve ter tido esta entronização do crente com ele em sua mente quando disse: “Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes, e vos será feito” Imagine-se a significação desse privilégio assegurado pelo Salvador de alcançar o crente tudo quanto pedir a Deus! Eis a promessa que aí fulgura nas páginas da Bíblia! O versículo decerto contém mais do que encontrar-se o crente entronizado com Cristo, mas insistimos que habitar em Cristo significa habitar nele nos céus.

O termo traduzido por “palavras” inclui a idéia de “palavras proferidas”. Em João 15:16, Jesus afirma que o Pai concede aos crentes o que pedirem em seu nome, isto é, de Jesus. Entre outras coisas, pedir “em seu nome” significa pedir em conformidade com os seus desejos. Em Efésios 6:18, lê-se: “Com toda a oração e súplica, orando em todo o tempo no Espírito.” Isto certamente significa sob a direção do Espírito. E-nos prometido, em I João 5:14, 15, que a oração é respondida quando oramos de acordo com a vontade do Pai. As passagens bíblicas aludidas ensinam que as petições devem estar em harmonia com o Pai, e Filho e o Espírito Santo.

Há coisas que Deus realiza independentemente de as pedirmos ou não. Por isso nos demonstramos sempre confiantes de que o sol há de raiar no dia seguinte. Há coisas que todas as orações do universo não irão mudar. Acha você que um bom grupo de oração poderia ter abtido Jesus da cruz? Por outro lado, há muitas coisas que Deus fará por outros se lho pedirmos. Mas temos que pedir em harmonia com a vontade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Em sentido muito real, a oração intercessória implica tomar-se os cuidados que se encontram no coração do próprio Deus, para devolvê-los ao seu coração. O crente que esteja sob a convicção de uma vida entronizada com Cristo torna-se cada vez mais participante do círculo que a intercessão pressupõe.

Vitória Sobre Satanás

Até o instante quando me foi dada uma experiência nítida de minha identificação com Cristo, era muitíssimo raro pensar na realidade e existência de Satanás. Entretanto, desde que passei a tomar na devida consideração essa minha experiência de identificação com Cristo nos lugares celestiais, tem-me ocorrido também a persuasão concernente à existência do maligno.

Experimento agora a convicção de que o maligno já se encontra derrotado em minha vida cristã, pois estou entronizado nos lugares celestiais, que lhe são inacessíveis (Ef. 1:19-23; 6:12; Heb. 2:14).

O propósito satânico não consiste primariamente em destituir-nos de noções morais. O que lhe cencerne, de fato, é conseguir remover o crente do propósito de fazer a vontade de Deus. Com frequência, observa-se que Satanás procura agir através de outras pessoas. Vemos como lhe foi possível aproveitar-se de Eva, da mulher de Jó e de Simão Pedro. Na verdade, não se pode ignorar que ele é capaz também de atacar suas vítimas de modo mais direto. Por exemplo, Satanás apressa-se em aproveitar-se de momentos de tribulação para nos desviar do Senhor, como aconteceu no caso de Jó. Ele é mentiroso (João 8:44), e usa meias verdades, como ao abordar Eva. Ele ataca em especial os filhos de Deus (Ef. 6:13).

Estamos inteirados, pelo ensino das Escrituras Sagradas, de que Jesus Cristo veio a humanizar-se, para que, “mediante a morte, ele pudesse destruir aquele que detinha e poder da morte, a saber, o Diabo”. E os crentes dispõem de armas que se fazem “poderosas em Deus” (II Cor. 10:4). Podemos envergar a “armadura de Deus” para o propósito de “lutarmos” contra tão poderoso inimigo (Ef. 6:10-18).

Assim é que, portando as armas das convicções que até aqui têm sido ressaltadas, havemos de sentir-nos mais capacitados para a obtenção de melhor compreensão quanto aos planos e quanto aos métodos de ação satânicos. Encontramo-nos, portanto, melhor preparados para enfrentá-lo, no curso da existência.

São admiráveis as transformações que podem ocorrer na vida do crente quando procura cenduzir-se à luz da convicção da identificação com Cristo nos lugares celestiais. Cumprelhe,

portanto, voltar-se para o Senhor, em busca sincera do pleno entendimento da experiência da entronização com Cristo, até que esta se torne real em sua vida.

Com o estudo assim empreendido, concluímos o assunto do último dos três capítulos concernentes às transformações que são de esperar-se quando o crente se inteira da experiência da identificação com Cristo. São transformações que atingem todos os setores da existência, nada deixando à margem em nosso ser. O Senhor, concede-nos o desejo e o necessário esclarecimento para experimentarmos o que significa efetivamente encontrar-se “identificado com Cristo”.

Quarta Parte

Considerações Práticas

Já por mais de um ano, tem sido meu privilégio transmitir a mensagem concernente à “identificação do crente com Cristo” a uma classe de adultos da Escola Bíblica Dominical.

A maioria dos que freqüentam essa classe é constituída de pessoas consagradas ao ministério. Juntos temos procurado obter, do Senhor, melhores luzes espirituais. Temos buscado obter respostas de Deus para o que se relaciona com a “teologia” da experiência da identificação do crente com Cristo e também concernente às conseqüências “práticas” relacionadas

com a maneira de viver-se coerente com essa identificação com nosso Senhor. Considerável parte do que o leitor vai ler advém das discussões assim travadas em ambiente de classe bíblica.

**Devemos Procurar
a Verdadeira Luz
Que Vem do Senhor**

A vida cristã deve ser vivida inteiramente sob a convicção da revelação divina. Tornamo-nos crentes porque Cristo se nos revelou. Desenvolvemo-nos como crentes na medida em que Cristo se nos revela. A iniciação do crente numa vida de identificação com Cristo vem a constituir-se uma existência de contínuo progresso no entendimento espiritual. A verdade advinda do Senhor constitui-se dom inefável. Nunca deverá ser admitida como coisa possível de merecer-se e conquistar-se pela aplicação de esforços, mesmo quando isso ocorra ao crente depois de estudos bíblicos realizados à base de muita submissão

ao Espírito Santo. O dom da verdade que Deus nos concede faz-nos experimentar crescimento na vivência cristã e uma operosidade frutífera na Causa do evangelho.

Devemos Buscar Esclarecimento Concernente à Pessoa de Cristo

Não importa a profundidade da compreensão que já tenhamos alcançado a propósito do Cristo entronizado à destra do Pai. Precisamos conhecê-lo ainda mais. Desenvolvemo-nos no Senhor tão-somente na medida em que recebamos mais compreensão a respeito dele. Podemos possuir grande conhecimento de verdades bíblicas em geral, sem que isso resulte em vida transformada. Quando, porém, nos apropriamos de tudo quanto pertence ao salvo pelo fato de sua identificação com Cristo, então a plena verdade a propósito de nosso Senhor se nos faz absolutamente patente.

Devemos Buscar Esclarecimento a Respeito de Nós Mesmos

É possível que haja algum problema concernente ao pecado que esteja bem acima de nossa compreensão. Na medida em que insistimos em clamar a Deus pela libertação relativamente a formas de pecado já nossas conhecidas, é que o Senhor nos vai libertando desses pecados. Entretanto, cumpre mantermo-nos devidamente preparados. Porque o Senhor decerto nos vai abrir os olhos espirituais, para que nos inteiremos da presença, em nós, de formas pecaminosas jamais admitidas. Uma vez que isso nos ocorra, temos de tratar do problema à luz da experiência de nossa identificação com Cristo.

Temos de consentir que o Senhor nos conceda a consciência de nossa indignidade diante de Deus. Uma autocondenação

passará a surpreender-nos, ao longo de nossa existência. Haveremos de surpreender-nos como portadores de complexos de inferioridade. Não obstante isso, “nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rom. 8:1).

Devemos Buscar Melhor Esclarecimento Quanto ao Significado do Sofrimento

A maioria de nós necessita de um entendimento melhor a propósito da presença do sofrimento na vida cristã. Nada é mais relevante como parte essencial na vida caracterizada pela conduta de acordo com o Senhor. Caso insistíssemos em suprimir o sofrimento de uma conceituação autêntica do cristianismo, terminaríamos por eliminar a compreensão da ‘necessidade da cruz do Calvário. Entretanto, não se tem dúvida de que a eliminação da cruz do Calvário implicaria a eliminação do cristianismo tal como a história no-lo revela. Em conseqüência, requer-se uma relevante intuição a propósito do sofrimento. Quando, porém, vivemos a luz de nossa identificação com Cristo, temos razões especiais para entender o sofrimento.

Em primeiro lugar, a maioria de nós abre o seu coração para uma compreensão de nossa identificação com Cristo, pelo fato de termos falhado como crentes. Aquela preocupação no sentido de fazer-se “o melhor para Jesus” não resultou em nada. Pusemo-nos a semear na (ou por causa da) carne, e verificamos que colhemos a corrupção. Prostrados que ficamos no desespero, ocorreu-nos então voltar os olhos para a Palavra de Deus, em busca de melhor compreensão. Foi então que chegamos a inteirar-nos de que a vida cristã não se enquadra em nenhum conceito que implique fazermos “o melhor para Jesus”. Pelo contrário, implica que o próprio Deus passe a estar em nós e a operar através de nós.

Na experiência da vida em identificação com Cristo, há

uma segunda razão por que necessitamos de esclarecimento a propósito do sofrimento. Em João 15:18, o Senhor afirma: “Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós, me odiou a mim.” Se vivemos identificados com Cristo, o resultado é que Cristo vive em nós e através de nós. Ora, o mundo aborrece Cristo. Caso Cristo estivesse atualmente na terra, decerto ele não lhe haveria de tratar mais brandamente do que o tratou quando aqui esteve. Portanto, uma vez estando Cristo a viver em nós e através de nós, continuará objeto de repúdio por parte do mundo. O seu ódio será dirigido contra aqueles em que Cristo habita.

Há uma terceira razão por que os que vivem em união com Cristo devem entender o sofrimento. Em II Coríntios 1:8,9, Paulo declara: “Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia, pois que fomos sobremaneira oprimidos acima das nossas forças, de modo tal que até da vida desesperamos; porquanto já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte, para que não confiássemos em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos.”

Ao longo deste livro, temos procurado demonstrar que o conceito de “carne” implica atitude humana de autoconfiança. O problema básico da pecaminosidade humana reside na presunção do “conhecimento do bem e do mal”, que nada mais é do que o exercício da autoconfiança quando se tenha de tomar decisões. Ocorre, porém, que a autoconfiança prevalecente num setor da existência é sempre de molde a abrir portas para que se verifiquem tipos outros do prevaletimento dessa presunção humana. O apóstolo Paulo, no citado texto de II Coríntios 1:8,9, está dizendo que Deus consentiu que ele passasse por experiência tão dramática exatamente para que nele se viesse a destruir o vezo da autoconfiança. O ponto relevante é que, quando nos associamos a Paulo na persuasão de que já estamos mortos para o pecado (e isso pelo fato de que o velho homem—que é noção inclusiva da carne—foi crucificado com Cristo), o

Senhor tem condições de proporcionar-nos as circunstâncias capazes de inutilizar qualquer operosidade da autoconfiança em nossa vida.

Se não alcançarmos o necessário entendimento do significado do sofrimento na vida do crente, decerto nos será quase impossível dar continuidade à nossa experiência de vivermos sob a convicção de nossa identificação com Cristo.

Devemos Buscar Esclarecimento Sobre a Soberania de Deus

Em muitos setores cristãos, o tema relacionado com a soberania de Deus tem recebido grande atenção. Controvérsias tem havido a propósito da questão da eleição. Entretanto, por alguma razão, o tema relacionado com a soberania de Deus concernente a inúmeros aspectos da existência individual dos crentes vem recebendo atenção bem menor. Uma compreensão da soberania de Deus em cada etapa diária de nossa vida nos fortalecerá quando o sofrimento sobrevier.

Não estamos sugerindo que Deus é responsável por nossas decisões. Mesmo porque a Bíblia não contém tal ensino. O ser humano é dotado de livre-âmbítrio. Mas Deus controla as circunstâncias que nos envolvem. A questão concernente à soberania de Deus é de molde a sempre suscitar perplexidades e inquirições. Pode-se perguntar: “Será que o autor deste livro quer dizer, aos seus leitores, que Deus quis que tantas ou quantas pessoas fossem rudes para comigo?” A mente natural jamais terá condições de entender que os sofrimentos provenientes da pecaminosidade de alguém também podem ser admitidos como oriundos de Deus.

Nossos sofrimentos provenientes das circunstâncias são oriundos do Senhor e, para isso, dispomos de uma bela

explicação. Essa noção terá de ser aceita pela fé. Entretanto, ela se faz satisfatória. Quando Simão Pedro teve ensejo de falar a respeito do Senhor no dia de Pentecostes, disse: “A este, que foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, vós matastes, crucificando-o pelas mãos de iníquos” (At. 2:23). Jesus foi morto. E matar é pecado. Lá na cruz do Calvário, porém, nosso Senhor esteve exatamente no centro da vontade divina. E verdade que nenhuma condição temos de penetrar nas profundidades de tal mistério. Temos de aceitar tais paradoxos mediante o exercício de nossa fé para com Deus.

O mundo aborrece Jesus Cristo. Quando Cristo vive através de nós, é certo que o mundo haverá de aborrecer-nos. O Senhor não pode ser responsabilizado pela realidade do ódio que o mundo pecador lhe devota. Não obstante, os sofrimentos que advêm aos crentes, desse estado de ódio contra a divindade, nutrido neste mundo, constituem-se evidentes manifestações da vontade de Deus para com os salvos.

Não teria cabimento que o autor deste livro empreendesse um tratamento exaustivo do problema relacionado com o sofrimento e com a soberania de Deus no universo, mas temos de ressaltar aqui que podemos manter-nos absolutamente confiantes quanto ao fato de que Deus tenha admiráveis desígnios para conosco sempre que as circunstâncias de nossa existência nos imponham experiências dolorosas.

O encorajamento que pretendemos proporcionar aos leitores, por meio deste capítulo, é de continuamente se voltarem para o Senhor, para melhor esclarecimento a respeito do sofrimento. Caso subsistam barreiras contra a obtenção de mais evidências da vontade divina em nossa existência, cumpre-nos o mais sincero empenho de removê-las. O que temos de fazer então é apropriarmo-nos definitivamente de tudo quanto nos pertence de fato por encontrarmo-nos identificados com Cristo.

Há ocasiões quando o Senhor se digna a conceder-nos mais profusa luz ao entendimento espiritual em fração de segundos, do que podemos receber no decurso de horas dedicadas a um estudo bíblico ditado por inspiração de nossa precária natureza humana.

**Questões
Frequentemente
Suscitadas**

Pelo fato de a experiência relacionada com a vida caracterizada pela união com Cristo não ser comumente ensinada, pouco se sabe a respeito entre o povo de Deus. Como resultado, aqueles que são introduzidos nesta maneira de viver geralmente têm uma série de interrogações a respeito. O espaço disponível, no escopo deste livro, impõe-nos que nos esforcemos por dar respostas tão-somente às perguntas mais pertinentes.

“Por Que Nunca Ouvi Falar a Respeito Disso Antes?”

Esta pergunta possivelmente vem sendo feita mais vezes do que outras, por aqueles que passam a experimentar mudanças em sua maneira de viver, em virtude da consciência de sua união com Cristo. Há respostas para os que assim inquirirem. Em primeiro lugar, ao que parece, apenas um pequeno número de crentes conhece por experiência a mensagem concernente à identificação do crente com Cristo. Exclusivamente aqueles cuja vida tenha sido transformada pela assimilação da verdade dessa mensagem é que se mostram possuídos de entusiasmo no sentido de transmiti-la a outras pessoas. É possível que você já tenha ouvido a mensagem sobre a identificação do crente com Cristo, porém sem a intuição espiritual adequada. Seria o caso de que o seu coração ainda não estava preparado para a assimilação da mensagem. Outra resposta cabível pode encontrar-se na soberania de Deus. Talvez o Senhor tenha o seu próprio tempo para revelar essa sua mensagem. Pode ser que a união com Cristo seja revelada ao leitor através da leitura deste livro, ou pode ser que leve anos até que seja esclarecido.

“Que Fazer, Caso Nossa Persuasão Resulte Infrutuosa?”

Há pessoas que se empenham em esforços por alcançar alguma mudança em sua maneira de viver por motivos menos lisonjeiros. Por exemplo, caso insistamos em considerar-nos mortos para o pecado e vivos para Deus, nutrindo em nosso íntimo algum propósito egoísta, isso resultará em que nossa persuasão, por si só, se faça inseqüente. Porque, é a glória de Deus que se deve constituir motivação real para nós. Há pessoas que se dispõem a considerar-se crentes identificados com Cristo, sem, contudo, romperem seus compromissos com o pecado e permitirem que Jesus se torne o Senhor absoluto. Como poderia alguém obter triunfo efetivo sobre o pecado, sem uma decisão contrária ao prevalecimento do pecado em

sua maneira de viver? Como poderia alguém obter a experiência da soberania de Cristo em seu íntimo, deixando de consentir que ele, de fato, se lhe constitua em “Salvador”, “Senhor” e “Vida”?

“Como Se Pode Conservar a Mente Firmada em Cristo por Todo o Tempo?”

Uma vida de identificação com Cristo requer uma contínua predisposição de aceitar a liderança do Espírito Santo. Não são poucos os que desejam manifestar essa predisposição espiritual. Mas, deixando-se comprometer tanto com a correria e a secularização da existência, tão vigente no mundo atual, qual é o ensejo que podem desfrutar no sentido de atentarem para a voz do Senhor? A resposta que se pode dar a tal inquirição pode causar surpresa. Não faça nenhuma tentativa nesse sentido. Não é necessário. Tente viver o dia sem pensar de maneira nenhuma no Senhor. Fazê-lo é coisa inviável. E há uma razão para que assim seja. Quando teve de dirigir-se a mulher samaritana, junto ao poço de Sicar, eis o que disse o Senhor: “A água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que jorre para a vida eterna” (João 4:14). As nossas tendências carnis opõem-se ao Espírito, mas, em verdade, a natureza carnal não poderá anular de maneira total a ação do Espírito Santo. E o Espírito Santo quem testifica de Jesus no íntimo do salvo.

Caso procuremos realmente a fruição da experiência da posse dos recursos espirituais que nos são peculiares pelo fato de nossa identificação com Cristo, agiremos, cada dia, completamente livres de tensões e sob a convicção de que, através do dia, o Espírito de Deus, que em nós habita, haverá de empenhar-se no testemunho concernente à Pessoa de Jesus. Na medida em que a experiência desse testemunho íntimo ocorrer, certamente passaremos a aperceber-nos das evidências

de nossa identificação com Cristo na morte, no sepultamento, na vivificação, na ressurreição e na entronização. Então ocorrerá uma libertação quanto ao poder da “carne” que proporcionará capacitação ao Espírito Santo para que continue a exercer mais continuada liderança em nossa vida. Decorrendo um razoável período depois de experiências assim, verificaremos como a persuasão de nossa identificação com Cristo mais e mais nos capacitará a termos nossa mente continuamente firmada em Jesus Cristo.

“Como Podemos Discernir Se Algo Tem Origem em Deus, e Não em Nossa Natureza Carnal?”

Nem sempre temos condições de discernir bem. Aprendemos a andar no Espírito assim como a criança ainda em tenra idade aprende a andar. Aprendemos passo a passo. Será inevitável deixarmos de cometer erros. Acontece, porém, que o Pai Celestial nos compreende e demonstra-se cheio de compaixão para conosco. Ele não nos humilha pelo fato de, inadvertidamente, interpretarmos erroneamente a liderança do Espírito. Muitas vezes, o que pensamos ser palavra do Senhor não passa de alguma insinuação de nossa própria natureza carnal. Enquanto estivermos neste mundo tão comprometedor e tão destituído de preocupações espirituais, sabemos que temos de avançar sob as luzes do entendimento já alcançado. Assim temos de proceder para interpretar a orientação do Espírito de Deus. Mas sabemos que estamos sujeitos a erros, e podemos errar. Todavía, devemos tomar uma tal posição, já ao amanhecer de cada dia, de modo que o Espírito Santo prossiga em falar-nos no decorrer do dia e possamos corresponder à sua orientação sem tergiversações.

“Como Posso Compartilhar a Experiência Desta Mensagem com os Outros?”

A pessoa que tem lutado contra o pecado e encontrou a vitória na sua unidade com Cristo assemelha-se ao novo convertido. Não vê a hora de dar testemunho e de transmitir a nova mensagem, mas nem todos estão prontos a ouvi-la. Alguns respondem com indiferença, e outros com hostilidade. Diante de tais rejeições, ficamos indecisos, sem saber como transmitir nossa experiência aos outros.

Assim como o evangelho só pode ser transmitido aos perdidos com o auxílio do Espírito Santo, também esta mensagem de graça diária só pode ser comunicada sob a liderança e o poder do Espírito Santo. Há pessoas já predispostas a ouvir a respeito dessa experiência por preparo advindo do próprio Senhor. Pessoas que demonstrem encontrar-se persuadidas de que são bem-sucedidas nas atividades da Causa de Deus normalmente não são as melhores a serem procuradas para a comunicação da mensagem em questão. Deve-se preferir, geralmente, para este fim, pessoas que se considerem fracassadas espiritualmente. Na grande maioria dos casos, o “quebrantamento” constitui-se pré-requisito para que alguém se mostre “receptivo” em face da mensagem de nossa identificação com Cristo.

Nosso testemunho pessoal de uma vida transformada é uma das maneiras mais eficazes de comunicar a nossa identificação com Cristo. Existe, também, o meio da literatura. Chegará o momento quando, neste livro, se vai tratar do problema da melhor literatura a ser usada para este propósito. O Espírito Santo intervirá, em nossa oração por outros, para que estejam abertos para receber a mensagem. Certamente, não é de bom alvitre querer “impor” a identificação com Cristo a outrem. Em suma, cabe ao Espírito de Deus usar o crente no

compartilhamento de sua identificação com Cristo aos outros.

**“Está Sendo Ensinada Aqui
uma Perfeição, Isenta de Pecado?”**

Aqui não se encontra nenhum esforço no sentido de alcançar-se a perfeição, isenta de pecado. Alguém poderá expressar-se agradecido diante de Deus pelo fato de não mais se encontrar sob o império do pecado, sem que, entretanto, advogue a presunção de que vai passar a viver sem cometer pecados. Longe do autor deste livro a idéia de que se possa viver neste mundo absolutamente descomprometido com alguma forma de pecado. O que se pretende é insistir na liberação proporcionada ao crente relativamente ao poder do pecado. Uma pessoa já liberta do domínio de um temperamento irascível certamente se verá rodeada por circunstâncias quando lhe acontecerá irritar-se ainda. Tais explosões temperamentais, porém, hão de demonstrar-se menos freqüentes e não tão persistentes.

**“Estão Todos os Crentes Inteirados
do Assunto em Questão?”**

A resposta é “não”! Concebe-se que o Senhor efetua sua ação soberana em nosso íntimo por algum tempo, e eleva-nos ao ideal de prosseguirmos mantendo uma vida que razoavelmente poderia ser considerada “abundante”. Todavia, caso falte, à consciência do crente, a noção teológica básica em que fundamente sua experiência, vai ocorrer que essa vida abundante não poderá ter continuidade. Um período de exercício da soberana graça do Senhor não assegura ao crente a mais perdurável compreensão do que seja, de fato, a experiência da identificação do salvo com Cristo.

“Por Que a Maioria das Igrejas Não Ensina Esta Verdade?”

Uma das respostas possíveis a esta interrogação é que elas, provavelmente, não estão persuadidas da presença desta verdade nas páginas do Novo Testamento. Possivelmente já tenham ouvido a respeito desta mensagem, mas não chegaram a aceitá-la. Em alguns casos, líderes da igreja podem ter recebido esta mensagem e procurado vivê-la, mas não experimentaram mudança. Portanto, não têm uma mensagem vital para compartilhar. E também concebível que alguns tenham experimentado a vida de identificação com o Senhor Jesus, mas temem falar a respeito a outros. É algo diferente do que outros estão ensinando, e às vezes teme-se ser classificado como sendo diferente.

“Por Que Me Transformo Tão Lentamente?”

Há ocasiões em que experimentamos mudança radical ao vivermos a vida identificada com Cristo. Tais ocasiões, entretanto, são raras. Por vezes, as mudanças são tão morosas, que duvidamos se realmente estão ocorrendo. Entendo, nesses casos, que se trata de propósito do próprio Deus. Foi assim mesmo que Deus nos criou. Atente-se para outras áreas da vida. Já se viu, por exemplo, algum bebê andar logo ao nascer? Verificar-se-ia o caso de algum tenro renovo transformar-se em árvore em poucos meses? Jesus chamou a atenção, ao interpretar a Parábola do Semeador, para o fato de que qualquer crescimento excessivamente rápido, numa planta, fará com que tenha raízes insuficientes. Vamos cobrar ânimo, portanto, admitindo que a morosidade com que experimentamos as transformações almejadas, em nossa maneira de viver diante de Deus, é algo que coincide com os desígnios divinos concernentes à nossa individualidade.

Muitas outras inquirições podem ser formuladas pelos crentes. E provável que o leitor esteja formulando perguntas em seu próprio íntimo. E exclusivamente o Senhor que se faz absolutamente capaz de proporcionar a todos nós as respostas plausíveis. Entretanto, é possível que o leitor esteja se beneficiando com os esclarecimentos contidos nas tentativas de respostas às perguntas nesse capítulo.

**Algumas
Advertências
Necessárias**

Não poucos de nós, os que nos iniciamos na experiência da identificação com Cristo, tem incidido em enganos palmares. Da consideração desses enganos é que procuramos derivar as advertências que passamos a ressaltar. Esperamos que algumas de nossas considerações sejam de valor para os nossos leitores.

**Não Pense Que Todos Estão Prontos
a Ouvir o Que Lhe Aconteceu**

Bom número de crentes neófitos demonstra-se chocado diante da falta de receptividade, ao transmitir a nova do

evangelho a amigos. Da mesma forma, há crentes que não se mostram receptivos em face do testemunho concernente à identificação do salvo com Cristo. Uma vez que tal testemunho deixe transparecer um conteúdo discrepante do que habitualmente vinham ouvindo e crendo, ocorrerá a alguns crentes que aquilo que apresentamos constitui heresia. Pode acontecer que os que não se demonstram receptivos fiquem tão preocupados com o crente que lhe procure dar testemunho, como, por sua parte, o crente na posse da experiência da identificação com Cristo ficará, decerto, preocupado com o recalcitrante.

Outros crentes haverão de ficar ressentidos ouvindo alguém que argumenta com eles, evidenciando-lhes falta de entendimento adequado das implicações da vida cristã. Pelo fato de subjazer, nos indivíduos em geral, uma atitude de auto-suficiência do conhecimento, há de verificar-se que alguns não se façam receptivos ao testemunho relativo a essa experiência, exatamente por relegá-lo ao desdém. Satanás, na verdade, há de empenhar-se no esforço por manter os crentes em geral cegos à necessidade de procurar a libertação do poder do pecado, pois é certo que a persuasão dessa experiência constitui-se fator de devastação para o seu domínio no mundo.

E de todo possível que a primeira oportunidade para você conduzir outra pessoa à vida identificada com Cristo seja com alguém inteiramente alheio ao assunto. Pode ser alguém que considera a vida cristã que leva um fracasso. Nesse ponto, entretanto, convém ressaltar-se a irrelevância de saber-se quem seja a pessoa a ser procurada, para levar-lhe esclarecimentos a propósito da experiência da identificação do crente com Cristo. O que releva mesmo é estar-se atento às oportunidades quando o Espírito Santo proporcione a alguém o ensejo de uma comunicação dessa experiência.

Evite-se Qualquer Presunção de Ter-se Alcançado Mais Profundidade na Vida Cristã

Casos há quando se tem de reconhecer a justeza de motivos para que alguém repugne a mensagem da experiência concernente à identificação do crente com Cristo. Caso um crente, em seu zelo por levar outrem à fruição dessa experiência, assuma uma atitude vaidosa, pelo fato de encontrar-se num plano mais profundo” de vida cristã, a falta de receptividade diante da insistência de seu testemunho será a coisa mais natural. Mesmo porque o Novo Testamento nada deixa transparecer da existência de um plano mais profundo de vida cristã. O que faz é uma distinção entre o crente “carnal” e o crente “espiritual”. Não obstante, ninguém se demonstra como tendo alcançado mais espiritualidade por encontrar-se num plano mais profundo de experiência cristã, não tendo razões para presunções. A verdade é que o crente há de demonstrar-se espiritual, biblicamente, por desvencilhar-se do vício da autoconfiança e, em conseqüência, passar a viver mais à base da fé para com Deus. Uma vez que são as nossas frustrações que usualmente nos conduzem à humildade da fé, não subsistem motivos autênticos para qualquer envaidecimento, no indivíduo salvo por Jesus, de ter atingido um plano mais profundo na vida cristã.

Tome-se Precaução Contra Tendências Comodistas

Deus é entidade dinâmica. Ele se encontra em plena atividade em todo o universo. Uma vez que ele esteja vivendo em e através de um indivíduo, não se compreenderá que tal pessoa seja indolente. A transição de uma certa maneira de vida bastante agitada por interesses imediatos e outra maneira de viver que impõe ao crente uma contínua consciência de responsabilidade diante de Deus pode acarretar-lhe sofrimento e perplexidades. No decorrer dos vários estágios da experiência, é possível que o crente fique prostrado em certa inatividade,

enquanto se empenha por obter a melhor interpretação para o admirável fenômeno da orientação proporcionada pelo próprio Senhor. Algum receio de que incorra em erros de interpretação quanto à orientação divina pode resultar em transitória paralisia do crente. Temos de estar sempre apercebidos de que o Cristo que habita nos recessos da alma salva caracteriza-se por uma incessante atividade. Tãosomente se impõe a cada crente que procure prosseguir na consecução de seus ideais com as luzes que sua mente já tenha se apropriado. Há de predispor-se a incorrer em erros. Porque é exclusivamente mediante tentativas que chegaremos a vencer qualquer fase de transição antes que estejamos na plenitude da experiência e das responsabilidades da persuasão de nossa identificação com Cristo.

Subsiste uma insinuação muito sutil a respeito da qual nos cumpre ficar bem atentos. Nossa vida de consciência da responsabilidade em face de Deus nos levará, decerto, a passar mais tempo a sós com o Senhor, quer estudando as Escrituras quer orando. Isso determinará que, por algum tempo, tenhamos de sair menos a dar testemunho do evangelho do que teríamos feito no passado. Entretanto, convém ressaltar-se que uma atividade que se desempenha “a sós” com Deus não implica “inatividade”. As atividades mental e espiritual não representam inatividade. Satanás poderá insinuar-nos a impressão de que, uma vez que nossa atividade não se faz a todos notória, isso significa que não estejamos preocupados em efetuar a vontade de Deus. Caso isso aconteça com alguém, saiba-se que qualquer concessão haverá de resultar em retorno à operosidade cristã que se faz sob inspiração de tendências carnis.

Procure-se Entender o Que Está Subjacente ao Isolacionismo Espiritual

Se nossa conscientização a propósito da orientação do Espírito Santo nos impuser a dedicação de mais tempo à oração,

ao estudo das Escrituras e à meditação, então vai ocorrer-nos que nos sintamos mais isolados das demais pessoas de nosso relacionamento do que isso teria acontecido em qualquer tempo anterior. Não será o caso de ficarmos procurando manter vida isolada de outras pessoas. Entretanto, não devemos escusar-nos a essa experiência, caso o Senhor assim o determine. Um perfuntório estudo a respeito da vida de Paulo há de inteirar-nos do fato de que foram bem reduzidas suas atividades e seu ministério público no decorrer de alguns anos. Eie pregou o evangelho em Damasco quase imediatamente depois de sua conversão, mas foi logo conduzido ao que se assemelhava a uma existência isolada. Isto foi necessário. Dispomos apenas de esboços da vida e do trabalho do apóstolo no decurso de quase quinze anos, desde quando ele passou a pertencer ao Reino de Deus. Tudo se lhe fazia relevante, tendo em vista o preparo que o Senhor lhe estava proporcionando para torná-lo responsável antes que lhe fosse dado que iniciasse o cumprimento da tarefa para a qual estava vocacionado. Nossa persuasão é de que ocorriam muito significativas experiências na vida de Paulo no decurso daqueles quinze anos, mas, à luz do que se pode ler em suas epístolas, temos de ressaltar o fato de que durante aqueles anos o Apóstolo estava aprendendo a andar no Espírito.

O que queremos sugerir, por meio destas considerações, é que ninguém deve procurar viver isolado da convivência de outros crentes, mas não se deve afastar a conveniência de tal procedimento quando se sente que o Senhor o quer.

Não Se Consinta Apenas Numa Vitória Parcial

Muitos de nós temos experimentado um ardente anseio pela libertação relativamente ao pecado e pela fruição conseqüente do poder de Deus em nossa vida. Mas, quantas

vezes tem acontecido que o crente é tentado a palmilhar apenas uma parte do caminho que há de conduzi-lo a consecução desse ideal em sua existência! Por um lado, verifica-se a existência de pessoas que se consideram já identificadas com Cristo sem que, entretanto, isso as leve a romper seus compromissos com o pecado e, portanto, sem que cheguem à plenitude da submissão para com a soberania de Cristo em suas vidas. Por outro lado, pessoas há que, já ao longo de anos, sentem que têm rompido seus compromissos com o pecado e mostram-se absolutamente submissas à soberania de Cristo, mas não consentem na persuasão relativa à identificação do salvo com Cristo. Faz-se necessário que ambos esses aspectos da experiência evangélica se tornem dinâmicos em nossa maneira de viver, para que alcancemos uma indubitável libertação quanto ao predomínio do pecado, bem como com relação ao poder de Deus nos recessos de nossa alma.

Não Se Consinta em Retrocessos Espirituais

Tem havido aqueles que, depois de procurarem palmilhar o caminho dessa experiência de identificação do crente com Cristo com muitas expressões de júbilo, não se demoraram em retroceder. Assim procederam por várias razões. Já a simples sugestão de que uma persuasão relacionada com a união do crente com Cristo se constitui heresia fez com que alguns desistissem de prosseguir nesse intento. O fato também de que não são muitos os que têm chegado à compreensão da vida cristã dessa forma dá, a certo número de crentes, a impressão de que tal persuasão resulta em levá-los a um tipo de vida cristã à parte dos demais. O receio de ficarmos sozinhos pode constituir-se barreira que descontinua o propósito de muitos manterem-se no ideal de viver sob a persuasão da identificação do crente com Cristo. Há de considerar-se ainda os casos em que as pessoas descontinuam seus propósitos nesse sentido ao

perceberem a existência da possibilidade de sofrimentos. O fato será sempre que Satanás não deixará jamais de empregar os métodos a sua disposição para conseguir que o crente se acovarde. Entretanto, cumpre-nos superar todas as tentações que nos pretendam desviar dessa senda tão fascinante, que é nossa persuasão de que devemos viver identificados com Cristo Jesus.

Não Deve Haver Precipitação Para Adotar-se Qualquer Decisão Que Implique um Injustificado Abandono dos Métodos Usuais na Realização do Ministério Cristão

Em virtude das transformações profundas que se verificam, como efeito natural de procurar-se viver a vida identificada com Cristo, pode acontecer a alguém a impressão de que tudo quanto tem conseguido realizar obedece a métodos impróprios. Devemos convir que, uma vez que amamos o Senhor e nossos esforços por honrá-lo têm sido sinceros, nossa vida e serviço cristão não redundaram, de maneira nenhuma, em desperdício. O Novo Testamento nunca deixou transparecer que a dedicação do crente antes da obtenção da persuasão concernente à sua identificação com Cristo teria sido ditada por estímulos de natureza carnal. A verdade é que a maior parte das atividades de um crente ainda carnal pode admitir-se como efetuada no Espírito, embora a presença de sentimentos carnis lhe impeça de, propriamente, “andar no Espírito”. Assim sendo, convirá que o crente consinta em proporcionar o tempo necessário ao Senhor, para que ele passe a demonstrarlhe em que lhe convirá adotar mudanças na operosidade que a vida cristã impõe ao salvo.

Não Se Negligencie Nenhuma Oportunidade Para a Evangelização

Até o momento de experimentarmos nossa identificação com Cristo, praticamente a única atividade cristã de uma vida

transformada que exercemos é de levar outros a Cristo. Então as portas se abrem para um serviço mais amplo, de uma vida transformada, quando nos apropriamos de tudo quanto signifique, efetivamente, estar-se identificado com Cristo. E o ensejo para levarmos outros à “vida abundante”. Nos propósitos do Senhor, podemos exercer um ministério cristão mais amplo no sentido de transformar vidas. Entretanto, convirá ter-se em mente que esse empenho só será justificável se provier por inspiração do Senhor e não de excitações emocionais que se esteja experimentando. Temos de conservar em mente que o Senhor nunca consentiria em que adotássemos uma operosidade em seu Reino que subestimasse a paixão evangelizadora, que é relevante sobre todas as demais.

**Não Se Consinta Jamais na Utilização da Mensagem
Concernente à Experiência da Identificação
do Crente com Cristo Para Fins Egoístas**

Por exemplo, admita-se o caso de alguém cuja irascibilidade lhe esteja acarretando dificuldades na vida conjugal. Tal pessoa procurará atentar para essa mensagem, com a intenção de tirar vantagens dela e, se possível, salvar seu casamento. E o que tal pessoa deseja. Por isso, sua atenção se faz absorvente. Procura, então, pôr em prática o que ouviu. Mas não dá resultado. Outra pessoa procura “tirar proveito” da mensagem para exhibir-se como indivíduo espiritual. Outros, ainda, procuram na mensagem um expediente para melhorálos quanto às características de sua personalidade.

Ora, nosso Senhor, mais de uma vez, afirmou que os seus seguidores devem levar a própria cruz. Parece-me que essa declaração de Jesus é relevante para a mensagem de nossa identificação com Cristo. Quando nos procuramos firmar devidamente na convicção de que já fomos crucificados com Cristo, com efeito tomamos a “nossa” cruz. Atente-se para o

fato de que, quando Jesus se expressou a respeito, deixou claro que nos cumpre tomar a “nossa” cruz por amor a ele.

Tivemos ocasião de fazer referências a alguns dos perigos que enfrentamos quando nos dispomos a viver uma vida identificada com Cristo. Há ainda outros perigos. Mas o Senhor nos proporcionará esclarecimentos e nos cercará com as providências de sua graça, na medida em que tenhamos de enfrentar todos esses perigos.

14

Sugestões Para Leitura

Quando ansiamos mudar e almejamos glorificar o Senhor com nossa vida, nos valem de todos os meios ao nosso alcance para esclarecimento. Este capítulo foi escrito para pessoas assim. Não vamos apenas fazer sugestões relacionadas com o que se deve ler, mas também de como proceder a leitura. No entanto, cabe ao Espírito Santo sugerir a ordem em que o material deve ser lido. Antes de darmos uma relação da literatura cristã, vamos fazer sugestões relacionadas com estudos na Bíblia.

Passagens Bíblicas Pertinentes ao Estudo do Assunto em Questão

Os capítulos 2 e 3 de Genesis, 5 e 6 de Romanos e 5 de Gálatas proporcionam melhor compreensão do doutrinamento concernente à união do crente com Cristo. Há outras passagens bíblicas importantes. Por exemplo, a ampla passagem de Romanos 5:12 a 8:39 é de molde a proporcionar profusa luz sobre o assunto. O estudo da Epístola aos Gálatas em sua totalidade será deveras útil. Colossenses 2:9 a 3:11 e Efésios 1:3 a 2:10 contêm muita intuição relativamente à união do crente com Cristo. Para uma compreensão adequada do sofrimento, aconselha-se a leitura de II Coríntios 1, 4, 6, 11 e 12.

Depois de ter-se alcançado alguma experiência em relação a vida de identificação com Cristo, há de chegar-se à conclusão de que é o Evangelho Segundo João que se constitui o livro mais importante em todo o Novo Testamento, no que concerne à mais exaustiva exposição dessa admirável maneira de viver diante de Deus. Devemos conservar sempre em mente que o Senhor disse: “Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós” (João 20:21). João 5:17 a 17:26 provê grande esclarecimento quanto à vida de nosso Senhor e de seu relacionamento com o Pai. Repetidamente, Jesus afirmou que sua vida estava permanentemente na dependência dos recursos espirituais que lhe advinham do Pai, e não de seus próprios. De modo que disse que nós devemos nos relacionar com ele, assim como ele se relacionava com o Pai, e que nos relacionamos com ele dessa maneira quando vivemos à luz de nossa identificação com ele.

Estou persuadido de que, depois de alcançar-se razoável entendimento das passagens bíblicas aí destacadas, bem como depois de consentir-se numa crescente experiência de vida identificada com Cristo, essa mensagem, que ressalta aos leitores

a graça inefável de Deus, não poderá deixar de esplender em quase todas as páginas da Bíblia em sua totalidade.

Leituras Que Se Prestam Para Iniciação na Experiência de Nossa Identificação com Cristo

Convém que se esteja precavido para não incidir-se na atitude dos que admitem a inutilidade da leitura de livros sobre o assunto em questão. O Espírito de Deus poderá preferir que, por algum tempo, leiamos apenas a Bíblia, mas devemos certificar-nos de ser tal a vontade de Deus para conosco, antes de entendermos que a leitura de outros livros seja coisa dispensável. Mesmo porque muitas pessoas conseguiram a necessária persuasão para iniciar-se na experiência de identificação com Cristo exatamente quando liam livros sobre o assunto.

Há um opúsculo, divulgado pela Moody Press, intitulado *But, How*, que tem sido muitíssimo proveitoso para alguém se iniciar no conhecimento da experiência da crucificação com Cristo. O leitor poderá também receber muita intuição da leitura de outro opúsculo, escrito por Reginaldo Wahlis, sob o título *The New Life*. A Broadman Press publicou *The Key to Triumphant Living*, escrito por Jack Taylor, ministro batista do sul dos Estados Unidos. Particularmente este último livro tem sido utilizado pelo Senhor no sentido de introduzir muitos na vida de união com Cristo.

Outro livro que tem levado grande número de pessoas a se transformarem mediante a identificação com Cristo é *Handbook to Happiness*, escrito por Charles Solomon. A peculiaridade do livro de Solomon consiste no fato de que ele escreve situando-se no ponto de vista da psicologia, ao passo que outros autores se têm situado no ponto de vista da teologia. Qualquer leitor que se encontre no firme propósito de glorificar o Senhor tendo

em vista sua libertação de problemas considerados psicológicos não poderá deixar de entusiasmar-se com a leitura deste livro.

Miles Stanford é outro autor que introduz efetivamente seus leitores na vida identificada com Cristo. Caso o leitor se interesse pelo exame dos livros dele, aconselha-se que comece por ler *Principles of Spiritual Growth*. Este livro vem sendo divulgado também sob o título *The Green Letters*. Os escritos de Ruth Paxson têm sido utilizados pelo Senhor no sentido de abrir os olhos a um admirável número de filhos de Deus. Por exemplo, sua obra *Rivers of Living Waters* será sempre útil nos estudos iniciais que alguém queira fazer a propósito da identificação do crente com Cristo.

Norman Grubb já escreveu vários livros sobre a união do crente com Cristo. No capítulo terceiro de sua autobiografia, *Once Caught No Escape*, esse autor relata como ele e sua esposa se iniciaram na vida identificada com Cristo. A leitura do referido capítulo, e do capítulo catorze da biografia de Hudson Taylor, intitulada *Hudson Taylor's Spiritual Secret*, que relata a sua iniciação na vida identificada com Cristo, provê uma excelente introdução ao tema em questão. Outro tratamento biográfico desse assunto encontra-se num esboço de biografia, relacionado com a iniciação de Ian Thomas na vida identificada com Cristo, exarada nas páginas primeiras de seu livro *The Saving Life of Christ*.

Leituras Que Visam ao Crescimento na Experiência da Identificação do Crente com Cristo

Encontra-se disponível a todos uma riqueza de material capaz de proporcionar profusa luz para a continuidade dos estudos relacionados com a experiência da identificação do crente com Cristo. O excelente livro escrito por Jack Taylor, sob o título *Much More*, procura apresentar aos leitores, de

modo belíssimo, a mensagem concernente à identificação do crente com Cristo. *Much More* vem a ser um tratado mais exaustivo e satisfatório na apresentação da identificação do crente com Cristo do que *The Key to Triumphant Living*, que é mais um livro de testemunho. *The Mystery of Godliness*, de Ian Thomas, poderá demonstrar-se de leitura muito a propósito do assunto em questão. Livros como *The Ground of Growth* e *The Reckoning That Counts*, de Miles Stanford, podem proporcionar uma intuição muito adequada a respeito do assunto que estamos tratando.

Também Andrew Murray tem escrito muita coisa a propósito desse assunto. Seu livro *Abide in Christ* inclui trinta e dois capítulos, que tratam especificamente da experiência da identificação do crente com o Senhor Jesus e, decerto, é de leitura deleitável a qualquer interessado no assunto. Bom número dentre o povo de Deus tem sido admiravelmente abençoado pela leitura dos livros de L. E. Maxwell, *Born Crucified* e *Crowded to Christ*.

F. J. Huegel é um dos autores mais prolíficos, deleitáveis e proficientes dentre os que tratam do assunto que estamos considerando. Seu livro *Bone of His Bone* é um clássico para esse estudo e tem aberto o caminho para um grande número de pessoas encontrarem a nova vida em Cristo. Seus dois livros, *Reigning with Christ* e *The Enthroned Christian* são obras exclusivas sobre a entronização do salvo com Cristo. *Made to Be Like Him*, de J. Dwight Pentecost, e *He That Is Spiritual*, de L. S. Chafer, nos proporcionarão muita motivação para o desenvolvimento na experiência da salvação. *The Pursuit of Holiness*, de Jerry Bridges, pode ser útil para os crentes que já adquiriram a persuasão da identificação com Cristo, mas não experimentaram mudanças em suas vidas.

All Things Made New, de Lewis B. Smedes, proporciona noções muito intuitivas a propósito da mensagem relacionada

com a experiência da identificação do crente com Cristo, noções que não tenho encontrado em outros autores. Trata-se de obra de teor teológico, mas muito prática. Além disso, há dois capítulos inseridos em dois importantes livros que devem ser consultados pelos que se interessam pelo assunto em questão. Um dos capítulos intitula-se “União com Cristo” e consta na *Systematic Theology* de A. H. Strong, e o outro, sob o título “Moralidade e Misticismo”, encontra-se na obra *A Man in Christ*, de James Stewart. Ambos são esclarecedores e inspirativos.

Há muitos outros livros dignos de referência. Já tive ocasião de aludir a alguns poucos livros, que tratam desse nosso assunto, no meu testemunho pessoal, que consta no capítulo primeiro deste livro. O leitor poderá ficar admirado observando quantos autores já escreveram obras sobre a mensagem que é tratada neste nosso livro. A medida que se vai lendo, cada autor vai apresentando outros autores.

Tipos Especiais de Material a Ser Consultado

Uma referência deve ser feita a dois outros tipos de material que pode ser lido com proveito. Um deles consiste de literatura de cunho devocional. Nessa categoria de material encontra-se um livro já popular, da autoria de Oswald Chambers, sob o título *My Utmost for His Highest*. Trata-se de compêndio amplamente conhecido. Algumas das afirmações constantes no livro de Chambers deixam transparecer a presença de conceituações que podem promover alguma tendência de viver-se à base de presunções carnisais. Entretanto, em sua maior parte, as exposições de teor devocional são deveras preciosas. Miles Stanford é autor de seis volumes, cada um com trinta e uma dissertações de teor devocional. A coleção intitula-se *None But the Hungry Heart*. As exposições contidas nesta coleção chegam a fazer-se leitura inebriante!

Outro tipo de material cuja leitura poderá demonstrar-se muito enriquecedora encontra-se em periódicos. Conheço bem apenas dois deles que, de maneira absolutamente consistente, discorrem a respeito do assunto relacionado com a identificação do crente com o Senhor. Um deles vem a ser a revista denominada *Overcomer* e o outro a revista *Fulness*. Nem todos os artigos que essas revistas divulgam tratam do assunto concernente a identificação do crente com Cristo. Mas alguns o fazem e poderão ajudar muito a compreensão dos eventuais leitores.

Nota Explicativa

A maneira de viver-se designada ao longo deste livro como “vida de união com Cristo” e “identificação do crente com Cristo” recebe designações diferentes nos vários autores. Na medida em que o leitor procurar conhecer os livros e fontes indicadas acima e outros não sugeridos aqui, decerto terá sua atenção despertada para designações como: “A Vida Cristã”, “Identificação com Cristo”, “Vida Mais Profunda”, “A Vida sob o Controle do Espírito”, “A Vida Abundante”, etc. Algumas dessas expressões encontram-se ao longo das Escrituras, mas outras não. Nossa preferência pelos enunciados “união” e “identificação” decorre do fato de serem de ocorrência freqüente nas páginas das Escrituras, sob a forma de “nele” “em Cristo”, “no Amado”, etc.

Nota do Editor

A JUERP dispõe de uma lista de obras visando ao crescimento cristão que poderão ser utilizadas como fontes

alternativas às obras sugeridas pelo autor. Caso seja do seu interesse, peça informações, escrevendo para o Departamento de Publicações Gerais, Caixa Postal 320, 20001 Rio de Janeiro, RJ. O referido material também poderá ser adquirido nas filiais da JUERP.

O Crescimento na Experiência du União com Cristo

O crescimento na experiência cristã constitui-se tema de importância central ao longo do Novo Testamento. Porque ninguém jamais alcançou vida perfeita no decurso desta existência. Por exemplo, em Filipenses 3:12, o apóstolo Paulo nos deixa registrada sua persuasão de não ser, de maneira alguma, o tipo de crente que o Senhor gostaria que fosse. Convir-nos-á mantermo-nos com o sentimento assim demonstrado por Paulo, para que continuemos a atentar para o Senhor e, dessa forma, possamos alcançar aperfeiçoamentos em nossa maneira de ser, e cheguemos, finalmente, à maturidade almejada. Pela necessidade de crescer na experiência cristã,

temos de nos desenvolver cada vez mais numa autêntica vida de comunhão com Cristo.

Elementos de Oposição ao Crescimento, na Experiência de Nossa Identificação com Cristo

Existem elementos de oposição ao “crescimento” na experiência da identificação do crente com Cristo, tanto quanto há elementos de oposição à sua “entrada” nessa experiência. Satanás sempre procurará opor resistência nesse sentido. Acarretamos-lhe embaraços sérios quando procuramos abeberar-nos nas fontes de vida espiritual proporcionadas por Deus, e não em presunçosas reservas que tenhamos em nosso íntimo. Ele procurará interromper-nos, na senda desse propósito, com todos os meios a ele disponíveis. Ele se aproveitará de emoções e de situações de perplexidade que nos ocorram. Ele procurará realizar seus intentos para conosco através de outras pessoas. Satanás é mentiroso e sempre há de valer-se de mentiras e de meias verdades como expedientes de ação.

Temos de estar atentos para a verdade de que o interesse primordial nutrido pelo Diabo não é no sentido de fazer com que sejamos imorais.

O que lhe interessa é conseguir que nos afastemos da vontade de Deus. Foi essa intenção que ele demonstrou, no mais remoto passado, contra Adão, Jó e mesmo contra o Senhor Jesus. Pode acontecer que nos mantenhamos portadores de consciência moral muito aguçada, e, não obstante, encontrarmos no centro dos planos satânicos para nossa ruína espiritual. Não podemos, contudo, viver uma vida identificada com Cristo e estar em harmonia com os intentos de Satanás para conosco.

Também a nossa natureza carnal procurará opor-se a consecução de nossa identificação com Cristo. Porque a

carnalidade jamais consentirá em que se procure viver pela graça, mediante a fé. O orgulho no ser humano será sempre de molde a levá-lo a insistir por realizar por si mesmo tudo, e, em conseqüência, adquirir a sensação de merecimentos diante de Deus. A já conhecida subjacente atitude de “saber tudo” dos seres humanos ainda não-regenerados procurará expressar-se como portadora de conclusões pessoais. Já alguém teve ocasião de dizer: “O orgulho só muito dificilmente chega a morrer dentro de nós.” O orgulho rebela-se diante de qualquer insinuação no sentido de alguém reconhecer-se responsável em face de outrem, mesmo quando se trate do Senhor Deus, Criador do universo.

Por vezes, vai acontecer que até pessoas amigas se achem com o direito de manifestar oposição a nossos propósitos de continuidade na coerência do viver com Cristo. Será conveniente que procuremos tomar a ocorrência dessas situações como evidências da vontade divina em relação a nós. Temos de ter uma sincera disposição de fazer a vontade divina, ainda que isso venha determinar que fiquemos sozinhos. Pode ser que tal não se faça necessário, mas temos de nos manter dispostos a isso, se preciso. Porque o Senhor sempre quererá que a ele pertençamos com exclusividade. Ele quer que tenhamos fé nele, e nele somente. O temor de ficarmos sozinhos impede nosso desenvolvimento na experiência de nossa união com Cristo. Ninguém deseja ficar sozinho. Entretanto, em certas circunstâncias, pode ser que nos sintamos concitados por Deus para ficarmos a sós com ele. Os receios em tais situações poderão assumir proporções que se constituam fatores adversos ao crescimento em nossa identificação com Cristo.

Também o temor em face de perspectivas de sofrimento poderá resultar em que o crente se acovarde, deixando de dar prosseguimento à sua vida de identificação com Cristo. Num capítulo anterior chamamos a atenção para a existência de sofrimento no empenho do crente por viver em união verdadeira

com Cristo. Isso será algo inevitável. Contudo, devemos lembrar-nos sempre que o sofrimento, na experiência do crente, está no escopo da soberania de Deus, e que ele é um Deus de toda a sabedoria, compaixão e de ilimitado poder.

Meios Que Nos Asseguram o Crescimento na Experiência da União com Cristo

O Senhor nos tem proporcionado meios para nosso crescimento na experiência de nossa identificação com Cristo. Passaremos a apreciar alguns dos mais relevantes.

A Lembrança de Três Fatores a Considerar

Os três fatores são o arrependimento, a receptividade do perdão e o reconhecimento ou persuasão que deve ocorrer à consciência do salvo a propósito de sua identificação com Cristo. O desânimo é sempre um tremendo oponente ao nosso desenvolvimento na vida cristã. Mas é elemento ainda mais adverso quando se trata de crente que esteja procurando sinceramente sua identificação com Cristo. Chegamos à persuasão de que já estamos mortos para o pecado, e logo em seguida pecamos. Com frequência, segue-se uma sensação de desânimo em nosso íntimo. Mas podemos livrar-nos do desânimo mediante a lembrança dos fatores sugeridos.

Logo ao sentir que temos cometido algum pecado diante do Senhor, cumpre que nos arrependamos sinceramente. Apenas fere ou causa sofrimento gastar tempo com autocondenação. I João 1:9 recomenda-nos: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.” E exclusivamente a confissão proveniente do arrependimento que se faz genuína para o alento do crente.

Imediatamente depois de nossa confissão de

“arrependimento”, devemos persuadir-nos de nossa “receptividade” do perdão outorgado pelo Senhor. Não raro, enfrentamos um problema grave quanto a isso. As vezes, se não nos “sentimos” perdoados, não “recebemos” ou aceitamos o perdão que nos foi conferido por Deus. Entretanto, quando confessamos os nossos pecados, o Senhor nos perdoa efetivamente. Cabe-nos, portanto, “receber” ou aceitar o seu perdão.

Temos, então, de “reconhecer” ou persuadir-nos de que já estamos mortos para o pecado. Isso que é o certo. Em questão de segundos, logo depois de nos surpreendermos em pecado, cumpre-nos “reconhecer” que já morremos para o pecado. Convir-nos-á uma atitude de quem tributa glórias ao Senhor por estarmos absolutamente inteirados de que não subsiste nenhuma fatalidade de cometermos o mesmo pecado novamente. Devemos tudo fazer no sentido de que essa tríplice lembrança se constitua patrimônio de nosso viver diário.

Ler Livros Que Tratem da Identificação do Crente com Cristo

Já tivemos ocasião de fazer sugestões concernentes a um programa de leitura pertinente a este assunto. Quando nutrimos anseios por mudanças espirituais em nosso íntimo e buscamos sinceramente a glória de Deus, será certo que o Senhor vai abençoar-nos na medida do aproveitamento que nos ocorra fazer dos escritos produzidos por pessoas outras que alcançaram a felicidade de preceder-nos na caminhada exigida por uma vida identificada com Cristo. Nós, os crentes, nos desenvolvemos na experiência da salvação mediante o auxílio mútuo, e, assim sendo, não poucas vezes, são os livros que nos proporcionam os estímulos necessários à consecução desses ideais. Vamos lê-los, portanto. Vamos lê-los em grande número. Vamos estudá-los. Mas, quer leiamos, quer estudemos, vamos submeter-nos sempre à orientação e clarividência advindas do Espírito Santo.

Conviver com Outros Crentes Que Se Tenham Iniciado na Fruição da Experiência de Identificação com Cristo

Ao encetar sua entrada experimental na vida de identificação com Cristo, o salvo possivelmente se deparará cercado por considerável número de amigos que se lhe farão muito íntimos. Quando estiver na iminência do desespero dentro de seu coração, ele procurará estas pessoas que estão seguindo este modo de viver. Sempre que possível, e quando o Senhor assim nos conduzir, devemos conversar com esses novos amigos. Essas horas de compartilhamento são horas de bênçãos. Porque proporcionam ensejo para a permuta de testemunhos, para o levantamento de inquirições e para a discussão de problemas mútuos. Por vezes, podemos nos comunicar com estes amigos peio telefone e por cartas.

O Ministério da Fita Gravada

A possibilidade de contar-se com gravação em fitas tem concorrido para uma efetiva divulgação da Palavra de Deus. Já se conta com um bom número de fitas gravadas apresentando a mensagem relacionada com a experiência da identificação do crente com Cristo. Alguma livraria evangélica nas proximidades poderá dar informações a propósito da existência dessas gravações. Se esse não for o caso, talvez possa o leitor valer-se da orientação de amigos já familiarizados com esse material. Mesmo este livro encontra-se gravado em fitas (EUA).

O Ministério Através de Conferências Bíblicas

Podemos verificar que o ministério desenvolvido através de conferências bíblicas é de utilidade. Caso o leitor esteja sendo convidado a participar de uma conferência bíblica que faça constar no material de promoção algo como “vida mais

profunda”, aconselhamos que procure saber algo a respeito dos preletores. Porque há os que se apresentam para proferir alocações em tais conferências que não deixam transparecer nenhum interesse para com a mensagem concernente a identificação do crente com Cristo. Uma conferência visando a obtenção de “vida mais profunda”, que, em última análise, procura estimular seus participantes no sentido de adotarem uma atitude criativa — qual seja a de que se deve fazer o melhor que se possa para Jesus — jamais se pode dizer que contribua para uma adequada intuição relativa à mensagem da identificação do crente com Cristo. Muita vantagem espiritual poderá advir ao crente, de uma participação que tenha numa conferência bíblica, mas ele deve manter o máximo de precaução quanto aos pontos de vista teológicos dos respectivos preletores. Posso recomendar aos leitores, com boa dose de entusiasmo, a participação em conferências concernentes a ministérios típicos, como, por exemplo, o que se denomina de Fraternidade Internacional da Graça, no Estado de Colorado, que se realiza sob a liderança de Charles Solomon.

Tenha Frequentes Experiências de Culto a Sós com Deus

No seu ministério terreno, o Senhor ensinou que o Pai procura aqueles que o adorem em espírito e verdade. E significativo que não há nenhum registro de que ele ensinou que o Pai “procurasse” outras coisas em nós mais do que isso. A medida que nos desenvolvermos na vida identificada com Cristo, estaremos aptos a prestar um incessante culto a Deus, onde quer que estivermos. Ao iniciarmos essa nova maneira de viver, necessitamos estar a sós com o Senhor frequentemente. Necessitamos de momentos em que todas as distrações que nos distanciam do Senhor sejam afastadas.

Nessas ocasiões de culto a sós com Deus, deve-se dar ênfase à leitura devocional da Bíblia e à oração. Alguns têm achado de

utilidade, nesses momentos, também a leitura de outros materiais devocionais. Estas experiências de culto “individual” dão ao Senhor o ensejo de ensinar-nos a orar de acordo com a orientação do Espírito Santo, e não segundo o nosso próprio arbítrio sobre o que ou por quem devemos orar. Tais ocasiões são com frequência usadas pelo Senhor para nos ensinar a Bíblia. São também oportunidades para o Senhor nos conceder novas luzes sobre as passagens que nos ensinam quanto à nossa união com Cristo.

Muitas mudanças em nós ocorrerão nesses nossos momentos de culto. Pecados em nós de que antes não tínhamos consciência se tornarão manifestos diante de nós. Maneiras mundanas de viver, que nos passaram despercebidas, nos serão apontadas pelo Senhor. Nossa importância, possibilidades e capacidades, em virtude de nossa união com Cristo, se nos tornarão claras, e como resultado alcançaremos a vitória sobre a autocondenação e os complexos de inferioridade.

Devemos tudo fazer para crescer em nossa experiência de vida identificada com Cristo. Graças ao Senhor, isso é possível. Essas considerações foram escritas exatamente em virtude do desejo que o autor deste livro acalenta no sentido de proporcionar estímulo, de modo que qualquer eventual leitor, efetivamente, venha a desenvolver-se em sua experiência de identificação com Cristo.

Conclusão

O primeiro capítulo deste livro contém o testemunho que posso dar relativamente à minha iniciação na vida “identificada com Cristo”. Então, procurei escrever para comunicar a outras pessoas como foi que, em meu caso pessoal, pude ser trazido a essa experiência e como resultou em mudanças. Para que pudesse melhor fazer a conclusão das discussões contidas neste livro, procurei obter de outras pessoas, que passaram pela mesma experiência, que também elas consentissem em comunicar o testemunho do que lhes tem ocorrido. Essas pessoas são Jerry Halbrook, ministro responsável pelo programa de educação religiosa e pela administração de nossa igreja; Russ Murphy, evangelista musicista e, anteriormente, um dos componentes da diretoria de nossa igreja; e, finalmente, minha esposa, Janie Kuykendall.

O Testemunho Pessoal de Jerry Halbrook

Com a idade de nove anos, tive o ensejo de receber Jesus como meu Salvador pessoal. Através de anos, permaneci verdadeiro menino espiritual, não obstante o Senhor jamais ter deixado de tocar-me quanto à maneira de eu levar a minha vida cristã. Admiti que ele estivesse procurando impulsionarme para uma total dedicação, e tomei em meu coração o propósito de dedicar-me inteiramente a ele. Chegou o tempo, finalmente, quando assim procedi, de fato.

Quando me ocorreu a experiência de uma submissão sem reservas ao Senhor, eu tinha vinte e três anos de idade e estava residindo em Mobile, no Estado de Alabama. Envolvi-me, então, profundamente nas atividades de minha igreja, uma proficiente e grande igreja, pertencente à Convenção do Sul dos Estados Unidos. Durante dois anos, atuei como um dos componentes do coro da igreja, fui diácono para o trabalho entre os juniores, fiquei com a responsabilidade do transporte com o ônibus da igreja, era um dos visitantes para as noites das quintas-feiras, era um dos pregadores nos trabalhos pertinentes à missão de recuperação de viciados, era obreiro da União de Treinamento e, ocasionalmente, funcionava como um dos professores em classe de Escola Bíblica Dominical. Eu estava procurando fazer o melhor que podia para o meu Senhor.

Já no fim de novembro de 1977, senti que Deus estava me chamando para obreiro de tempo integral em sua Causa. Imediatamente após essa chamada, experimentei a maior tragédia de minha vida. Entretanto, concomitantemente com a referida tragédia, o Senhor foi propício em conceder-me verdadeira superabundância de graça. Pelo fato de já contar, então, com dois anos de atividade na Causa do Senhor e, também, por ter passado por momentos de provação, eu considerava-me em condições para assumir outras

responsabilidades no serviço do Mestre. Estava pronto para ir e trabalhar para Jesus.

Em agosto de 1978, mudei para Dallas, Texas, a fim de matricular-me no Centro Criswell de Estudos Bíblicos, escola que se tem constituído fator admirável de bênçãos para minha vida. Logo depois de minha transferência para Dallas, o Senhor me concedeu a oportunidade de servir como pastor coordenador de evangelismo, através de um ônibus mantido pela Calvary Baptist Church, situada em Oak Cliff. Contávamos ali com um ônibus e um veículo utilitário. O itinerário estabelecido não variava. Dirigindo o ônibus por aquelas ruas, sentia-me como num paraíso de ministério. Em Oak Cliff há milhares de crianças. Então, tomei o propósito de tornar-me o mais eficiente ministro encarregado daquele trabalho em toda a história dos batistas do sul dos Estados Unidos. Eu não só já contava com suficiente experiência para o que ali me encontrava fazendo. Ocorreu-me, além disso, concitar aquele povo a dedicar tempo e dinheiro para que aquele ministério se tornasse cada vez mais frutífero. Almejava situar-me como o melhor dos ministros na folha de pagamento que Jesus tinha naquela igreja.

Fracassei! Graças a Deus por isso. Todos aqueles planos eram tão-somente meus. Era minha natureza carnal que estava estuante de entusiasmo. Verifiquei que todos os meus talentos, toda a minha experiência já acumulada e toda a minha capacidade motivadora que procurava desenvolver em nada frutífero resultaram para o Reino de Deus. Dentro de seis meses, desde quando tinha começado o trabalho ali, eis que o ônibus se encontrava aos pedaços. Eu não conseguia obter outros obreiros que se predispusessem a atuar naquele setor de evangelização com as crianças. Meu único auxiliar na orientação do trabalho através de um dos veículos teve de ir embora da cidade e, para cúmulo de minha tristeza, certa empresa, da qual tínhamos alugado mais um ônibus, estava propondo que

interrompêssemos o contrato antes assinado. Também, àquele tempo, eu estava enfrentando problemas relacionados com trabalhos escolares. Graças a Deus, era “eu” que estava fracassando na consecução dos meus planos “carnais” e nas iniciativas que procurava tomar como crente.

Certa segunda-feira, em março de 1979, sentindo-me em profundo desespero, tive o ensejo de encontrar-me com o Pastor de minha igreja, durante uma reunião semanal de planejamento dos trabalhos. No decorrer da conversa ali mantida com o Pastor, o Senhor mudou o curso de minha vida cristã. Ao discutirmos o ministério realizado com o serviço do ônibus da igreja, pretendi apresentar alegações para uma justificativa do fracasso que me era tão evidente. Sentindo uma profunda e premente frustração, eu disse: “Não sei o que está errado. Estou estudando com afinco; alcanço, porém, notas apenas suficientes para passar. Não tenho conseguido outras pessoas que me venham ajudar no trabalho com as crianças, não consigo o dinheiro necessário para expandir essa atividade tão importante da igreja, meu único auxiliar está indo embora e estou sentindo-me exausto mental e fisicamente.” Fiquei na expectativa de que o Pastor da igreja fosse me dizer que eu não era suficientemente dedicado, ou que não estava me empenhando inteiramente no trabalho ou que precisaria orar mais. Tal, porém, não foi o que o Pastor fez. Para minha surpresa, ele disse: “Jerry, vou dizer-lhe o que quero de você. Quero que você procure andar com Deus. Mesmo que você não consiga outro auxiliar para o trabalho com o ônibus, ou ninguém se disponha a trabalhar com as crianças, ou você não consiga consertar o ônibus, nem mesmo uma criança com quem realizar algum trabalho, o que desejo é que você ande com Deus. Pare com essa presunção de produzir os frutos por você mesmo e deixe isto com a Videira. Você precisa saber que não passa de simples ramo. Então, procure estar ligado ao tronco da Videira e consinta que seja daí que lhe advenha a seiva para

a produção de frutos espirituais. Descanse em Jesus. Pare de trabalhar para ele, e deixe que ele opere em e através de você.” Naquele dia, o conceito da união do crente com Cristo veio a tornar-se para mim em algo muitíssimo mais do que um mero jargão teológico. Tornou-se-me uma vivida realidade.

Aquele Pastor de minha igreja tinha procurado comunicarme a mensagem sobre a união do crente com Cristo desde o primeiro dia quando nos encontramos. Eu estava possuído do conhecimento teológico da mensagem, sem, todavia, a fruição de uma experiência persuasiva. Eu tinha mesmo de primeiro passar pela experiência do fracasso, para verificar que não podia realizar a obra de Deus para ele. Tão-somente o Senhor é quem pode realizar sua obra.

Chegado o verão daquele ano, o Senhor estava-me concedendo a bênção da confiança nele, que é, com efeito, o único Deus de fidelidade. Na medida em que procurei depositar nele a minha confiança, consentindo-lhe que realizasse, através de mim, a sua obra, pude verificar os frutos condizentes. Aproveu-lhe, então, enviar-me pessoas que me auxiliassem no trabalho e estimular outros no sentido de que procurassem adquirir um ônibus ainda bem conservado e que construíssem o lugar para abrigar os veículos e condições para a lavagem deles. Enviou um novo auxiliar para o serviço do ônibus. Melhor que tudo isso, as crianças não nos faltam. Deus não deixa de enviá-las. Domingo passado, tivemos cerca de 130 presentes na hora do culto, além de 30 adultos que recebem atenção num departamento destinado ao trabalho com pessoas de língua espanhola, que são os pais das crianças com que trabalhamos.

Tanto quanto verifico frutos em minha vida cristã, experimento também transformações marcantes em meu íntimo. As orações que dirijo a Deus não implicam apenas articulação de palavras. O Espírito de Deus me orienta nas orações. A Bíblia

me é agora a Palavra viva de Deus, dirigindo-se a mim diariamente. Anteriormente, eu costumava atentar para a Bíblia como se não passasse de compêndio de princípios. Agora, porém, sempre que participo de estudos em classe, empenho-me em buscar a face do Senhor, para que ele me ensine através dos professores. Antes, ninguém me tirava do pensamento que meu aprendizado provinha exclusivamente dos talentos de minha inteligência.

Com efeito, o Senhor tem-me concedido que frua da “vida abundante” em sua presença.

O Testemunho Pessoal de Russ Murphy

Fui salvo por Jesus com a idade de nove anos, na Primeira Igreja Batista de Hubbard, Texas, e fui batizado numa manhã de domingo de Páscoa, em 1961. Como é o caso relativamente a não pequeno número de crentes, também eu procurei viver despreocupado de responsabilidades diante de Deus na fase de minha adolescência e dos vinte anos. Cheguei, finalmente, a compreender que as pessoas que conviviam comigo, a julgar pelas minhas ações, nem de leve poderiam admitir que eu já fosse crente. Em 1974, casei com Saralyn Morgan, jovem bela e em plena experiência de desenvolvimento nas responsabilidades cristãs. Logo depois de nossas núpcias, tivemos o ensejo de encontrar-nos com Barry Wood, ministro universitário, a serviço da Primeira Igreja Batista de Lubbock, Texas. Foi sob sua liderança espiritual que fomos levados a mais sérios estudos bíblicos, a uma vida mais regular de oração e a uma preocupação mais condizente com os deveres do testemunho diante dos nossos semelhantes. Tornei-me ministro de música dessa igreja.

Como resultado de nosso maior envolvimento nas atividades espirituais, viemos a fruir de experiências

maravilhosas, e passamos por transformações significativas em nossa maneira de viver. Entretanto, tudo, em minha vida cristã, eu procurava realizar por meus próprios esforços. Por isso mesmo, os resultados foram falhas e fracassos. Na verdade, senti como se estivesse queimando inutilmente minhas energias espirituais. Fiquei, então, sob a impressão de que, quanto mais insistia em meus propósitos, mais esbarrava em fracassos. A sensação que me ocorreu foi semelhante à experimentada pelo apóstolo Paulo, ao exclamar: “Pois não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse pratico” (Rom. 7:19).

Na convivência que procurava manter, no círculo de crentes, tive ocasião de ouvir deles expressões como “união com Cristo” e “Cristo vive em nós”. Pude descobrir, então, que, quando me tornei filho de Deus, Cristo e eu nos tornamos um. Passei a entender que, quando ele foi crucificado, fui crucificado com ele. Estes conceitos, contudo, não passavam de meros conceitos em minha mente. Não tinham ainda resultado em mudanças em minha maneira de viver. Cristo ainda não estava vivendo “através de mim”.

Só há cerca de dois anos foi que, de modo definitivo, o Senhor me pôde trazer ao mais cabal entendimento de que me cumpre, como crente, agir de tal modo a deixar transparecer a convicção de encontrar-me já “morto para o pecado e vivo para Deus”. Até o momento quando essa luz me foi comunicada pelo Senhor, estava eu a insistir no propósito de “fazer o melhor que podia para Jesus”. Mas, uma vez na experiência da nova luz que passou a brilhar em meu íntimo, não mais procuro nutrir a presunção de fazer tentativas à base de minha própria inteligência. Passei a preferir uma atitude que implique uma absoluta confiança para com o Salvador. As vezes, surpreendo-me fazendo ainda as tais tentativas, mas imediatamente me conscientizo de que devo atentar para a Pessoa do Filho de Deus, a fonte exclusiva para que me seja dado que viva de acordo com a vontade divina.

Pelo fato de saber que estou identificado com Cristo, persuado-me de encontrar-me onde ele está, nos altos céus à destra do Pai (Ef. 2:6). Não mais me sinto comprimido a viver condicionado por circunstâncias desta vida. Cristo não se submete a imposições circunstanciais e, portanto, também eu não me tenho de condicionar a elas. Não mais tenho de experimentar ansiedades relacionadas com deficiências financeiras, uma vez que sei que Deus prometeu cuidar de mim, suprindo todas as minhas “necessidades segundo as suas riquezas”.

Exatamente como estou em Cristo, também ele vive em e através de mim. Ele é suficientemente capaz de proporcionar bênçãos às pessoas com que convivo diariamente. Assim vivendo em mim, estabelecem-se condições para que ele me comunique seus planos e suas preocupações concernentes às pessoas que me cercam.

E possível que o leitor se encontre sob a desagradável impressão de quem tenha as mãos algemadas atrás das costas, lutando e tentando libertar-se. Não é normal que assim esteja acontecendo, tampouco que continue a acontecer. Mediante a Pessoa de Jesus, já estamos livres; as algemas já foram partidas. Se confiarmos nas promessas divinas e nos persuadirmos de que somos “um” com Cristo, teremos uma vida vitoriosa tanto no tempo presente como na eternidade.

*Estou aprendendo a voar,
Estou aprendendo a correr,
Estou aprendendo a depender do Filho de Deus
ressuscitado.
Estou aprendendo a andar
Em meu lar eterno,
Enquanto vivo cada dia com
o Senhor em seu trono*

O Testemunho Pessoal de Janie Kuykendall

Desde quando posso me lembrar, tenho vivido sob a admissão de que Deus me ama. E, desde tenra infância, venho nutrindo o ideal de retribuir-lhe com o mais sincero amor. De fato, a capacidade de amá-lo com todas as veras de minha alma sempre me pareceu constituir-se padrão para minha conduta. Quando cheguei aos doze anos de idade, aceitei Jesus, dentro de meu coração, na qualidade de meu Senhor e Salvador.

Através dos anos de minha adolescência, sentia-me possuída por verdadeira paixão no sentido de demonstrar-me perfeita em tudo que fizesse. Especialmente, eu me sentia absorvida por esse ideal no quanto dissesse respeito a meus deveres acadêmicos e nos estudos de música. Como resultado desse anseio, pude alcançar muito êxito em minha carreira. Eu acreditava que Deus estava me proporcionando estímulos para alcançar este sucesso, mas não posso deixar de assinalar que tudo aquilo implicava muita exaustão, pois eu não queria, de maneira alguma, reduzir meus padrões de perfeição. Na verdade, experiências frustradoras me ocorreram por vezes. E, quando ocorriam essas experiências frustradoras, eu ficava profundamente deprimida.

Durante meus anos de estudos universitários, comentei-me de que o Senhor estava determinando que eu me casasse com um pastor, e isso me proporcionou alegria. Ocorria-me a vaidade de um ensejo no qual ia demonstrar a muitas mulheres como era que devia ser uma “autêntica” esposa de pastor. Verdadeira paixão passou a dominar meu ser no sentido de ser o “modelo” para as demais esposas de pastores. Dificilmente eu me negaria a realizar alguma tarefa que me fosse conferida na igreja. Todavia, falhas ocorreram, e com elas as profundas depressões. Como explicar, eu me esforçar tanto, e falhar tão miseravelmente?

Depois de anos de tentativas e falhas, concluí que não podia continuar assim com minha vida. Procurando respostas para o dilema, vim a compreender que a vida que levava estava voltada para o meu eu. Eu estava cônica de que a Bíblia ensina que Cristo deve viver através de nós, mas comigo não estava acontecendo assim. Essa revelação de que eu estava vivendo inteiramente de acordo com a “minha vontade” acarretou-me certo mal-estar.

Em adição ao mal-estar que prevalecia em minha alma, em virtude do meu estado “interior”, o Senhor consentiu que aumentassem as frustrações em minha vida “exterior”. Crescente desespero foi rapidamente me conduzindo quase ao colapso.

Na ocasião quando eu estava experimentando o mais profundo desespero, meu esposo estava passando pelas transformações espirituais descritas por ele no primeiro capítulo deste livro. A princípio, as vitórias e a alegria que ele denotava em sua nova maneira de viver até me causaram irritação.

Certo sábado a tarde, semanas depois de meu esposo encontrar-se na plena fruição de sua experiência de vida “identificada com Cristo”, cheguei ao ponto extremo até onde podia chegar. Senti-me como isolada em pleno deserto, sem nenhuma condição para que avançasse em alguma direção. Deixei-me ficar sob a mais vívida impressão de que me seria impossível realizar o ensino na classe da Escola Bíblica no domingo que ia seguir-se.

Exatamente naquele instante, meu esposo, chegando, de volta para casa, estendeu-me às mãos um certo opúsculo. Comecei a lê-lo. Enquanto eu lia, o Senhor falou-me. Através daquele opúsculo, Deus mostrou-me que “em Cristo” passei a ser nova criatura e, como tal, estava na posse de uma nova mente. Com isto, passei a pensar diferentemente.

Naquela tarde de sábado aprouve ao Espírito Santo transformar minha vida mental. Imediatamente passei a ver Deus diferentemente. Pareceu-me repentinamente que, quando me tornei crente aos meus doze anos de idade, na verdade me identifiquei com Cristo Jesus. Tinha entrado desde a conversão, portanto, nessa nova situação, de modo que estava identificada com ele em sua morte, sepultamento, ressurreição e entronização. Naquele dia obtive, pela primeira vez, a persuasão de que, assim identificada com Cristo, encontravame morta para o pecado e viva para Deus.

Naquela tarde de sábado, me foi dada a felicidade da persuasão mais profunda relativamente à minha identificação com Cristo na sua morte, sepultamento, ressurreição e entronização, e daquele dia em diante minha vida passou a transformar-se.

Depois de anos de frustrações, eis-me novament a sentirme bem-aventurada por ser esposa de pastor. Minha vida de oração transformou-se radicalmente. Não mais me ocorreu seguir forma rotineira de orar a Deus. Porque o Senhor passou a ensinar-me a orar visando os interesses de sua Causa, e consoante sua vontade, e não a minha.

Sinto agora um novo e incomensurável amor para com todas as pessoas fluir continuamente do coração de Deus para o meu. Experimento um incessante amor para com os outros. Porque o Senhor tem comunicado ao meu coração um intenso anelo relativamente a tudo que o possa glorificar.

Agora não experimento constrangimentos quando sinto que tenho de recusar-me a fazer algo em minha igreja, por não estar persuadida da direção do Espírito Santo.

Além do mais, não me afobo com referência à orientação de meus filhos. Também, pela graça de Deus, tenho consentido

em deixar com o próprio Senhor a tarefa de salvar meus filhos e netos. Tem-me sido tão agradável deixá-los aos cuidados do amorável Pai Celestial!

Nosso Senhor tem realizado tal operação graciosa em minha vida, que procuro apenas corresponder aos estímulos que dele vêm, e não arvorar-me a qualquer iniciativa.

Já faz quase dez anos desde que passei a persuadir-me de estar morta para o pecado e viva para Deus. Diariamente e muitas vezes ao dia ponho-me a tomar em consideração minha condição de pessoa já identificada com Cristo na sua morte, sepultamento, ressurreição e entronização. Assim insistindo em proceder, o amorável Senhor vai continuando a operar mudanças necessárias em minha maneira de viver.

Glórias lhe sejam, portanto, tributadas!

Uma Palavra Final do Autor

Este livro contém testemunhos relativos a algumas das verdades relacionadas com a experiência da “identificação do crente com Cristo”. O Novo Testamento nos deixa claro que a experiência da “identificação do crente com Cristo” e de molde a produzir conseqüências em sua vida. Trata-se de operação vivencial.

Também neste livro estão exarados testemunhos concernentes a experiências vividas por alguns de nós, cuja vida está “identificada com Cristo”. Damos aqui o testemunho de que a nossa persuasão da “identificação do crente com Cristo” tem proporcionado benéficos efeitos em nossa maneira de viver. Trata-se de operação vivenciai.

Sentimo-nos venturosos em confessarmos nossa convicção de que é em Cristo que “vivemos, nos movemos e existimos”.

David Kuykendall

